



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE INFANTARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO AFEGANISTÃO

AUTOR: Aspirante-Aluno Teixeira Rocha

ORIENTADOR: Tenente-Coronel Silva Vieira

Lisboa, Setembro de 2008



ACADEMIA MILITAR

DIRECÇÃO DE ENSINO

CURSO DE INFANTARIA

TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO APLICADA

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NO AFEGANISTÃO

AUTOR: Aspirante-Aluno Teixeira Rocha

ORIENTADOR: Tenente-Coronel Silva Vieira

Lisboa, Setembro de 2008

Aos quatro

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de inúmeras pessoas que dentro dos seus conhecimentos e influências concorreram para que este trabalho pudesse ser lido. Aproveito esta oportunidade para expressar a todos os meus sinceros agradecimentos não deixando de destacar as pessoas que contribuíram de forma mais decisiva para esta realidade.

Em primeiro lugar ao Tenente-Coronel Silva Vieira, por me ter concedido a honra de me orientar na realização deste trabalho, fornecendo indicações preciosas na condução e correção do mesmo, garantindo a coerência necessária na utilização dos termos de um tema tão específico.

Ao Tenente-General Sousa Lucena, pela entrevista concedida que me permitiu entender o envolvimento da Acção Psicológica em Moçambique na Guerra de África (1961-74) e pela disponibilidade e prontidão em esclarecer qualquer assunto relacionado.

Ao Tenente-Coronel (DEU) Michael Schierenberg, pela amabilidade e disponibilidade em conceder-me uma entrevista, proporcionando a percepção do Comandante da CJPOTF da ISAF X e pela prontidão no esclarecimento de qualquer assunto relacionado.

Ao Tenente-Coronel Marques Saraiva, pela informação, primeiro testemunho e percepção interna do Ambiente Operacional no Afeganistão e especificamente ao nível das Operações Psicológicas.

Ao Tenente-Coronel Ramos Vieira pela motivação na escolha do tema do trabalho, informação cedida e primeiro contacto com as Operações Psicológicas e também, pela entrevista concedida, testemunho na primeira pessoa das Operações Psicológicas na ISAF VII e VIII.

Ao Capitão Gilberto Lopes pela disponibilidade imediata, informação cedida e pelo testemunho das Operações Psicológicas na ISAF IX.

Ao Capitão Hugo Rodrigues, pela disponibilidade, documentação fornecida, e testemunho, concedido informalmente e através de entrevista, das Operações Psicológicas na ISAF XI.

Ao Sargento-Mor (EUA) Herbert Friedman pelo esclarecimento de alguns aspectos relacionados com as Operações Psicológicas na Operação *Enduring Freedom*.

Ao Professor Lind-Guimarães, da Academia Militar, pela ajuda na interpretação e correções ortográficas e gramaticais no uso da língua inglesa.

Aos meus Pais, Irmã e Namorada por, ao longo destes 5 anos de Academia Militar, me terem motivado, apoiado e dado as condições, para que pudesse finalizar mais esta etapa.

A todos o meu “Muito Obrigado”.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	vii
ÍNDICE DE QUADROS	viii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	ix
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO	1
I – AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS	5
1. A Dimensão Psicológica dos Conflitos	5
2. Estados Unidos da América	6
3. Organização do Tratado do Atlântico Norte	8
4. Portugal	9
4.1. Guerra de África (1961-74) – Acção Psicológica	9
4.2. Actualidade	11
5. Conceitos Chave	11
II – AS OPERAÇÕES MILITARES EM ANÁLISE	15
1. O Teatro de Operações: Afeganistão	15
2. Operação <i>Enduring Freedom</i> : A Campanha Psicológica	16
2.1. Os Antecedentes	16
2.2. Fase I – Intervenção Inicial	17
2.3. Fase II – Entrada das Forças convencionais	19
2.4. Fase III - Consolidação	21
2.5. Entrada na Operação de estabilização	22
3. <i>International Security Assistance Force</i>	23

III – O CONTRIBUTO DAS PSYOPS NO AFEGANISTÃO	27
1. Na OEF.....	27
1.1. Os Resultados na Operação <i>Enduring Freedom</i>	27
1.2. Comparação com a Operação Nó Górdio.....	30
2. Na ISAF	33
2.1. Missões e Linhas de Operação.....	33
2.2. Os Objectivos Psicológicos.....	35
2.3. Considerações Finais	39
 CONCLUSÕES	 41
 BIBLIOGRAFIA	 47
Referências Bibliográficas	47
Bibliografia Complementar.....	49
Entrevistas.....	50
 ANEXOS	
Anexo A – Estudo do Meio Humano: Análise do Quadro e das Estruturas	A-1
Anexo B – O Acordo de Bonn.....	B-1
Anexo C – Produtos da Campanha Psicológica na OEF.....	C-1
Anexo D – Entrevistas	D-1
Anexo E – Constituição da ISAF.....	E-1
Anexo F – Constituição da CJPOTF	F-1
Anexo G – O Ciclo de Desenvolvimento de Produtos	G-1
Anexo H – Produtos das Várias LOP da CJPOTF	H-1
Anexo I – Operação Nó Górdio.....	I-1
Anexo J –Indicadores da Eficácia de PSYOPS da ISAF	J-1

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Panfleto AFD189: Ataque ao World Trade Center	C-1
Figura 2: Panfleto AFD22b Frente: “Os Terroristas não reconhecem fronteiras”	C-1
Figura 3: Poster AFC035: Ataque ao World Trade Center	C-1
Figura 4: AFD-22b Frente: “A Sociedade das Nações está aqui para ajudar”	C-2
Figura 5: Panfleto AFD40d Frente: AC130 <i>Spectre</i>	C-2
Figura 6: Panfleto AFD40d Verso: “Sabemos onde estão escondidos”	C-2
Figura 7: Panfleto AFD40e Frente e Verso: “Sabemos onde estão escondidos”	C-2
Figura 8: Panfleto AFD10c F: “A Sociedade das Nações está aqui para ajudar”	C-3
Figura 9: Panfleto AFD10c V: “Ajudar o povo do Afeganistão”	C-3
Figura 10: Rádio <i>Kaito</i>	C-3
Figura 11: Afegão a usar o <i>Kaito</i>	C-3
Figura 12: Panfleto AFD06: Frequência Rádio da Coligação	C-4
Figura 13: Panfleto AFD16g frente: "Está a ser lançada ajuda"	C-4
Figura 14: Panfleto AFD16g verso: "Está a ser lançada ajuda"	C-4
Figura 15: Panfleto AFD39 Frente e Verso: "Comida / Perigo bomba"	C-5
Figura 16: Panfleto AFD12b: "EUA doaram milhões de dólares para ajudar"	C-5
Figura 17: Panfleto AFD69b Frente: “Al-Qaeda: pensam que estão seguros...”	C-6
Figura 18: AFD69b Verso: ..."no vosso túmulo?"	C-6
Figura 19: Panfleto AFD62 Frente: “sabemos onde estão”	C-6
Figura 20: Panfleto AFD62: "deixem de lutar pelos Talibã e vivem"	C-6
Figura 21: Ciclo de Desenvolvimento de Produtos de PSYOPS	G-1
Figura 22: Panfleto: Prevenção contra IED	H-1
Figura 23: Panfleto: Reportar IEDs à polícia	H-1
Figura 24: Trifold: Combate ao Narcotráfico	H-2
Figura 25: Artigo: Combate ao Narcotráfico	H-2
Figura 26: Panfleto: Promoção ao ANA	H-3
Figura 27: Artigo: Ataques suicidas vs Islão	H-3
Figura 28: Panfleto: Reconstrução do Afeganistão	H-4
Figura 29: Panfleto: Futuro do Afeganistão	H-4
Figura 30: Panfleto: Reconstruir o Afeganistão	H-4
Figura 31: Artigo: Pneumonia	H-5
Figura 32: Artigo: Dar Esperança	H-6
Figura 33: Artigo: Dar Esperança	H-6

Figura 34: Artigo: Apoio ao Presidente Hamid Karzai	H-7
Figura 35: Artigo: Apoio ao programa governamental contra a fome	H-7
Figura 36: Artigo: Cooperação entre ISAF e Governo Afegão	H-8
Figura 37: Artigo: Hamid Karzai apoia Expansão da ISAF	H-8
Figura 38: Novelty Items	H-9
Figura 39: Cartaz: Expansão ao RC West	H-9
Figura 40: Matriz de Coordenação de meios no apoio às Eleições	10
Figura 41: Cartaz: Eleições e Desenvolvimento do Afeganistão	H-11
Figura 42: Trifold: Apresentação das forças Lituanas	H-11
Figura 43: Panfleto: Comportamentos a adoptar em Checkpoint	12
Figura 44: Mapa do Distrito de Cabo Delgado	I-1
Figura 45: Plano da Acção Militar Terrestre na OpNG	I-1

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Diferenças nas Definições de PSYOPS	12
Quadro 2: Coordenação entre PSYOPS e Manobra na OEF	28
Quadro 3: Coordenação entre APSIC e Manobra na OpNG	31

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AJP	<i>Allied Joint Publication</i> Publicação Conjunta da Aliança do Tratado Atlântico Norte
ANA	<i>Afghan National Army</i> Exército Nacional Afegão
ANP	<i>Afghan National Police</i> Polícia Nacional Afegã
ANSF	<i>Afghan National Security Forces</i> Forças de Segurança Nacionais Afegã
AOR	<i>Area of Responsibility</i> Área de Responsabilidade
AOO	<i>Area of Operations</i> Área de Operações
APSIC	Acção Psicológica
CENTCOM	<i>Central Command</i> Comando Central das Forças Norte-Americanas
CIMIC	<i>Civilian Military Cooperation</i> Cooperação Civil Militar
CJPOTF	<i>Combined Joint Psychological Operations Task-Force</i> Força-Tarefa Conjunta e Combinada de Operações Psicológicas
COFI	Comando Operacional das Forças de Intervenção de Moçambique
COMISAF	<i>Commander ISAF</i> Comandante da ISAF
CPO	<i>Combat Psychological Operations</i> Operações Psicológicas de Combate
CRO	<i>Crisis Response Operations</i> Operações de Resposta a Crises
CRPO	<i>Crisis Response Psychological Operations</i> Operações Psicológicas de Resposta a Crises
EME	Estado-Maior do Exército
EUA	Estados Unidos da América
FM	<i>Field Manual</i> Manual de Campanha do Exército dos Estados Unidos da América

FMT	<i>Forward Media Team</i> Equipa de Avançada de Correspondentes (jornalistas)
GOA	<i>Government of Afghanistan</i> Governo do Afeganistão
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
HARRC	<i>Headquarters Allied Rapid Reaction Force</i> Quartel-General do Corpo de Reacção Rápida da NATO
HQ	<i>Headquarters</i> Quartel-General
IED	<i>Improvised Explosive Device</i> Engenho Explosivo Improvisado
INFO OPS	<i>Information Operations</i> Operações de Informação
ISAF	<i>International Security Assistance Force</i> Força Internacional de Segurança e assistência para o Afeganistão
JCEB	<i>Joint Coordination Effect Branch</i> Repartição Conjunta de Coordenação de Efeitos
JCMB	<i>Joint Coordination Monitoring Board</i> Fórum Conjunto de Monitorização e Coordenação
JOA	<i>Joint Operations Area</i> Área de Operações Conjunta
JPOTF	<i>Joint Psychological Operation Task-Force</i> Força-Tarefa Conjunta de Operações Psicológicas
LOP	<i>Line of Operations</i> Linhas de Operação
NA	<i>Northern Alliance</i> Aliança do Norte
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i> Organização do Tratado Atlântico Norte
NRDCT-I	NATO Rapid Deployable Corps – Italy Corpo de Projecção Rápida da NATO – Itália
NRDCT-T	NATO Rapid Deployable Corps – Turkey Corpo de Projecção Rápida da NATO – Turquia
OEF	<i>Operation Enduring Freedom</i> Operação Enduring Freedom
OO	Objectivo Operacional

OP	Objectivo Psicológico
OpNG	Operação Nó Górdio
OPO	<i>Operational Psychological Operations</i> Operações Psicológicas de nível Operacional
PI	<i>Public Information</i> Informação Pública
PIB	Produto Interno Bruto
PRT	<i>Provincial Reconstruction Team</i> Equipa de Reconstrução Provincial
PSYOPS	Psychological Operations Operações Psicológicas
RC	Regional Command Comando Regional
RCI	Regulamento de Campanha Informações
RCO	Regulamento de Campanha Operações
RCPSE	Regional Command PSYOPS Support Element Elemento de Apoio de Operações Psicológicas do Comando Regional
SOCOM	<i>Special Operations Command</i> Comando das Operações Especiais Norte-Americanas
SOF	<i>Special Operations Forces</i> Forças de Operações Especiais
SPO	<i>Strategic Psychological Operations</i> Operações Psicológicas Estratégicas
SUPLAN	Supporting Plan Plano de Apoio de Operações Psicológicas
TA	<i>Target Audience</i> Audiências Alvo
TAA	<i>Target Audience Analysis</i> Análise das Audiências Alvo
TDM	<i>Theatre Distribution Manager</i> Responsável da CJPOTF pela Distribuição de Produtos no Teatro
TF	<i>Task-Force</i> Força-Tarefa
TPF	<i>Tactical PSYOPS Force</i> Força Tática de Operações Psicológicas

TPO	<i>Tactical Psychological Operations</i> Operações Psicológicas de nível Tático
TPSE	<i>Theatre PSYOPS Support Element</i> Elemento de Apoio de Operações Psicológicas de Teatro
TPT	<i>Tactical PSYOPS Teams</i> Equipas Táticas de Operações Psicológicas
UN	<i>United Nations</i> Organização das Nações Unidas
UNSC	<i>United Nations Security Council</i> Conselho de Segurança das Nações Unidas
UNSCR	<i>United Nations Security Council Resolution</i> Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas
USAir Force	<i>United States Air Force</i> Força Aérea dos Estados Unidos da América
USArmy	<i>United States Army</i> Exército dos Estados Unidos da América
USDoD	<i>United States Department of Defence</i> Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América
USMarine Corps	<i>United States Department of Defence</i> Corpo de Marines dos Estados Unidos da América
USNavy	<i>United States Navy</i> Marinha dos Estados Unidos da América
VSAT	<i>Very Small Aperture Terminal</i> Terminais de Satélite de Abertura Muito Pequena
WTC	<i>World Trade Center</i>

RESUMO

O presente trabalho tem como objectivo averiguar se a orientação da missão das unidades de Operações Psicológicas era a mais adequada para apoiar a manobra da coligação na Operação *Enduring Freedom* e da *International Security Assistance Force* na actual operação de estabilização levada a cabo no Afeganistão.

Inicia-se pela exposição das doutrinas de Operações Psicológicas de referência onde se explica que são operações militares desenvolvidas utilizando meios de comunicação sobre determinadas audiências seleccionadas, para influenciar as suas percepções, atitudes e comportamentos de forma a facilitar os objectivos definidos. São explicadas as diferentes doutrinas e principais conceitos relacionados.

Numa segunda fase detalha as operações militares em estudo, dividindo a Operação *Enduring Freedom* nas suas fases distintas e descrevendo as actividades de apoio de Operações Psicológicas em cada uma delas. A Operação de Estabilização actual é estudada a partir da *International Security Assistance Force* VII até à actualidade, em cada missão são apontados os principais objectivos e prioridades da força e paralelamente as actividades de apoio de Operações Psicológicas.

O problema é analisado incidindo sobre as relações objectivo-resultado e manobra-apoio, analisando os indicadores que indiciam resultados da acção das Operações Psicológicas. São também comparadas as missões e objectivos das forças em estudo e a forma como as actividades de Operações Psicológicas desenvolvidas concorrem para alcançar os objectivos definidos.

Conclui-se com algumas reservas, que o desempenho das Operações Psicológicas era adequado ao cumprimento da missão. Conclui-se ainda que os resultados obtidos pelas mesmas, são afectados pela acção de múltiplas variáveis que condicionaram e anularam alguns efeitos das Operações Psicológicas e a forma como estas concorreram para apoiar os objectivos finais da Operação *Enduring Freedom* e da *International Security Assistance Force*.

PALAVRAS-CHAVE: OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS, AFEGANISTÃO, ISAF, OPERAÇÃO ENDURING FREEDOM.

ABSTRACT

This monograph aims to determine if the application of the mission of the Psychological Operations Units was the most suitable to support the maneuver of Operation Enduring Freedom Coalition Forces in the present stabilization operation going on in Afghanistan.

First, we compare several armies' reference doctrines on Psychological Operations, to explain that Psychological Operations are military operations that use the media through selected audiences to influence their perceptions, attitudes and behaviors so that they can better facilitate the unit's final objectives. The main differences between the various doctrines and related terms are also explained.

The second phase of this monograph details the military operations studied, dividing Operation Enduring Freedom into its several phases, explaining the support activities of Psychological Operations units in each of those phases. The present stability operation is studied from International Security Assistance Force VII mission to the present, indicating in each stage the main goals and priorities, and simultaneously the Psychological Operations activities in support of those goals.

The analysis focuses on the objective-result and maneuver-support relations, studying the indicators of Psychological Operations results. The missions and objectives of the forces studied are compared too, such as the way their activities affected the achievement of the selected objectives.

Conclusions indicate, with some reservations, that Psychological Operations support to Operation Enduring Freedom coalition forces and International Security Assistance Force was the most adequate to fulfill their objectives. We also found some variables to Psychological Operations forces activities conditioning and reducing their effectiveness.

KEY WORDS: PSYCHOLOGICAL OPERATIONS, AFGHANISTAN, ISAF, OPERATION ENDURING FREEDOM

INTRODUÇÃO

... the cognitive domain is in the minds of the participants (...) This is the domain where many battles and wars are actually won and lost (Alberts, et al., 2001 p. 13)

Num mundo actual onde tudo é inconstante, onde os conflitos e todas as suas variáveis são instáveis e voláteis, onde se multiplicam as ameaças ao que, agora, chamamos convencional, o controlo da informação torna-se uma necessidade importante de qualquer força, a par da articulação coordenada de todas as funções de combate, uma vez que são vitais para o sucesso do cumprimento da missão e da protecção da força. Se concluirmos, como Watson (1978), que desde o final da II Guerra Mundial foram várias as guerras desenvolvidas sob a forma de guerrilha e contra-guerrilha numa luta pelos “hearts and minds” da população na zona de conflito, e tendo em conta a concepção de Alberts (2001), em que as operações militares se desenvolvem numa trilogia de três domínios (o físico, o cognitivo e o das informações), facilmente se torna perceptível que o domínio decisivo das operações militares modernas, com estas características, é o domínio cognitivo.

Neste domínio, cujos subdomínios são as mentes individuais de cada actor, singular, que tome parte no conflito (aliado, hostil ou neutro), têm lugar percepções, juízos de valor, entendimentos, crenças e valores. Se as dificuldades principais se prendem com a não-aceitação dos valores que se tentam inculcar, resultando daqui novas ameaças, a solução pode bem passar por tentar influenciar o entendimento da informação pelos vários agentes dos teatros de operações. É neste domínio que entram as Operações Psicológicas (PSYOPS), que apesar de não serem uma ferramenta nova, revestem-se agora de uma nova importância.

Nesta luta pelos “corações e mentes”, as PSYOPS actuam facilitando a acção das forças de manobra no campo de batalha. No caso concreto do Afeganistão verifica-se a presença de militares actuando quer em estruturas de PSYOPS, quer integrando as forças de estabilização. Assim, surge a oportunidade de estudar a relação entre estes tipos de forças e inferir sobre as sinergias que produzem.

Neste enquadramento, o objectivo deste trabalho é avaliar o contributo dado pelas PSYOPS na prossecução dos objectivos militares no Afeganistão durante a Operação *Enduring Freedom* (OEF) e na actual fase de estabilização levada a cabo pela International

Security Assistance Force (ISAF). A escolha do tema é resultado de um recente e crescente interesse das Forças Armadas por este tipo de operações, interesse esse que, no caso português, não se verificava desde a Guerra de África (1961-1974), ao qual se soma a participação de militares portugueses em diversos teatros de operações, desempenhando funções relacionadas com as PSYOPS, as Operações de Estabilização, ou como no caso do Afeganistão, ambas simultaneamente. Assim sendo, a análise da cooperação entres estes dois tipos de forças constitui-se como uma oportunidade única e irrecusável.

Este estudo pretende responder à seguinte questão central: as PSYOPS estiveram/estão correctamente orientadas para apoiar a Coligação (na OEF) e a ISAF no cumprimento das suas missões?

Deverá da mesma forma responder às seguintes questões derivadas:

- Quais os Objectivos Psicológicos definidos e Audiências-Alvo (TA) seleccionadas?
- As PSYOPS demonstraram/ têm tido sucesso em influenciar as TA de forma a facilitar o cumprimento da missão da força?
- É verificável um paralelismo entre as PSYOPS actuais e a Acção Psicológica (APsic) da Guerra de África (1961-74)?

Para que seja possível responder a estas questões torna-se necessário abordar previamente as principais temáticas relacionadas. Com esse intuito, será desenvolvido um capítulo introdutório referente à parte conceptual onde será abordado o enquadramento das PSYOPS nas Operações Militares, os principais conceitos nucleares e comparadas sucintamente as várias doutrinas de referência. No segundo capítulo, será explicada a OEF e a evolução da ISAF até à actualidade, salientando as actividades das unidades de PSYOPS envolvidas. No capítulo final, tendo em conta as relações manobra-apoio de PSYOPS e objectivos-resultados, procurar-se-á responder às questões formuladas. Ainda neste capítulo, será desenvolvida uma analogia entre a campanha psicológica na OEF e na Operação Nó Górdio (OpNG), em Moçambique (1970), com vista à avaliação do paralelismo anteriormente enunciado. A escolha da OpNG justifica-se por ter sido a maior operação militar desenvolvida nos três teatros da Guerra de África, conflito onde as PSYOPS, na altura sob a designação de APsic, se revestiam de uma importância vital na luta anti-subversiva com características muito semelhantes ao que se verifica no teatro de operações afegão. Respondidas as questões, serão confirmadas ou negadas as seguintes hipóteses:

- H1 – As PSYOPS tiveram um desempenho adequado e sucesso no apoio à manobra da Coligação na OEF.
- H2 – As PSYOPS têm tido um desempenho adequado e sucesso no apoio à missão da ISAF no actual processo de estabilização.
- H3 – Confirma-se um paralelismo entre a APsic e as PSYOPS actuais.

A análise dos factos deverá incidir em dois períodos: o primeiro relacionado com a OEF, que se inicia a 11 de Setembro de 2001 e termina em Dezembro de 2002, quando a OEF assume características de uma operação de estabilização; o segundo relativo à ISAF, que se inicia na missão da ISAF VII prolongando-se até à missão da actual ISAF XI. A análise deverá apenas ter em conta as doutrinas de referência nas várias operações, ou seja, a doutrina Norte-Americana na OEF, a doutrina da Organização do Tratado Atlântico Norte (NATO) na ISAF e a doutrina nacional de APsic da década de 60, na OpNG.

O método a utilizar será o método indutivo. Consistirá fundamentalmente na análise de alguma bibliografia, documentação oficial e estudos estatísticos sobre o tema, o que permitirá relacionar as actividades com os resultados. No entanto, para se conseguir uma perspectiva mais directa sobre o objecto, a realização de entrevistas torna-se fundamental para obter uma perspectiva directa das operações e interpretação da documentação. Portanto, conforme a adequabilidade e oportunidade serão incluídas também, alguns contributos pertinentes dessas entrevistas a militares com experiência em operações psicológicas nos referidos teatros.

Embora constitua também propósito desta investigação a avaliação de resultados das PSYOPS no Afeganistão, esta constitui-se como uma das maiores dificuldades para os militares que a planeiam e executam, e por outro lado reveste-se sempre de alguma subjectividade associada às inúmeras variáveis da natureza humana, esta última como sabemos, objecto das PSYOPS. Assim, a análise e conclusões apresentadas no final deste trabalho, constituem somente, o ponto de vista do autor sobre o assunto, após aturada reflexão e investigação, podendo em grande medida, ser influenciadas pelas limitações encontradas no acesso às fontes oficiais.

I – AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

As Forças militares não podem, de facto, alhear-se da existência actual de uma «arma psicológica» de valor preponderante e da sua aplicação tanto defensiva como ofensiva (EME, 1963 p. VI)

Antes de nos debruçarmos sobre o problema central deste trabalho, é importante conhecer os aspectos conceptuais do tema, ou seja, é indispensável explicar o que são as PSYOPS à luz das várias doutrinas de referência, quais as suas categorias, como concorrem para auxiliar a manobra e definir alguns conceitos que melhor caracterizam as PSYOPS na actualidade.

É igualmente relevante, tendo em conta a analogia que será desenvolvida no terceiro capítulo entre as PSYOPS no Afeganistão e na Guerra de África (1961-1974) no teatro de Moçambique, entender a forma como eram vistas estas operações, na altura sob a designação de Acção Psicológica.

1. A DIMENSÃO PSICOLÓGICA DOS CONFLITOS

As PSYOPS não são uma forma recente das operações militares, pelo contrário, são vários os relatos da utilização deste tipo de operações ao longo dos tempos, seja de um modo mais indirecto e ponderado ou de um modo mais directo e espontâneo. A verdade é que desde sempre existiu uma componente psicológica associada aos conflitos armados e que esta componente está relacionada com o fluxo de informação entre os seus intervenientes.

Para entender o modo como a informação afecta a condução de operações militares é necessário considerar, como Alberts (2001), os seus três domínios: o domínio físico, o domínio da informação e o domínio cognitivo.

Segundo este autor, o domínio físico é onde se encontra a situação que os militares procuram influenciar, é onde se desenrola a manobra. É neste domínio onde tradicionalmente se faz a medição dos resultados, uma vez que é aqui que a medição dos objectivos se faz com maior facilidade.

O domínio da informação é onde circula a informação, onde é criada, manipulada e partilhada, e onde é possível a comunicação entre os intervenientes das operações militares. A informação que circula neste domínio pode não reflectir o que acontece no domínio físico uma vez que toda a informação que recebemos deste domínio é afectada

pela forma como interagimos com o domínio da informação, ou seja pela nossa percepção da realidade. É aqui que entra o domínio cognitivo.

O domínio cognitivo é composto pelas mentes dos participantes, é onde se encontram as percepções, as crenças e valores e conseqüentemente onde as decisões são tomadas. Este é o domínio afectado pela liderança, pelo moral, pela coesão, nível de treino, experiência ou leitura da situação operacional. Os atributos deste domínio são extremamente difíceis de avaliar uma vez que cada sub-domínio, cada mente individual é única.

Tendo em conta estes três domínios podemos facilmente relacioná-los de forma a entender o objecto, a importância e o modo de produção de resultados das PSYOPS. As PSYOPS actuam ao nível do domínio cognitivo, para influenciar a interacção dos seus alvos (o individuo ou um grupo) com o domínio da informação, originando efeitos no domínio físico e no domínio da informação, que induzem estes alvos a conduzir as acções previstas pela operação psicológica, ou seja, o estado final psicológico desejado, que naturalmente concorre para os objectivos operacionais da missão.

2. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O Exército Norte-americano é, actualmente, um dos mais evoluídos, e com base nos conflitos actuais em que se envolveu e permanece envolvido, também um dos mais experientes. É portanto normal que mantenha bastante actualizada a sua doutrina sobre todos os domínios das operações, não sendo excepção as PSYOPS.

No manual de campanha *Operations* (US Army, 2008) são definidas cinco tarefas¹ ao nível da informação para moldar o ambiente de informação e por consequência o ambiente operacional (US Army, 2008). Uma dessas acções, *Information Engagement*, visa informar através do emprego da capacidade de Assuntos Civis audiências internas e amigas, bem como influenciar audiências externas e designadamente os seus líderes, de forma a modificar os seus comportamentos de molde favorável. Ao nível do *Information Engagement*, dirigido a audiências externas, são definidas várias capacidades que a força deve ter, entre as quais se incluem as PSYOPS. Estas são definidas como operações planeadas para levar informação a audiências externas de modo a influenciar emoções, motivações, percepções e, finalmente, os comportamentos de governos estrangeiros, organizações, grupos, e indivíduos de forma a reforçar a tomada de atitudes e comportamentos favoráveis aos objectivos dos seus autores (US Joint Staff, 2003).

¹ *Information Engagement*, Guerra de Comando e Controlo, Protecção da Informação, Segurança das Operações, e a Decepção Militar.

O termo “audiências externas”, grupo seleccionado para ser influenciado através de meios de PSYOPS, prende-se com a limitação imposta legalmente às unidades de PSYOPS de conduzir qualquer acção psicológica sobre cidadãos Norte-Americanos, no entanto, prevê a utilização de meios de PSYOPS para providenciar Informação Pública (PI) dirigida a audiências Norte-Americanas em períodos de desastre ambiental ou crise, e ainda sobre TA externas para informar, no intuito de restaurar ou reforçar a legitimidade de forças Norte-Americanas num qualquer cenário de conflito ou crise (US Army, 2005).

Para o exército Norte-Americano, a importância deste tipo de operações, prende-se com a possibilidade da diminuição do número de baixas entre os militares pela redução da vontade de combater do adversário, do seu moral e conseqüentemente da sua eficiência para combate (US Army, 2005). Podendo actuar também, no sentido de desacreditar os elementos da cadeia de comando, desarticulando a organização inimiga levando a que os soldados se rendam sem lutar, sendo nesse âmbito, consideradas uma capacidade nuclear das Operações de Informação (INFO OPS) e da sua vertente exclusivamente militar a Guerra de Comando e Controlo². São vistas também, como operações de moldagem que criam e preservam oportunidades para o lançamento da Operação Decisiva (US Army, 2005), mas também lhes são atribuídas responsabilidades e possibilidades de actuação durante todas as fases dum conflito.

O Exército Norte-americano define três categorias de operações psicológicas (US Joint Staff, 2003):

- PSYOPS Estratégicas (SPO), que desenvolvem actividades de informação internacional, levadas a cabo pelas agências governamentais Norte-Americanas, com vista a atingir as metas e objectivos do governo dos EUA em tempo de paz e conflito;
- PSYOPS Operacionais (OPO), conduzidas em todo o espectro das operações militares, incluindo as levadas a cabo em tempo de paz, numa Área Operacional Conjunta (JOA) bem definida, para garantir a eficiência das campanhas desenvolvidas pelo comandante da força;
- PSYOPS Tácticas (TPO), conduzidas numa área de responsabilidade (AOR) de um comandante de uma unidade táctica, para apoiar a missão táctica atribuída a essa comandante.

Esta divisão em categorias tem em conta, unicamente, o nível das operações, e é diferente da classificação definida pela Aliança Atlântica como veremos mais à frente.

² Os cinco pilares da Guerra de Comando e Controle são a Segurança das Operações, Decepção Militar, Guerra Electrónica, PSYOPS e Destruição Física.

3. ORGANIZAÇÃO DO TRATADO ATLÂNTICO NORTE

A Política da Organização do Tratado Atlântico Norte é definida por acordo entre os seus estados membros, é por isso provável que as doutrinas de cada membro sejam semelhantes uma vez que derivam da doutrina NATO.

A doutrina da aliança para as Operações Psicológicas define as PSYOPS como sendo actividades psicológicas planeadas que usam métodos de comunicação e outros meios, dirigidas a audiências aprovadas com vista a influenciar percepções, atitudes e comportamentos, contribuindo assim para a prossecução de objectivos políticos e militares (NATO, 2003). Por audiências aprovadas entende-se um indivíduo ou um grupo seleccionado para ser influenciado ou atacado por meios de PSYOPS, no entanto, a NATO impõem limitações na selecção destas audiências. Assim, as forças NATO, estão proibidas de conduzir PSYOPS sobre elementos da Imprensa Internacional, sobre nações ou forças de nações NATO ou coligações NATO/aliados, e sobre civis exteriores à JOA (NATO, 2003).

Apesar de a definição da doutrina aliada não apresentar grandes diferenças da doutrina norte-americana, existem porém, algumas diferenças que se colocam sobretudo quanto às categorias de PSYOPS. Enquanto a divisão Norte-Americana é baseada exclusivamente no nível das operações, a divisão NATO, tem em conta, para além do nível das operações, o espectro das Operações Militares (NATO, 2007). Assim sendo, as três categorias de Operações Psicológicas reconhecidas pela NATO são (NATO, 2007):

- *Strategic Psychological Operations (SPO)* – Operações Psicológicas Estratégicas. PSYOPS planeadas que têm como objectivo ganhar o apoio e a cooperação de TA neutrais e amigas, diminuir a vontade e a capacidade de TA hostis, ou potencialmente hostis, em empreenderem acções agressivas e contribuir para a gestão e dissuasão de crises, em apoio das acções diplomáticas.

São planeadas ao mais alto nível governamental e são uma responsabilidade nacional. Os seus objectivos são de longo prazo e de natureza política. As SPO têm uma natureza essencialmente não militar.

- *Crisis Response Psychological Operations (CRPO)* – Operações Psicológicas de Resposta à Crise. PSYOPS planeadas e conduzidas como parte integrante das CRO, com o objectivo de criar um espírito cooperante entre as partes em conflito e a população civil na JOA, de forma a cumprir os objectivos da missão, bem como contribuir para a protecção da força.

São conduzidas quer ao nível operacional, quer ao nível tático, sendo uma responsabilidade do comandante militar que conduz a CRO. Devem ser coordenadas pelas INFO OPS com outras actividades operacionais, a fim de compatibilizar designadamente a PI, a Cooperação Civil-Militar (CIMIC) e outras actividades, com as

PSYOPS propriamente ditas. O termo população deve ser entendido em sentido amplo, significando os elementos civis na JOA, incluindo refugiados, evacuados, deslocados e outros.

- *Combat Psychological Operations (CPO)* – Operações Psicológicas de Combate. PSYOPS que fazem parte integrante das operações de combate, planeadas e conduzidas contra TA aprovadas na JOA, com a finalidade de derrotar o inimigo através da redução, ou eliminação, da sua vontade em prosseguir a agressão e também apoiar a liberdade operacional do comandante.

São conduzidas a nível operacional e tático, sob responsabilidade do respectivo comando e o seu planeamento e execução insere-se integralmente nas operações de combate, pelo que devem ser coordenadas com as outras actividades operacionais. As CPO dirigem-se contra as forças militares opositoras, civis sobre o seu controlo, e outras AA aprovadas, essencialmente com o objectivo de reduzir o potencial de combate do adversário, por exemplo, através da erosão da moral dos seus líderes, tropas e da vontade da população em apoiar as suas operações militares; e ao mesmo tempo apoiar a liberdade operacional do comandante.

Outra diferença entre as PSYOPS NATO e Norte-Americanas prende-se com as competências atribuídas a este tipo de operações na condução de missões de PI. Enquanto os EUA prevêem a utilização de unidades de PSYOPS para conduzirem missões de PI, a NATO, exclui esta possibilidade diferenciando sempre ambas as actividades pelo facto das PSYOPS terem como objectivo influenciar e a PI informar. Enquanto a PI faz uso exclusivo dos meios de comunicação social para passar informação, as PSYOPS, disseminam as suas mensagens através de meios orgânicos ou de contratação local (NATO, 2007).

4. PORTUGAL

Sobre a doutrina nacional referente às PSYOPS importa distinguir dois períodos: o primeiro referente à Guerra de África (1961-1974) e o segundo, o período actual em que a doutrina nacional é apoiada na doutrina NATO.

4.1. GUERRA DE ÁFRICA (1961-74) – ACÇÃO PSICOLÓGICA

A Guerra de África desenvolveu-se sobretudo como uma guerra subversiva e de contra-subversão onde “a necessidade de obter o apoio da população” era “primordial, constituindo a conquista da sua opinião o objectivo principal a atingir” (EME, 1963 p. II-1).

Para tal, o Exército teria que “exercer uma acção psicológica sobre o adversário e sobretudo sobre a população, e ainda sobre esta última, para a tornar mais receptiva àquela acção, uma eficaz acção social, contribuindo assim directamente, dentro das suas

possibilidades, para conservar ou reconquistar o apoio dessa população” (EME, 1963 p. V). Estudados os factores que influenciam o estado psíquico, momentâneo de um indivíduo, chegou-se à conclusão que a APsic poderia servir-se dos “instintos fundamentais”, “condicionando-os” e “inibindo-os” para “influenciar e orientar a conduta dos agrupamentos humanos” (Secretariado Geral da Defesa Nacional, 1963 p. 6).

Neste campo, até então desconhecido para as Forças Armadas Portuguesas, foi desenvolvida doutrina e foram criados manuais para que o Exército estivesse “moral e tecnicamente preparado para tomar parte numa luta desta natureza e, muito em especial, que” estivesse “imunizado contra as acções de propaganda que o adversário, certamente, sobre ele” exerceria (EME, 1963 p. II-1).

Assim, a APsic era definida como “um conjunto de diversas medidas, devidamente coordenadas, destinadas a influenciar as opiniões, os sentimentos, as crenças e, portanto, as atitudes e o comportamento dos meios amigos, neutros e adversos” (EME, 1963 p. I-1). Este conjunto de acções visava “fortificar a determinação e o espírito combativo dos meios amigos; atrair a simpatia activa dos meios neutros; esclarecer a opinião de uns e de outros, e contrariar a influência adversa sobre eles; modificar a actividade dos meios adversos num sentido favorável aos objectivos a alcançar” (EME, 1963 p. I-1).

Para atingir estes objectivos, a APsic, deveria actuar no sentido de influenciar a “opinião colectiva” definida como o conjunto das opiniões superficiais, opiniões estas, que o indivíduo “altera e abdica com facilidade” ao contrário das “opiniões fundamentais”, firmes, que “correspondem a convicções profundas e que caracterizam a verdadeira personalidade”. Por isso, a Acção Psicológica devia “evitar entrar em conflito ou ferir as opiniões fundamentais individuais. Tudo se resume a enxertar um sentimento superficial em crenças e convicções profundas bem conhecidas” (Secretariado Geral da Defesa Nacional, 1963 pp. 13-14).

As TA da APsic, frequentemente designadas por “meios” ou “campos”, mas sobretudo por “grupos humanos” eram as forças inimigas, as nossas tropas e a população. Entendia-se por grupo humano “um conjunto de indivíduos que apresentando certas características comuns pode ser influenciado psicologicamente da mesma forma e apresentar a essa influência reacções semelhantes” (EME, 1963 p. VI:6).

A acção sobre a população poderia ser facilitada se primariamente lhe fossem satisfeitas algumas necessidades básicas (acção designada por acção social), o que permitia ganhar o seu “afecto e confiança” e desse modo facilitar a aplicação da acção psicológica. Estas duas acções conjuntas, aplicadas sobre a população, originavam a acção final que se pretendia realizar e que só não dava nome a esta forma de actuação por não ser passível de ser utilizada sobre o inimigo ou as nossas forças (EME, 1963), era designada por Acção Psicossocial (EME, 1963).

Apesar de não se falar, como actualmente, da coordenação das PSYOPS com o CIMIC, da APsic fazia também parte uma forte componente acção social. Por outro lado era sempre possível alvejar as nossas tropas o que é contrário às doutrinas NATO e Norte-Americana.

Pode-se, portanto, verificar que apesar de no início do conflito ultramarino, praticamente não existir uma estrutura de Acção Psicológica, esta foi-se desenvolvendo e consolidando nas várias unidades de forma que no início da década de 70 se tenha tentado criar um serviço especializado de âmbito nacional, mas que não se chegou a verificar visto o conflito ter terminado (Queijo, 2001).

4.2. ACTUALIDADE

Contrariamente ao que se verificava para a APsic, a doutrina actual para as PSYOPS não se consagra num manual específico, mas sim num capítulo do Regulamento de Campanha de Operações (RCO) e em referências no Regulamento de Campanha Informações (RCI).

A doutrina de PSYOPS é apresentada no RCO onde as PSYOPS são definidas como “actividades psicológicas planeadas que utilizam meios de comunicação e outros meios, dirigidas sobre audiências aprovadas, de forma a influenciar atitudes, percepções e comportamentos, que contribuam para a realização de objectivos políticos e militares” (EME, 2005 pp. 5-1). Constituindo-se como objectivos gerais o enfraquecimento da vontade do adversário, o reforço dos sentimentos dos fiéis, o estímulo da cooperação dos simpatizantes e apoio dos elementos neutrais (EME, 2005).

Tal como na doutrina aliada a classificação das PSYOPS tem em conta o nível e o espectro das operações. Assim sendo, as três categorias definidas pela doutrina nacional são: SPO, CRPO e CPO (EME, 2005).

5. CONCEITOS CHAVE

Apresentadas as várias definições de PSYOPS e algumas diferenças nas várias doutrinas, importa comparar as várias definições e expor outros conceitos relacionados com as PSYOPS necessários para o entendimento deste trabalho.

O Quadro 1 apresenta uma síntese das várias definições, facilitando a comparação entre as mesmas. Dessa comparação são perceptíveis as diferenças mínimas entre os conceitos, concretamente ao nível da designação variando entre “operações”, “actividades” e “medidas”. Se a designação é diferente, na prática estas diferenças não se verificam,

sendo a condução de PSYOPS apenas variável com os factores de decisão que afectam todos os outros tipos de operação.

Do quadro 1 são facilmente enumerados os fenómenos psicológicos que as PSYOPS pretendem influenciar: “emoções”, “motivações”, “percepções”, “atitudes” e “comportamentos”. Apesar desta variedade extensiva de fenómenos, uns derivam dos outros estando todos relacionados. Explica-se de seguida estas relações de derivação para uma melhor compreensão dos conceitos.

	USA	NATO	PORTUGAL ACTUALIDADE	PORTUGAL NA GUERRA DE ÁFRICA (1961-1974)
São...	Operações planeadas para levar informação	Actividades psicológicas planeadas que usam Métodos de comunicação e outros meios directos	Actividades psicológicas planeadas que usam meios de comunicação e outros meios	Diversas medidas coordenadas
Dirigidas a...	Audiências externas	Audiências aprovadas	Audiências aprovadas	Meios Campos Grupos humanos (População, Inimigo e NT)
Que visam influenciar...	Emoções Motivação Percepções Comportamentos	Percepções Atitudes Comportamentos	Percepções Atitudes Comportamentos	Opiniões Sentimentos Crenças Atitudes Comportamento
Para...	Reforçar tomada de atitudes e comportamentos favoráveis aos seus autores	Afectar a prossecução de objectivos políticos e militares	Contribuir para a realização de objectivos políticos e militares	Fortificar a determinação (amigos) Atrair a simpatia (neutros) Esclarecer a opinião (amigos e neutros) Modificar a actividade (inimigo)

Quadro 1 – Diferenças nas Definições de PSYOPS (EME, 1963; EME, 2005; NATO, 2007; US Army, 2005)

Iniciando no conceito de **motivação** que é uma componente directa e dinâmica do comportamento e é determinada por uma combinação de factores biológicos, sociais e de aprendizagem. A motivação activa o comportamento na prossecução de determinado objectivo (NATO, 2007).

Esta resulta de uma hierarquia de necessidades³, que desencadeia as motivações individuais. É essa hierarquia de necessidades que deve ser tida em conta nas PSYOPS, ou seja, o conhecimento sobre as motivações da TA garante ao planeamento da PSYOP a oportunidade de analisar as necessidades dessa audiência e gera a base para alcançar o objectivo da mesma (NATO, 2007).

³ Conhecida por Pirâmide das Necessidades de Maslow. Segundo este autor, as necessidades do ser humano estão hierarquizadas, como numa pirâmide, por grau de complexidade, sendo condição necessária para atingir os patamares superiores da pirâmide, a satisfação das necessidades dos patamares inferiores. Assim, as necessidades estendem-se desde as fisiológicas até às de auto-realização (NATO, 2007).

Visto que as atitudes resultam das necessidades individuais, e que estas são hierarquizadas e progressivas, importa agora perceber o conceito de atitude. A doutrina NATO define a **atitude** como sendo um sistema, relativamente estável e duradouro, de julgamentos, **emoções** e reacções, que predis põem um determinado comportamento para atingir determinado objectivo (NATO, 2007). A atitude pode ser considerada positiva ou negativa e decompõem-se em três componentes (NATO, 2007):

- Uma componente cognitiva, que inclui convicções e juízos de valor para cada objecto específico;
- Uma componente emocional que inclui as relações emocionais perante determinado objecto;
- Uma componente motora que inclui tendências reactivas para agir de acordo com a atitude individual. É a parte observável da atitude.

Concluir sobre a alteração de uma atitude só é possível, através da observação dos comportamentos subjacentes a essas atitudes visto que os **comportamentos** são acções ou reacções de pessoas em resposta a estímulos externos ou internos (NATO, 2007).

Sendo relativamente estável, a atitude, confere essa estabilidade ao modo de vida de um indivíduo e por tal facto, é difícil ser alterada. Porém, uma alteração de atitude é possível, e quando acontecem são normalmente baseadas em: novas experiências especialmente emocionais ou traumatizantes; para acompanhar as alterações do meio envolvente, ao perceber que as nossas tendências já não se enquadram nesse meio; com base nas causas que tendencialmente atribuímos a determinado fenómeno (NATO, 2007).

As mudanças de atitude são provocadas pela **percepção** que a TA tem dos fenómenos e esta pode definir-se como a “tomada de conhecimento sensorial de objectos ou de acontecimentos exteriores que vai dar origem a sensações mais ou menos numerosas ou complexas” (IESM, 2007 p. 10) . As mudanças de atitude podem ser classificadas da seguinte maneira (NATO, 2007):

- Complacência – quando o membro da audiência alvo cede a alguma ameaça ou suborno da parte da PSYOP. É o processo de alteração de atitude mais simples, a sua estabilidade é bastante limitada e na maior parte dos casos nem comporta de facto uma mudança de atitude verdadeira, mas sim uma alteração de conduta temporária de acordo com os interesses imediatos de um indivíduo.
- Identificação – verifica-se quando um indivíduo escolhe enquadrar-se com as atitudes e opiniões de um determinado grupo. É uma mudança de atitude mais estável que a complacência.
- Internalização – Verifica-se quando a audiência-alvo aceita as atitudes do actor psicológico como se fossem suas. Estas atitudes, depois de internalizadas podem

constituir convicções profundas no indivíduo que sofre esta influência. É a forma mais duradoura de alteração de atitude.

Explicados os principais conceitos da componente psicológica das PSYOPS, interessa agora, definir os conceitos técnicos deste tipo de operações, começando pela classificação quanto à origem aparente dos produtos de PSYOPS, não sem antes definir o **produto** de PSYOPS como sendo qualquer item áudio, visual, comunicação audiovisual utilizada sobre numa TA com vista a atingir os objectivos de PSYOPS (US Army, 2005).

Assim sendo, quanto à origem dos produtos, as PSYOPS podem ser (EME, 2005):

- Preta - quando a origem é diferente daquela que se pretende fazer crer;
- Cinzenta – quando se pretender manter a origem na dúvida;
- Branca – quando a origem é reconhecida como oficial.

Relacionados com os produtos de PSYOPS estão os **temas** de PSYOPS, que são ideias ou tópicos nos quais as PSYOPS podem ser baseadas (NATO, 2007). Integrando os conceitos de produtos e temas, os **programas** de PSYOPS são “planos faseados para o emprego de produtos de PSYOPS, são baseados em temas e destinam-se a cumprir objectivos de PSYOPS” (IESM, 2007 p. 12).

Os conceitos definidos até aqui visam cumprir a **missão** de PSYOPS, entendida como uma “expressão clara e concisa que define o que devem as PSYOPS alcançar (tarefa e finalidade) para modificar, no grau necessário, a atitude das TA, de forma a apoiar a missão do respectivo comando” (IESM, 2007 p. 10). A missão é cumprida quando se atinge o **estado-final psicológico**, ou seja, “as condições atingidas pelas TA que indicam que a missão das PSYOPS e respectivos objectivos foram atingidos” (IESM, 2007 p. 10), **objectivos psicológicos** esses que devem corresponder a uma “descrição mensurável das mudanças desejadas nas percepções, atitudes e comportamentos da TA” (IESM, 2007 p. 10).

Os resultados de PSYOPS podem ser afectados pela acção de propaganda de entidades hostis ou “concorrentes” sobre as TA. Entende-se por **propaganda** qualquer informação, ideia, doutrina ou apelo disseminado para influenciar as opiniões, emoções, atitudes ou comportamentos de qualquer grupo específico, com benefícios para a origem da propaganda (NATO, 2007). Para combater esta acção as unidades de PSYOPS, conduzem **contra-PSYOPS**, que são acções que visam detectar e contra-atacar actividades psicológicas hostis (NATO, 2003).

Em síntese, o planeamento e condução de PSYOPS pressupõe a utilização de todo um vocabulário específico, no entanto, a sua essência é simples: influenciar grupos humanos para apoiar uma missão.

II – AS OPERAÇÕES MILITARES EM ANÁLISE

...guerrilla war, above all others, is a supremely psychological battle, a fight for the hearts and minds of the civilians in the middle (Watson, 1978).

1. O TEATRO DE OPERAÇÕES: AFEGANISTÃO⁴

Situado no SUL do Continente Asiático, fazendo fronteira com o Paquistão a ESTE e SUL e com o Irão a OESTE, o Afeganistão tem uma extensão 7 vezes superior à de Portugal e, num terreno muito acidentado (49% do terreno a uma altitude superior à da Serra da Estrela) e com um clima muito hostil, especialmente no inverno, integra uma população 3 vezes superior à população portuguesa. Esta população distribui-se por 7 etnias (Pashtun, 42%; Tajik, 27%; Hazara, 9%; Uzbek, 9%; Aimak, 4%; Turkmen, 3%; Baloch, 2%) que falam 2 línguas principais (Phastum e Dari) e dezenas de variantes, professando 2 religiões principais, ambas variantes do Islão (MarcadorPosição1).

A actualidade reflecte a sua História, onde as querelas internas, relações internacionais e a própria existência como estado independente, foram em larga medida influenciados pela sua localização geográfica na intercepção da Ásia do SUL, Ocidental e Central, e por onde ao longo dos séculos passaram frequentemente exércitos que tomavam controlo da região, sem no entanto subjugar completamente as suas populações. Assim e apesar de ser atravessado por rotas comerciais prósperas e sede de grandes impérios, só apenas em 1747, Durrani logrou conseguir unir as tribos da região fundando uma monarquia que passou a funcionar como um separador entre o Império Russo e Britânico (Bashiri, 2002).

Posteriormente o Afeganistão ganha a sua independência do controlo Inglês em 1979, para alguns anos depois ser invadido pela União Soviética numa Guerra que durou até 1989. Esta vitória sobre o domínio soviético vai de novo acentuar as divergências internas entrando o Afeganistão numa série de guerras civis, propiciando aos Talibã (um movimento conservador de origem paquistanesa entretanto surgido) assumir o controlo do Afeganistão em 1996 (Blood, 2001). Este movimento é derrotado e o seu regime deposto em 2001, mas até hoje se opõe ao actual regime afegão e à presença de forças internacionais no território.

Neste país, onde a população está predominantemente associada à agricultura e pastorícia com 53% dos afegãos a viver abaixo do limiar da pobreza, o grau de iliteracia é

⁴ O Anexo A apresenta com maior detalhe o Estudo do Meio Humano no Afeganistão.

muito elevado, o que em conjunto com o relevo acidentado (que dificulta imenso a difusão rádio a todo o território e onde a televisão e internet constitui ainda mistério para muita gente) torna a comunicação a nível nacional impossível de realizar sem a combinação de vários meios de comunicação e línguas, agravando ainda mais a possibilidade de adequação da mesma mensagem a todos os afegãos, complicando assim em larga medida a actuação de unidades de PSYOPS.

2. OPERAÇÃO ENDURING FREEDOM: A CAMPANHA PSICOLÓGICA

2.1. OS ANTECEDENTES

Na sequência dos ataques terroristas de 11 de Setembro de 2001, os EUA declararam *Guerra ao Terrorismo*. Dado que a responsabilidade dos atentados foi atribuída à Al-Qaeda, uma organização terrorista com estrutura no Afeganistão, país governado pelos Talibãs, aos quais apenas se opunham forças da Aliança do Norte (NA)⁵, os EUA desencadeiam uma operação militar cujo nome inicialmente previsto seria *Infinite Justice* (Global Security, 2008), mas que depois é rebaptizada de OEF. A alteração da sua denominação deveu-se ao receio de ofender a população muçulmana que apenas reconhece a Alá a competência para atribuir justiça infinita. Para esta operação forma-se uma coligação que contava inicialmente com tropas do Canadá, Austrália, França, Itália, Alemanha e Reino Unido e com o apoio de dezenas de outras nações. Esta coligação ficou sob o comando do *United States Central Command* (CENTCOM) sob a liderança do General Tommy Franks (CENTCOM, 2008).

Os trabalhos das Unidades de PSYOPS começaram logo após os ataques terroristas do 11 de Setembro com o 940º Destacamento de PSYOPS tácticas⁶ a iniciar a *Target Audience Analysis* (TAA)⁷ do Afeganistão, seleccionando como TA a População, os Talibãs e a Al-Qaeda (Lamb, 2005). A 22 de Setembro, o CENTCOM ordenou que o SOCOM⁸ (*Special Operations Command*) formasse uma Força Tarefa Conjunta de PSYOPS (*Joint PSYOPS Task Force - JPOTF*) para apoiar a campanha militar que se estava a preparar.

⁵ “Aliança do Norte” é a designação dada pela imprensa ocidental para “Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão”. É composta maioritariamente por elementos das etnias do NORTE do Afeganistão, Tajik, Uzbek e Hazara (Maloney, 2005)

⁶ O *Tactical PSYOP Detachment 940* é uma unidade pertencente à Companhia B do 9º Batalhão de PSYOPS do 4º Grupo de PSYOPS, que está sob dependência do *US Army Special Forces Command* (Friedman, 2006).

⁷ TAA: Análise de Audiências Alvo é o processo pelo qual as potenciais AA são refinadas e analisadas (US Army, 2005).

⁸ O SOCOM é o comando unificado das operações especiais norte-americanas e compreende o comando das forças de operações especiais do US Army, US Navy, US Air Force e US Marine Corps e ainda a *Joint Special Operations University Center*. Integrado no Comando de Operações Especiais do US Army, está o 4th *Psychological Operations Group* que é a única unidade norte-americana responsável pela condução de PSYOPS (SOCOM, 2008).

Essa JPOTF foi activada a 4 de Outubro e ficou sob controlo operacional do CENTCOM (Lamb, 2005).

2.2. FASE I – INTERVENÇÃO INICIAL

A OEF iniciou-se a 8 de Outubro de 2001 e tinha como objectivos operacionais iniciais (Lamb, 2005):

1. Destruição de campos de treino e de outras infra-estruturas utilizadas por terroristas em território Afegão;
2. Captura dos líderes da Al-Qaeda;
3. Término de todas as actividades terroristas no Afeganistão.

A missão da JPOTF era apoiar o CENTCOM durante o cumprimento de missões de curta duração, operações de contra-terrorismo de longa duração e outros empenhamentos. A 10 de Outubro, a JPOTF era composta por 95 militares, dos quais, 74 estavam na sede da JPOTF em Fort Bragg, na Carolina do Norte (Lamb, 2005).

O *USCENTCOM Campaign Plan: Enduring Freedom*, Plano de Operações da operação, definia para além das TA, os objectivos psicológicos (Lamb, 2005):

1. Isolar a Al-Qaeda dos Talibãs, e ambos de qualquer apoio interno ou externo;
2. Legitimar a intervenção militar no sentido de convencer a população a não interferir no conflito;
3. Reduzir a eficiência para combate das Forças Talibã e da Al-Qaeda, realçando a inevitabilidade da sua derrota e incitando à rendição.

As primeiras acções do conflito consistiram em ataques aéreos levados a cabo por aviões de combate a partir de bases aéreas terrestres e a partir de porta-aviões, bem como o lançamento de mísseis Tomahawk a partir de navios Britânicos e Norte-Americanos.

Durante esta fase inicial da operação, a população afegã tinha uma imagem muito negativa das forças da coligação e da justificação das acções militares que esta se preparava para iniciar. O Regime Talibã esforçou-se por explicar à população que a acção militar prestes a ser iniciada visava atacar a fé da nação afegã, tentando desta forma ganhar o apoio político da população e promover a resistência a qualquer acção da coligação.

Perante esta situação, primeiro programa de PSYOPS a ser posto em prática, tinha como objectivo legitimar a acção militar que estava prestes a iniciar, explicando que a coligação não pretendia atacar o Islão, mas apenas atacar as actividades terroristas (Friedman, 2006). Para que tal fosse possível, utilizou inicialmente três meios: o lançamento de panfletos, de comida e outra ajuda humanitária, e a emissão rádio.

Devido ao mau tempo, o lançamento de panfletos não pôde ser iniciado, assim a primeira acção de PSYOPS foi através de emissão rádio, a 5 de Outubro, 2 dias antes do

início da OEF⁹. Os primeiros militares da coligação a actuar no terreno foram militares de operações especiais e constituíam equipas de ligação com a NA que desenvolvia a manobra ao nível do solo, apoiados pela aviação e pelos mísseis das forças americanas e britânicas. Estas equipas de ligação actuavam no solo desde 26 de Setembro e a sua missão era garantir uma relação sólida com a chefia da Aliança do Norte, não só para garantir a coordenação dos ataques com as forças da coligação, mas também para que a coligação pudesse usar o vale de Panjshir como uma base de operações no interior do território afegão (Maloney, 2005), uma vez que era nesta localização que a Aliança do Norte se havia concentrado para resistir ao regime Talibã.

Durante as operações de combate iniciais a JPOTF focou a sua atenção na ajuda humanitária, na emissão rádio a partir do EC-130E e na produção de panfletos que seriam enviados para a base Norte-Americana de Diego Garcia, no Oceano Índico, para serem colocados em bombas dispersoras de panfletos e disseminados a partir dos bombardeiros B-52 (Lamb, 2005)

O primeiro lançamento de panfletos aconteceu somente na noite de 14 de Outubro e foi devidamente coordenado com emissões rádio do 193rd Special Operation Wing¹⁰ a partir do EC-130E. Cerca de 385 000 Panfletos foram lançados sobre a cidade de Ghazni e entre Sheberghan e Herat (Friedman, 2006), ao mesmo tempo que a população ouvia as emissões rádio em 7500 aparelhos rádio portáteis distribuídos por via aérea e por membros das equipas de Operações Especiais de ligação (Lamb, 2005).

Os panfletos visavam inicialmente separar as forças da Al-Qaeda das forças Talibãs (Objectivo 1), lançando mensagens aos Talibãs para deixarem de apoiar os terroristas da Al-Qaeda. Esta mensagem não foi utilizada por muito tempo pois rapidamente fotos de Talibãs apareceram, nos panfletos, debaixo de mira ao lado de membros da Al-Qaeda (Friedman, 2006) à semelhança do panfleto AFD40d (anexo C).

A seguir a Mazar-e-Sharif caíram as cidades de Talogan, Herat e Shindand e nos dias 13 e 14, a capital Kabul e Jalalabad. A conquista destas cidades deveu-se a uma acção coordenada entre os comandantes da Aliança do Norte, as equipas de ligação, os ataques aéreos da coligação, a resistência da população afegã ao Regime Talibã e nalguns casos à rendição de forças Talibã (Global Security, 2008).

Com os primeiros bombardeamentos e a destruição de infra-estruturas perto da população, os esforços da JPOTF tinham que desenvolver-se também, no sentido de legitimar a intervenção militar (Objectivo 2) com panfletos alusivos aos ataques de 11 de

⁹ Foram emitidas mensagens rádio a partir de plataformas aéreas designadas EC-130E *Commando Solo Transmitting Aircraft* que incidiam sobretudo sobre o reconhecimento do direito dos Afegãos poderem praticar o Islão em paz (Friedman, 2006).

¹⁰ Unidade especial da Guarda Republicana que através dos EC-130E tem capacidade para transmitir rádio e TV. As mensagens transmitidas são produzidas pelo 4th PSYOPS Group (Maloney, 2005).

Setembro. Inicialmente pensou-se em lançar um panfleto que traduzisse o ataque terrorista aos EUA e produziu-se o panfleto AFD-189 (anexo C) que mostrava uma imagem de uma das torres do WTC após o embate de um dos aviões. A imagem era acompanhada pelo seguinte texto: “20 de Setembro de 1380¹¹. A coligação vem para prender os responsáveis por este ataque terrorista contra a América. Vêm também para prender todos os que os tentarem proteger. Mais de 3000 pessoas nos Estados Unidos da América foram assassinados nestes ataques” (Friedman, 2006).

Foi, no entanto, produzido um poster (AFC035 – Ver Anexo C) com uma imagem mais tardia do que a do panfleto anterior mostrando também uma das torres, mas de outra perspectiva, com enormes chamas (Friedman, 2006).

2.3. FASE II – ENTRADA DAS FORÇAS CONVENCIONAIS

Após as primeiras vitórias da NA no solo, a coligação projectou a primeira força convencional a partir de Jacobabad, no Paquistão: a Força Tarefa (Task Force - TF) 58 de Marines (EUA) que em 25 de Novembro conquistou um aeroporto a SUL de Kandahar estabelecendo uma base de operações avançada cuja importância, segundo o General Franks era “*to give us a capability to be an awful lot closer to the core objectives we seek*”¹² (Strategy Pages, 2002). Integrando a força de Marines estavam TPT que acompanhavam e antecediam as suas acções de combate com indicações de rendição (objectivo 3) e da inevitabilidade da derrota às forças talibã através do megafone (Friedman, 2006).

Da legitimação, a JPOTF passou a tentar ganhar a simpatia da população tentando produzir um sentimento de solidariedade em que o Afeganistão, tal como os EUA, havia sofrido com os terroristas. Foi produzido um panfleto muito semelhante ao AFD-22b (anexo C) com duas imagens, a primeira a representar o WTC em chamas e a segunda a representar umas ruínas em Herat no Afeganistão. As Imagens eram legendadas pela identificação dos locais e acompanhadas pelo seguinte texto: “Terroristas externos não acreditam em fronteiras” (Friedman, 2006). No verso outra imagem de um Norte-Americano e um Afegão a abraçar-se sobre o desenho de um aperto de mãos. Nas extremidades as bandeiras da coligação e o desenho dos limites do Afeganistão preenchido com 3 faixas a preto, vermelho e verde como a Bandeira Afegã (Friedman, 2006).

Até ao final de Novembro foi também conquistada a cidade de Konduz que era o último bastião Talibã no NORTE e o aeroporto de Bagram nos arredores de Kabul que passou a funcionar como uma base de operações avançada. Na conquista de Konduz, renderam-se mais de 1000 soldados Talibãs sem oferecer resistência depois de terem sido

¹¹ Referente à data em que aconteceram os ataques terroristas no Calendário Persa.

¹² “dar-nos a capacidade de estarmos mais perto dos objectivos nucleares que perseguimos”

largados intensamente panfletos sobre as posições Talibãs com indicações para a rendição (Lamb, 2005).

Para garantir que as suas emissões rádio chegavam à população, a JPOTF desenvolveu panfletos para fornecer indicações de utilização dos rádios aos afegãos. Foram lançados panfletos com uma imagem de uma antena e dois rádios que era acompanhada da indicação da frequência rádio em que a coligação estava a transmitir. Esta seria a única informação rádio disponível no Afeganistão e limitava-se a transmitir informação relativa à coligação. A estação de rádio Talibã com maior cobertura, a emitir a partir de Kabul, *A voz da Sharia*, havia sido destruída nos dias anteriores por um míssil da coligação (Friedman, 2006).

Apesar da coligação ter garantido, praticamente a exclusividade da transmissão rádio, outro problema se colocava. A electricidade não chegava a toda a extensão do território, muito menos as baterias. Para que tal situação se resolvesse, a coligação distribuiu um aparelho rádio, o *Kaito*, (ver anexo C) que poderia funcionar usando as baterias convencionais, energia solar ou energia gerada por um dínamo incorporado no aparelho (Friedman, 2006).

Em Dezembro as operações desenvolveram-se ao mesmo ritmo, tendo a 4 de Dezembro as primeiras forças do Exército Norte-Americano sido projectadas para Mazar-e-Sharif. A 7 de Dezembro as forças Talibãs da última grande cidade Talibã, Kandahar, renderam-se a forças da Aliança do Norte sob o comando de Hamid Karzai. Até meados de Dezembro a resistência Talibã resumia-se a pequenas bolsas em cidades ou em cavernas nas montanhas (Global Security, 2008).

À medida que as operações se desenvolviam e a NA avançava para SUL, a JPOTF dedicou muita atenção à população e o conteúdo das mensagens dos panfletos passou a ser mais político que militar. Os panfletos passavam agora a ter um interesse especial, desempenhando funções mais voltadas para o serviço público, para o bem-estar da população, fornecendo indicações sobre a identificação de minas, a importância das vacinas e do uso da água potável. Indicações muito gerais que poderiam ser utilizadas em qualquer lado, mas que deixavam transparecer um cuidado muito especial com as características do povo Afegão (Lamb, 2005). Panfletos que davam felicitações por um feriado Islâmico; que informavam que as rações se encontravam de acordo com as restrições da dieta islâmica; que davam instruções de como consumir as rações (AFD16G – anexo C); que informavam sobre a quantidade de ajuda humanitária fornecida pelos EUA ao Afeganistão (AFD12b – anexo C); ou que chamavam a atenção para a semelhança entre embalagem da ração e engenhos explosivos e como os distinguir (AFD39); eram sinais de preocupação com a cultura afegã que poderiam ser facilmente entendidos pela população (Friedman, 2006).

Paralelamente ao lançamento destes panfletos de “serviço público” eram também lançados panfletos que responsabilizavam os Talibãs e a Al-Qaeda pela intervenção militar da coligação e destruição do Afeganistão e ofereciam recompensa a troco de informações relevantes sobre as forças adversárias ou sobre a localização dos líderes da Al-Qaeda e do Regime Talibã. A 14 de Novembro, após a queda de Kabul que os Talibã haviam prometido defender até à morte, tendo acabado por retirar durante a noite, o regime deu sinais de estar a desmoronar. A guerra estava prestes a entrar numa nova fase em que as forças da coligação perseguiram as forças talibãs enquanto estas fugiam para se refugiar nas montanhas. As forças da coligação tentaram bloquear o acesso às montanhas e simultaneamente lançaram 1,5 milhões de panfletos (AFD29o – ver anexo C) e emitiram mensagens rádio a oferecer 25 milhões de dólares a quem entregasse Bin Laden. O lançamento de panfletos (ver anexo C) a oferecer recompensa por informações que levassem à captura de Bin Laden foi uma constante durante toda a OEF (Friedman, 2006).

2.4. FASE III - CONSOLIDAÇÃO

No final da segunda fase da Operação, já com todas as cidades e aglomerados populacionais ocupados pela coligação, as PSYOPS, começavam agora a tentar a consolidação e a desenvolver um esforço voltado para o apoio à coligação. As PSYOPS actuavam agora também conversando com a população cara a cara (Lamb, 2005), divulgando mensagens que só a coligação garantia a segurança aos Afegãos ao mesmo tempo que encorajavam o desarmamento voluntário e a busca de informações sobre elementos da Al-Qaeda e dos Talibãs (ver anexo C).

A 5 de Dezembro foi assinado o acordo de Bonn (anexo B) que respondia à necessidade de estabelecer um governo para o Afeganistão bem como à necessidade de uma força internacional para auxiliar no garante da paz e segurança no território afegão. Assim, a 22 de Dezembro, Hamid Karzai tomou posse como Chefe do Governo Provisório e foi estabelecido que a força internacional acordada em Bonn, a ISAF I, iria ser responsável por garantir a segurança em Kabul. A 3 de Janeiro de 2002, a ISAF contava já com 4500 militares sob o comando do Major-General Britânico John McColl (Global Security, 2008).

A TF 58 foi rendida por elementos da 101ª Divisão Aerotransportada, a 29 de Janeiro em Kandahar, e adoptou a designação de TF Rakkasan. Quatro semanas depois, no aeroporto de Kandahar, um avião C-130, descarregou 16 toneladas de ajuda humanitária. Seria o primeiro voo de ajuda humanitária no Afeganistão (Global Security, 2008).

A 29 de Fevereiro, forças Australianas, Canadianas, Dinamarquesas, Francesas e Norueguesas juntaram-se às forças Norte-Americanas no terreno para consolidarem e levarem a cabo a Operação Anaconda que visava assaltar e capturar forças Talibãs no

SUESTE do território Afegão. Foi a operação militar com maior número de baixas desde que havia começado o conflito: 8 soldados Norte-Americanos morreram e 82 ficaram feridos (Global Security, 2008).

As operações de combate visavam agora eliminar as bolsas de resistência. Estas eram antecedidas por panfletos (anexo C) que visavam minar o moral dos Talibãs, assegurando-os da inevitabilidade da derrota, dizendo que não estavam seguros em lado algum e que por mais escondidos que estivessem a sua localização era sempre conhecida. Estes panfletos acentuavam a diferença de potencial entre o armamento da coligação e dos Talibãs, tentando passar a mensagem que era apenas uma questão de tempo até que fossem eliminados ou capturados (Friedman, 2006).

Em meados de Maio, o General Franks projectou para território Afegão a Combined Joint Task Force (CJTF) -180¹³, para garantir uma estrutura de comando e controlo no território afegão, sob comando do Tenente-General Dan K. McNeill que assumiu a responsabilidade pela maioria das forças a operar no Afeganistão e ficaria sob comando do CENTCOM (Global Security, 2008). Simultaneamente as forças especiais Norte-Americanas começaram a formar o novo Exército Nacional Afegão (ANA).

2.5. ENTRADA NA OPERAÇÃO DE ESTABILIZAÇÃO

Os elementos da resistência que haviam escapado para as montanhas tinham tido algum tempo para se reorganizar. Iniciava-se aqui a quarta fase da operação, em que os membros da resistência se esconderam e reagruparam nas cidades ou nas montanhas. A partir de Setembro apareciam agora como novos grupos auto-entitulados “Neo-Taliban”, “Anti-Coalition Militia” ou “Hezbi Islami Gulbuddin”(Roberts, 2005), que se constituíam como o principal obstáculo das forças internacionais no Afeganistão que procuravam agora estabilizar a situação e desenvolver o país.

O Afeganistão tinha agora Governo, ainda que provisório, as cidades tinham sido tomadas, as forças da coligação ocupavam as cidades e os aglomerados populacionais, a ISAF I garantia a segurança de Kabul – Os Talibãs tinham-se refugiado nas montanhas.

Em meados de 2002, tornava-se claro, devido aos conflitos que surgiam entre líderes locais, que o novo Presidente Hamid Karzai não reunia o apoio de toda a população. As PSYOPS promoviam agora o apoio ao Presidente e ao Governo (anexo C) pois apenas o novo Governo poderia trazer prosperidade e segurança ao Afeganistão (Lamb, 2005).

A segurança passava a ser um assunto relacionado com a prontidão do novo ANA que começava a ser preparado. Enquanto isso, a ISAF II assumia o controlo de Kabul e

¹³ A CJTF 180, era uma Task-Force de comando, com experiência anterior na Intervenção militar no Haiti em 1994 e permitiu ao General Tommy Franks, libertar-se do controlo directo das Operação de Combate, para poder iniciar a fase de estabilização.

desenvolvia também as suas próprias PSYOPS no sentido de dar estabilidade à capital, ponto de partida para o resto do território (Maloney, 2005).

3. INTERNATIONAL SECURITY ASSISTANCE FORCE

Em Fevereiro de 2005, o NRDC-T (NATO Rapid Deployable Corps - Turkey) liderado pelo Tenente-General Ethem Erdagi, assume o comando da ISAF VII substituindo o EUROCORPS. A 10 de Fevereiro de 2005, a NATO decide expandir a ISAF para OESTE, e em 8 de Junho os ministros da defesa dos países NATO concordaram apoiar a preparação e execução das eleições tendo, também, anunciado o início do planeamento da expansão da ISAF para SUL (ISAF, 2008a).

Era portanto natural que as prioridades do Comando da ISAF (COMISAF) e consequentemente das PSYOPS traduzissem estas intenções. A força de PSYOPS do HQ ISAF, o TPSE (Theatre PSYOPS Support Element) assumiu essas mesmas preocupações e converteu-as nos seus objectivos, programas e temas definindo a sua missão. Assim sendo, os objectivos do TPSE prendiam-se com a consolidação do recentemente criado RC North, com a necessidade de começar a preparar a expansão para OESTE com vista ao cumprimento do *Stage 2* da expansão a todo o território, mas sobretudo com o acompanhamento das eleições que constituía o acontecimento mais crítico desde a criação da ISAF em que TPSE desempenharia certamente um papel fundamental fornecendo informação à população e inculcando a necessidade do voto (Vieira, 2008). Paralelamente a estas prioridades, outras linhas de operação mais comuns, constituíam também programas e temas de PSYOPS como o combate ao tráfico ilegal de armas e narcotráfico, a reconstrução do país, a legitimidade de actuação da ISAF e o apoio e credibilização do ANA.

Em Agosto de 2005 o NRDC italiano substitui o NRDC turco e o Tenente-general Mauro del Vecchio assume comando da ISAF VIII. A 13 de Setembro, o UNSC emite a resolução 1623 que prolonga o mandato da ISAF por mais um ano e a 18 de Setembro, realizam-se as primeiras eleições parlamentares em 30 anos (ISAF, 2008a).

O TPSE manteve as linhas de operação decorrentes da missão anterior e foi responsável neste período pelo acompanhamento e rescaldo das eleições. As suas preocupações passaram também por preparar a expansão para SUL e por outros assuntos pontuais imprevistos como foi o caso de minimizar a reacção negativa da população aquando da publicação dos *cartoons* dinamarqueses sobre o profeta Maomé que foram considerados por todo o mundo islâmico uma desonra e um desrespeito inaceitável pela fé muçulmana. Complementando estes objectivos específicos, outros temas e programas

anteriores eram continuados, tal como os relativos aos Direitos das Mulheres, o apoio às forças de segurança nacionais e a reconstrução de infra-estruturas (Vieira, 2008).

Segundo o Tenente-Coronel Ramos Vieira (2008), as principais dificuldades sentidas nesta época prendiam-se com o isolamento de Kabul, sede do TPSE. O que obrigava ao deslocamento aéreo entre Kabul e os PRT, e por vezes, à contratação de empresas civis para fazer o transporte, a distribuição e até a disseminação de produtos de PSYOPS. Apesar destas dificuldades a actividade do TPSE, com a Secção de TAA constantemente empenhada no levantamento da situação psicológica da população constituía uma mais-valia importante para a campanha psicológica. Este oficial indicou também que os factores que mais influenciavam os resultados das PSYOPS eram o medo de atentados, os “spots” rádio e televisivos que enfatizavam a acção de grupos anti-forças internacionais e os rumores, estes últimos, apesar de todos os esforços, constituíam a principal fonte de informação da população.

Quanto à coordenação das actividades de PSYOPS em todo o Afeganistão, o Tenente-Coronel Vieira, afirmou haver calendário fixo de reuniões de avaliação da situação psicológica com os elementos das unidades de PSYOPS dos RC e PRT e com pessoal afecto às PSYOPS da OEF, onde era feita essa coordenação, no entanto, estas reuniões tornaram-se menos frequentes no período pós-eleições.

Em Maio de 2006 a ISAF VIII é substituída pela ISAF IX que fica sob comando Britânico do *Headquarters Allied Rapid Reaction Corps* (HARRC) liderado pelo Tenente-General David Richards. Em 8 de Junho a primeira reunião de todos os ministros da defesa de todos os países contribuidores (NATO e não NATO) confirmou as intenções da expansão para SUL e a 6 de Julho, a ISAF expande a sua a sua área de operações a mais 6 províncias no SUL (ISAF, 2008a).

A 12 de Setembro de 2006 o UNSC adopta a resolução 1707 conferindo mais doze meses de mandato à ISAF que, a 5 de Outubro de 2006, implementa a sua quarta fase de expansão, passando a comandar as forças internacionais, até então, ao serviço da Coligação da OEF liderada pelas forças dos EUA actuando no ESTE do Afeganistão, assumindo assim, controlo completo de todo o território afegão (ISAF, 2008a).

Para garantir segurança, estabilidade e a informação à população durante os dois momentos da expansão (SUL e ESTE) às restantes partes do território, o COMISAF (Comander ISAF) apoiou-se na sua força de PSYOPS do seu HQ. Essa força sofreu remodelações originadas pelas novas funções que a ISAF passou a desempenhar nos recentes territórios absorvidos. A expansão criou a necessidade de um comando de PSYOPS mais centralizado e uma execução mais descentralizada com responsabilidades, neste campo, atribuídas aos RC. Assim o TPSE dá lugar a uma CJPOTF que passa a ter responsabilidades mais ligadas ao planeamento e coordenação da campanha psicológica de

teatro em acumulação com a execução no RC Capital enquanto nos restantes RCs, essa execução era da responsabilidade dos RCPSE (Regional Command PSYOPS Support Element).

Perante esta expansão da ISAF, a CJPOTF teve que preparar, acompanhar e consolidar a ocupação dos dois RC, obrigando ao desenvolvimento de um grande número de actividades de PSYOPS. Paralelamente aos objectivos da expansão, a CJPOTF esteve bastante envolvida no acompanhamento à peregrinação a Meca onde aproveitou para reforçar a ideia de que as suas acções não eram contrárias ao Islão. A CJPOTF esteve também bastante empenhada no desenvolvimento e produção de produtos de PSYOPS destinados a apaziguar o ambiente entre a população e as tropas da ISAF, que se tinha degradado gravemente depois de uma série de incidentes. Estes incidentes, em que as forças ISAF reagiam contra elementos da população que se interpunham entre as viaturas de colunas militares causando algumas baixas entre a população, estavam a tornar-se frequentes e a contribuir para diminuir a confiança na ISAF. Portanto, foi necessário informar a população dos comportamentos a adoptar e a evitar na presença de colunas militares, bem como a informar a população do que podia ser considerado como ameaça às forças ISAF e como reagir a determinados gestos dos militares (Lopes, 2008).

Segundo o Capitão Gilberto Lopes (2008), a conversação cara-a-cara com a população era o meio com melhores resultados na população, no entanto, o esforço de todas as actividades incidia sobre os grandes aglomerados populacionais, em detrimento dos subúrbios e das cidades mais pequenas. Acrescia a esta situação, o facto das forças ISAF apenas actuarem nestes locais durante o dia. Estes factores conjugados deixavam estes pequenos aglomerados, mais expostos aos Talibãs, especialmente no SUL e ESTE, regiões fronteiriças com o Paquistão, de onde provêm os grupos Talibãs e da Al-Qaeda. Esta situação, segundo o Capitão Gilberto Lopes, constitui a origem da maior insegurança que se sente no Afeganistão, que conjugada com alguns incidentes que envolvem forças ISAF, vão dar corpo aos objectos da propaganda Talibã, obrigando a CJPOTF a estar constantemente a rebater essa propaganda e como consequência a situação psicológica não consegue evoluir.

Em Junho de 2006, a ISAF X, sob comando Norte-americano liderado pelo Tenente-General J. McNeill, substitui a ISAF IX. A 19 de Setembro de 2007, o UNSC emite a resolução 1776 que prolonga o mandato da ISAF até 13 de Outubro de 2008 (ISAF, 2008a).

Com todo o território ocupado as preocupações da ISAF e consequentemente da CJPOTF voltavam-se agora (para além da consolidação da presença ISAF em todo o território) para outros assuntos até então deixados para segundo plano devido à importância do acompanhamento da expansão. Estes são temas mais relacionados com os objectivos apoio e credibilização das forças nacionais de militares e de segurança, ao desenvolvimento

do território e educação da população como motor para esse desenvolvimento (Schierenberg, 2008).

De acordo com o Tenente-Coronel Michael Schierenberg (2008), durante a ISAF X, a CJPOTF teve grandes dificuldades em corresponder às expectativas do COMISAF, uma vez que nos pequenos aglomerados populacionais, onde a presença da ISAF é menos frequente, havia grande dificuldade em conversar com a população devido às condições de insegurança que se verificavam e à hostilidade crescente da população claramente influenciada pela propaganda Talibã que explorava muito bem qualquer erro das forças internacionais. Para a CJPOTF, explicar estes erros, sobretudo quando implicavam baixas entre a população, era muito difícil se não impossível. Segundo o Tenente-Coronel Schierenberg, a CJPOTF, era também condicionada pela falta de pessoal no seu quadro orgânico, especialmente na *Tactical PSYOPS Force* (TPF), que era a unidade que contactava directamente com a população e como tal obtinha melhores resultados. Para além disso, a TPF gerava algum feedback da situação psicológica da população que, dada a falta de recursos humanos, financeiros e temporais necessários à realização de sondagens nacionais na frequência necessária, constituía o primeiro método do processo de avaliação de resultados.

Em Fevereiro de 2008, o Tenente-General McNeill, volta a assumir o comando da ISAF, desta vez, a ISAF XI, actualmente em vigor no território afegão. Dando continuidade à campanha psicológica desenvolvida durante a missão ISAF anterior, a CJPOTF actuou somente em quatro linhas de operações (LOP) da ISAF: a segurança, o desenvolvimento, o apoio ao Governo do Afeganistão (GOA) e a aceitação e confiança na ISAF (COMISAF, 2007).

Neste período actual, a principal dificuldade na actuação da ISAF e da CJPOTF, e que constitui também a prioridade dos esforços destas forças é, segundo o Capitão Hugo Rodrigues (2008), a falta de condições de segurança, situação que se tem vindo a degradar nos últimos anos, mas que segundo o mesmo, apresentam agora alguns sinais de melhoria. No entanto, apresenta-se agora um novo problema que compromete o processo de desenvolvimento do Afeganistão, que é a corrupção no seio das ANSF.

Em síntese, o apoio das PSYOPS às forças de manobra acompanhou sempre as intenções do COMISAF, no entanto, para a consecução dos objectivos finais da ISAF não concorrem apenas as unidades de PSYOPS, sendo que, a responsabilidade principal permanece nas forças de manobra. Sobre a adequabilidade do apoio de PSYOPS à ISAF e o sucesso em influenciar as TA seleccionadas (que, pelas actividades desenvolvidas, se deduzem ser, de forma geral, a população local, os líderes da opinião afegã e os líderes e membros de grupos “destabilizadores”), concluiremos mais à frente.

III – O CONTRIBUTO DAS PSYOPS NO AFGANISTÃO

PSYOPS: a completely legitimate and necessary tool in the toolbox of any stabilization operation (Maloney, 2005).

1. NA OEF

O contributo das PSYOPS nos resultados da OEF não pode ser avaliado sem integrar uma componente de dedução e subjectividade. A única possibilidade de garantir uma avaliação exacta e objectiva da importância das PSYOPS, no desenrolar da manobra e prossecução dos objectivos, era comparando a OEF com uma operação com os mesmos objectivos, com as mesmas forças em conflito, no mesmo terreno, na mesma altura, com as mesmas variáveis, à excepção da existência de PSYOPS. Como a única opção que garantiria resultados inquestionáveis é também impossível de efectuar, resta estudar esta problemática com base em correlações entre comportamentos observáveis e origens hipotéticas dos mesmos, não podendo deixar de integrar alguma subjectividade, tentando, no entanto, reduzir essa subjectividade ao mínimo.

Ainda sobre o estudo da problemática, serão comparadas as operações Nó Górdio e *Enduring Freedom* com base nas informações obtidas sobre as duas, não deixando de considerar as diferenças temporais e situacionais entre ambas.

1.1. OS RESULTADOS NA OPERAÇÃO ENDURING FREEDOM

Avaliar a influência das PSYOPS nos resultados e consequências da OEF seria tanto mais fácil quanto mais orientados para mudanças de comportamento objectivamente observáveis fossem os resultados pretendidos, uma vez que a alteração de comportamento é a parte verificável da alteração das atitudes pretendidas (NATO, 2007), sendo esta alteração catalisada pela alteração da percepção de determinado fenómeno específico. O que se verifica na OEF é precisamente o oposto, ou seja, os objectivos psicológicos designados não são passíveis de induzir, nas TA, estados finais psicológicos objectivamente observáveis, ou de outro modo, comportamentos que quando verificados permitem concluir que são fruto das actividades de PSYOPS.

Nestas condições, o melhor método de avaliação de resultados seria a realização de estudos estatísticos, incidentes sobre as TA numa fase pós-acção, para de forma directa averiguar a existência e a origem dos estímulos que incidiram sobre as TA, originando ou inibindo resultados. Mais uma vez, este método ideal, não se torna passível de ser utilizado, uma vez que as unidades que conduziram PSYOPS na OEF, não dispunham, segundo

Lamb (2005), de oportunidade nem de recursos humanos ou económicos necessários à realização de tal estudo, inviabilizando ainda mais esta possibilidade, o facto de a coligação não conseguir controlar todo o território nem as TA.

Perante estas limitações, a avaliação de resultados só se torna possível estabelecendo uma correlação, com probabilidade variável, entre os acontecimentos passados e as acções de PSYOPS que possam ter desencadeado, contribuído ou inibido esses acontecimentos.

O Quadro 1 ilustra, esquematicamente, a utilização de objectivos de PSYOPS ao longo das várias fases da operação e relaciona-os com as actividades e objectivos das forças de manobra nessas mesmas fases.

FORÇAS		OPERAÇÃO ENDURING FREEDOM					OBJECTIVOS
		Preparação	Fase I – Intervenção Inicial	Fase II – Entrada das Forças Convencionais	Fase III - Consolidação	Estabilização	
PSYOPS	Actividade Com vista Aos Objectivos psicológico	Estudo do Teatro	Romper Apoio entre a Al-Qaeda e Tálibas		Recompensa por informações	I S O A F F E	Obj. Psicológico 1 (OP1): Isolar os Talibã e a Al-Qaeda de apoio interno e externo
		TAA	Legítima Defesa; Afastar de Zn de combate	Simpatia Solidariedade Informação	Mensagem política Serviço Público		OP 2: Legitimar a intervenção/ Desencorajar interferência
		Formação JPOTF	Rendição	Rendição	Acentuar diferença de Potencial		OP 3: Reduzir eficiência para combate/ inevitabilidade da derrota
	Intensidade das Actividades De PSYOPS	<p>— PSYOPS de Persuasão X PSYOPS de Terror</p>					
	MANOBRA	Posicionamento das Forças; Coordenação da NA com elementos de SOF da Coligação	Bombardamentos aéreos e navais em apoio da manobra terrestre da NA	Entrada de Forças Convencionais no Terreno; Conquista de todas as cidades	Combate à resistência nas montanhas e cidades; Novas Forças se Juntam	CJTF 180; ISAF em Kabul Governo Provisório Preparação do ANA Op. Estabilização	Obj. Operacional 1 (OO1): Destruir campos de treino de terroristas OO2: Capturar líderes Talibã e Al-Qaeda OO3: Término das actividades terroristas

Quadro 2 – Coordenação entre PSYOPS e Manobra na OEF¹⁴

Verifica-se pela análise do quadro 1 que, para facilitar a manobra, as PSYOPS pretendiam contribuir para a divisão dos inimigos da coligação e privá-los de qualquer apoio interno ou externo, constituindo o primeiro objectivo da JPOTF. Para tal, foram usados, na 1ª fase da operação temas que procuravam convencer os Talibã, que estariam seguros se cessassem o apoio à Al-Qaeda, para logo de seguida colocar ambos ao mesmo nível, perfeitamente identificados como inimigos e alvos. Na 3ª fase da operação, de eliminação

¹⁴ Construído com base em Lamb (2005) e Friedman (2008). Inspirado num quadro apresentado pelo Tenente-General Almiro Canelhas (2008).

das bolsas de resistência, foi desenvolvido um sistema de recompensas para quem fornecesse às forças da coligação informações sobre a localização e actividades da Al-Qaeda e Talibãs.

Sobre a eficácia dos primeiros temas, dificilmente se poderá argumentar, a não ser, com alguma relatividade, sobre a percepção de desorganização das forças Talibã como origem para algumas rendições e para a retirada das forças de Kabul sem resistir. Porém, quanto ao sistema de recompensas, pode deduzir-se que foi um sistema produtor de resultados, pelas informações que as forças da coligação recebiam sobre os Talibãs e Al-Qaeda (Cox, 2006). Segundo Cox (2006), poderão ter sido as recompensas a originar a informação que levou à captura de alguns líderes do Regime Talibã. Apesar dessas informações, a localização de Bin Laden constitui, ainda hoje, mistério. Apesar disso, poder-se-á dizer sobre tal facto, que se tal ainda hoje se verifica, não seria pela ineficácia do sistema de recompensas, mas sim pela impossibilidade das TA em conseguir essa informação.

Qualquer intervenção militar em território estrangeiro, nunca é facilmente aceite pela população, é portanto lógico que o objectivo da legitimidade da coligação dependesse grande atenção do JPOTF. Associado à ideia da legitimidade, vem a noção de que se esta legitimidade não é entendida pela população, a mesma passará a constituir um terceiro inimigo com grande propensão para interferir nas acções militares, ao invés do que visava o objectivo anterior, de cortar qualquer apoio ao inimigo (Cox, 2006).

Este objectivo foi provavelmente aquele que maior esforço do JPOTF exigiu, tendo o JPOTF explorado os aspectos desagradáveis do Regime Talibã, ao mesmo tempo que com a ajuda humanitária ajudava a satisfazer as carências da população. Ilustrando o que havia de mau no regime Talibã, fornecendo ajuda humanitária e outro serviço público a uma população carenciada e legitimando a intervenção militar, utilizando o tema da legítima defesa, dando-lhe o aspecto de cumplicidade entre os EUA e o Afeganistão, vítimas do mesmo mal, contribuiu certamente para prosseguir este objectivo e evitar que a população interviesse no conflito (Roberts, 2005). No entanto, os resultados na TA, não reflectem o esforço exercido na legitimação, ainda que as opiniões sejam variáveis entre etnias e regiões, o facto é que “even in Uzbek and Tajik areas, public opinion doubted the wisdom and necessity of the American approach¹⁵” (Cornetta, 2002 p. 15). O insucesso, ou menor sucesso deste objectivo ficou a dever-se ao facto das PSYOPS, não terem capacidade para compensar, na população, percepções negativas resultantes dos danos colaterais provocados sobretudo pela aviação e mísseis que causaram algumas baixas civis (Cox, 2006).

¹⁵ “mesmos nas áreas das etnias Tajik e Uzbeque, a opinião pública duvidava da sabedoria e necessidade do método americano”.

O terceiro objectivo, sobretudo explorando o tema da “rendição” é certamente o tema que origina os comportamentos mais objectivos e portanto com sucesso mais fácil de avaliar. É perceptível uma correlação muito forte entre os panfletos lançados sobre Kunduz, incitando e explicando os procedimentos de rendição, e a rendição de mais de 1000 Talibãs (Lamb, 2005). Deste facto altamente provável, é possível deduzir que outras rendições no decorrer da operação tivessem sido induzidas desta forma. Na fase final, de eliminação das bolsas de resistência nas montanhas, a campanha de terror e de inevitabilidade da derrota pode ser apontada, com base numa correlação com alguma probabilidade, como a causa da reorganização actual dos Talibã e da Al-Qaeda no Paquistão, de onde actualmente lançam as suas operações em território Afegão. No entanto, a avaliação do sucesso no cumprimento deste objectivo, é demasiado subjectiva para que sobre ele se possa inferir.

1.2. COMPARAÇÃO COM A OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO NA GUERRA DE ÁFRICA (1961-74) EM MOÇAMBIQUE

Antes de se proceder à comparação entre estas duas operações, é necessário explicar o contexto de onde surgiu a OpNG. No final de 1969 a actividade da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) em Moçambique, particularmente no distrito de Cabo Delgado¹⁶, tinha aumentado em cerca de 40%, verificando-se portanto, ataques constantes às colunas tácticas e logísticas das forças portuguesas, bem como, a intensificação do uso de minas, e a expansão das suas actividades até ao distrito de Tete a SUL do Rio Messalo, tendo-se gerado a ideia que o Planalto Central era inacessível às tropas portuguesas (Ferreira, 1996). Perante este cenário, o Comandante das Forças Portuguesas em Moçambique, General Kaúlza de Arriaga, decide lançar uma operação militar de grande envergadura com vista à neutralização das 3 grandes bases da FRELIMO em Cabo Delgado, que constituíam o seu “Núcleo Central”.

A operação foi designada como Operação Nó Górdio (OpNG) e o seu conceito de Operação¹⁷ desenvolvia-se em 4 fases (Quadro 2). Consistia numa acção de cerco e ataque, isolando o Núcleo Central com forças a NORTE e a SUL e assaltando com 3 agrupamentos de intervenção as 3 bases do Núcleo Central: Moçambique, Gungunhana e Nampula (COFI, 1970a).

Qualquer comparação entre as componentes psicológicas nestas duas operações não pode incidir em aspectos originários ou influenciáveis pela diferença temporal entre ambas ou na diferença de potencial entre os Exércitos que as conduziram. A comparação que se pretende fazer procurará, simplesmente, encontrar semelhanças ao nível da coordenação

¹⁶ Ver Mapa do Distrito de Cabo Delgado no Anexo I.

¹⁷ Ver Plano de Acção Terrestre no Anexo I.

entre o uso dos temas e etapas da manobra e inferir sobre a actualidade dos princípios de actuação da APSIC.

Para apoiar esta manobra foi desenvolvido um plano de apoio de APsic que incidiria sobre a população Maconde, nas várias fases da operação, utilizando meios de disseminação aéreos de voz e de panfletos (COFI, 1970b).

FORÇAS		OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO					OBJECTIVOS
		Preparação	Fase I – Aproximação	Fase II – Ataque aos Objectivos B e A	Fase III – Intervalo até Conquista do Objectivo C	Fase IV – Exploração do Sucesso	
A P S I C	Actividades com vista aos Objectivos. Psicológicos	Preparação NT					OP 1. Convencer as NT a garantir uma recepção convidativa
			Cisão FRELIMO/ Macondes Msg. Gen. Arriaga	Descrédito do Inimigo	Descrédito do Inimigo	Descrédito	OP 2. Descrédito da possibilidade de vitória
			Recordar Família e religião		Recordar Paz anterior	Confirmação Avisos feitos/ resultados	OP 3. Culpa do sofrimento Maconde é dos terroristas
				Aviso de Terror	Aviso Violência		OP 4. Aviso de Situação desesperada
				Identificação da Situação	Identificação		OP 5. Pânico
			Oportunidade de Salvação/ Sofrimento		Oportunidade	Alternância Sofrimento/ salvação	OP 6. Apresentação à Tropa
	Intensidade da APsic	<p>— APsic de Persuasão X APsic de Terror</p>					
MANOBRA	Posicionamento das Forças; Coordenação da NA com elementos de SOF da Coligação	Agrupamentos de cerco começam a sua instalação; Agrupamentos de Assalto A e B iniciam aproximação aos objectivos	Assalto às Bases Gungunhana e Moçambique	Agrupamento de Assalto C inicia aproximação ao Objectivo C; Assalto à Base Nampula	Acções de Permanência	OO 1. Isolar o NC OO 2. Conquistar 3 bases do NC OO 3. Término actividades subversivas OO4. Capturar material e líderes da FRELIMO	

Quadro 3 – Coordenação entre APSIC e Manobra na Operação Nó Górdio (Canelhas, et al., 2008)

A principal diferença entre estas duas operações põe-se ao nível das TA. Enquanto na OpNG a APSIC incidiu indistintamente sobre o povo de etnia Maconde (e na fase de preparação sobre as NT para incutir a necessidade de uma recepção convidativa aos Macondes que se apresentassem), as PSYOPS da OEF incidiram sobre a Al-Qaeda e Talibãs (primeiro separadamente e depois igualando-os) e sobre a população do Afeganistão em geral. Esta não inclusão da população nas TA na OpNG justifica-se pela especificidade do terreno onde decorreu a operação, sendo esta uma zona com predominância da etnia Maconde (não comparável à totalidade do território Afegão onde decorreu a OEF), que simultaneamente assume o papel de população apoiante e de inimigo. Pode-se também argumentar que os temas utilizados sobre a população na OEF eram sobretudo temas ligados à legitimação da intervenção militar e como tal, rapidamente concluímos que os esforços de legitimação na OpNG não eram tão prioritários uma vez que a província de Moçambique era parte integrante do território português, dando toda a aparente legitimidade ao Exército Português para lutar pela sua manutenção. No entanto, o

objectivo da legitimidade na OEF tinha uma outra consequência desejada: a não intervenção no conflito derivada da percepção que tal intervenção fosse contrária a uma acção legítima. Na OpNG, a não intervenção no conflito era uma consequência que se pretendia que derivasse do segundo e terceiro objectivos: o “descrédito da possibilidade de vitória” e a “culpa do sofrimento Maconde é dos Chefes Terroristas”. A conjugação destes objectivos criaria na TA a ideia de que não deveriam lutar porque a guerra era impossível vencer e só interessava aos Chefes Terroristas, origem do sofrimento do povo Maconde (COFI, 1970 b).

O sucesso nestes objectivos conduzia forçosamente à última solução, o comportamento desejado pelo sexto objectivo: a rendição, por vezes explorada expeditamente, com recurso a elementos das TA, que depois da rendição cooperavam com a APsic, incitando os outros a fazer o mesmo (Lucena, 2008). Esta mesma forma de induzir à rendição é explorada na OEF, onde se apresenta como solução ao sucesso do objectivo da Inevitabilidade da derrota/ redução da eficiência para combate, sobretudo quando o tema da rendição alterna com o tema do terror (Lamb, 2005).

Uma diferença ainda a salientar diz respeito à inclusão, na OpNG, das nossas tropas, como TA, sobre as quais incide o primeiro objectivo, que visava assegurar uma recepção convidativa aos apresentados. A não inclusão das forças Norte-Americanas nas TA da OEF resulta da limitação imposta pela doutrina Norte-Americana, de conduzir PSYOPS sobre as suas próprias forças (US Army, 2005).

Na OpNG são ainda explorados os objectivos do Pânico e da Situação desesperada, que podem perfeitamente ser observados na OEF se extraídos do tema do Terror no Objectivo da Inevitabilidade da derrota.

Quanto à coordenação entre os temas e as fases da manobra, pode afirmar-se que as diferenças entre a aplicação dos temas nas várias fases resultam da diferença já salientada nas TA, parecendo a forma aplicada a mais adequada a cada situação. A incisão dos objectivos de violência e terror cessa fora dos picos de actividade da manobra na OpNG dando predominância a objectivos da “apresentação” indicada como solução, visto que a TA visada por todos os objectivos é a mesma, ou seja, a população Maconde, que era para a FRELIMO, segundo o Tenente-General Sousa Lucena (2008) “simultaneamente o ambiente operacional, o objectivo, o escudo e a retaguarda”. O mesmo se verifica na OEF relativamente a esta sincronização entre as PSYOPS de terror e persuasão, tendo as primeiras ocorrido apenas pontualmente nas fases agudas de conflito, enquanto que as de persuasão são contínuas e acabam por ganhar mais relevância à medida que a operação se aproxima da fase de estabilização.

Um último aspecto a salientar prende-se com a semelhança dos temas de “Serviço Público” e a distribuição de Ajuda Humanitária na OEF que visam os mesmos objectivos da “Acção Social” contemplada na doutrina de APsic, tal como confirma o Tenente-General Sousa Lucena (2008).

2. NA ISAF

Qualquer discussão sobre os resultados atingidos pelas PSYOPS ao longo das várias missões ISAF, apenas pode reduzir a subjectividade de tal análise, quando elaborada com recurso a estudos estatísticos, sobretudo se esses estudos estatísticos são conduzidos ou preparados por unidades de PSYOPS, neste caso, a CJPOTF. Uma das Limitações desta unidade que se verifica desde a sua formação até à actualidade, diz respeito à escassez de recursos humanos, que tal como ISAF, condiciona bastante as suas possibilidades verificando-se sobretudo na *Tactical PSYOPS Force* que é, segundo o Tenente-Coronel Schierenberg (2008), o meio com melhores resultados na população.

Uma outra limitação grave da CJPOTF tem haver com o grau de comando e controlo sobre os RCPSE. A CJPOTF, como unidade de teatro de PSYOPS é responsável perante o COMISAF dos resultados de PSYOPS no Afeganistão, no entanto, apenas tem uma relação de coordenação, sobre os RCPSE, o que limita em grande medida a acção do Comandante da CJPOTF na coordenação de todas as actividades de PSYOPS, diminuindo as sinergias que se poderiam obter com uma relação de controlo operacional¹⁸.

2.1. MISSÕES E LINHAS DE OPERAÇÃO

Se por definição as PSYOPS são actividades psicológicas planeadas que usam métodos de comunicação e outros meios directos em audiências aprovadas com vista a influenciar percepções, atitudes e comportamentos que possam afectar a prossecução de objectivos políticos e militares (NATO, 2007), a discussão sobre a adequação dessas actividades ao cumprimento dos objectivos militares passa por definir esses objectivos.

Visto que os objectivos militares actuais são definidos pela ISAF, é importante ter em conta a sua missão, que é formulada como “*conduct military operations in the assigned Area of Operations (AOO) to assist Government of Afghanistan (GOA) in the establishment and maintenance of a safe and secure environment with full engagement of ANSF, in order to extend GOA authority and influence, thereby facilitating Afghanistan’s reconstruction and enabling the GOA to control the country*”¹⁹ (COMISAF, 2007).

O plano de Operações do COMISAF (2007), define também no seu Anexo L, a missão das suas PSYOPS, formulando-a do seguinte modo: “*ISAF will conduct PSYOPS activities in the assigned AOO to assist the GOA in the establishment and maintenance of a safe and secure environment with full engagement of ANSF, in order to extend GOA authority and*

¹⁸ Relação de Comando e Controlo típica em que uma autoridade nacional coloca a sua força sob um comando NATO.

¹⁹ Conduz Operações Militares na sua área de operações para apoiar o Governo do Afeganistão (GOA) no estabelecimento e manutenção de um ambiente seguro com o empenhamento total das ANSF, a fim de estender a autoridade e influência do GOA, para facilitar a reconstrução do Afeganistão e permitir ao GOA controlar o país.

influence, thereby facilitating Afghanistan's reconstruction and enabling the GOA to control the country. Verifica-se portanto que ambas as missões têm exactamente a mesma forma.

Do mesmo modo se estruturam as bases de actuação das duas forças, ou seja, quer a ISAF, quer as PSYOPS, tendo como unidade central e coordenadora a CJPOTF, estabelecem os objectivos a atingir a partir de Linhas de Operação²⁰ (LOP). Estas LOP, que ao nível da ISAF vão constituir os efeitos e sub-efeitos pretendidos (COMISAF, 2007), ao nível das PSYOPS vão constituir os programas de apoio a essa LOP, que visam os objectivos psicológicos a atingir.

Interessa mais uma vez, comparar as LOP da ISAF com as LOP de PSYOPS para inferir sobre a adequabilidade das segundas no apoio das primeiras. Assim, a ISAF define cinco LOP: Segurança (garantir condições de segurança no Afeganistão), Governo (apoiar o GOA), Desenvolvimento (desenvolver as condições de vida e reconstruir o país), Coordenação (e cooperação entre todos os actores no teatro como o GOA a OEF, as autoridades civis e as ANSF) e Capacidades e Inibidores da ISAF (gestão de recursos, manter capacidades e liberdade de acção e garantir imagem positiva) (COMISAF, 2007).

O Plano de Apoio de PSYOPS (SUPLAN), elaborado pela CJPOTF (2007) conforme definido no COMISAF OPLAN, define quatro LOP orientadoras das actividades de PSYOPS, são elas: Segurança, Desenvolvimento, Governo, Desenvolvimento e Capacidades e Inibidores ISAF. É portanto, mais uma vez verificável, que as LOP definidas para ambas as forças são as mesmas, com excepção da falta da LOP Coordenação nas PSYOPS, cuja justificação é facilmente perceptível pelo facto de tal LOP estar fora das capacidades e natureza das actividades desenvolvida pelas unidades de PSYOPS no Afeganistão, não obstante, os temas desenvolvidas nas restantes 4 LOP, certamente concorrerão para facilitar essa LOP da ISAF.

Em cada LOP, a CJPOTF, vai planear programas, definidos sobre TA específicas, com vista aos objectivos psicológicos definidos, devendo a cada LOP da ISAF corresponderem vários programas, sujeitos aos vários objectivos decorrentes dessas LOP. Uma conduta menos comum, porém, verificável na CJPOTF da ISAF XI, é a definição geral das TA e a equivalência de um programa a cada LOP, com vista à prossecução de vários objectivos psicológicos (CJPOTF, 2007). Estes objectivos, mais gerais, podem ser desdobrados em objectivos mais específicos que irão originar temas.

²⁰ “As linhas de operações ligam os pontos Decisivos no tempo e no espaço no trajecto para o Centro de Gravidade do oponente. Elas ligam a força com a sua base de operações e os seus objectivos. Os comandantes usam-nas para focalizar o potencial de combate para o fim desejado, aplicando-o através das três dimensões do espaço, ao longo do tempo e num desenho lógico que integre todas as capacidades militares da força conjunta no sentido de convergir sobre o CoG do adversário e derrotá-lo” (IESM, 2005).

2.2. OS OBJECTIVOS PSICOLÓGICOS

Depois de comparadas as “origens” das actividades de PSYOPS, interessa agora, estender a análise aos Objectivos Psicológicos (definidos estrategicamente e indicados no SUPLAN) que a seguir se apresentam, em função dos respectivos indicadores de eficácia.

2.2.1. Manter e expandir a imagem ISAF e NATO como fontes de informação credíveis

Manter a credibilidade como fonte de informação só é possível se de facto a ISAF se constituir como fonte de produção de informação, ou seja, a população não deverá receber mais informação de elementos terroristas ou anti-governamentais do que da ISAF. O que acontece é que a diferença entre o fluxo de informação ISAF e anti-governamental não é muito elevada, sendo de 17,5% para a informação proveniente de forças internacionais (podendo englobar informação proveniente da OEF) e de 7,7% proveniente de elementos anti-governamentais (MRA, 2008).

A credibilidade da ISAF como fonte de informação é variável conforme a região e o grau de literacia da população. A título de exemplo, o jornal de PSYOPS da ISAF, o Sada-e-Azadi é conhecido de apenas 18% da população (MRA, 2008), dessas pessoas, apenas 60% reconheceu a autoria do jornal à ISAF, apesar disso, 94% reconheceu o jornal como fonte fiável e muito fiável. Isto acontece com as pessoas letradas, o mesmo não se passa com a generalidade da população.

Uma vez que a maior parte de população é iletrada a fonte de informação mais utilizado pela população é o rádio, tendo 50% da população se assumido como ouvinte da rádio Sada-e-Azadi (MRA, 2008). No entanto, em 2006, apenas 20% da população admitiu acreditar na totalidade ou maior parte da informação proveniente da ISAF (ALTAI, 2006).

É portanto perceptível, que a ISAF, não figura nas principais fontes de informação da população, o que acontece, segundo, o Capitão Gilberto Lopes (Lopes, 2008), pela dificuldade que existe em comunicar, resultado da necessidade de adequar os produtos ISAF à variedade de etnias e línguas do Afeganistão, à iliteracia, à dificuldade de propagação da transmissão rádio e ao reduzido número de aparelhos de televisão, ao qual se soma a dependência completa de intérpretes.

2.2.2. Criar e manter uma atitude positiva perante a ISAF, reforçar a sua aceitação e a vontade de a apoiar e às suas operações a fim de alcançar estabilidade para o Afeganistão

Quando interrogada sobre a necessidade de forças internacionais para o processo de estabilização, 75% da população responde que as forças internacionais são necessárias e 74% dos interrogados defende que as forças internacionais apenas devem sair do Afeganistão quando a paz definitiva for alcançada (ALTAI, 2006). No entanto, no RC Central

e no RC South, cerca de 50% da população afirma que a presença das forças internacionais é motivada pelos seus próprios interesses em vez da finalidade de trazer paz ao Afeganistão (ALTAI, 2006).

Actualmente, a opinião sobre a ISAF é considerada boa e muito boa por 35% da população, 44% tem uma opinião razoável e apenas 21% tem opinião má e muito má. A população dos RC East e South tem pior opinião da ISAF do que a restante população. Ainda assim, 59% da população defende que a ISAF deve permanecer no Afeganistão (MRA, 2008).

A opinião da população sobre a ISAF é positiva, no entanto, decresce onde os Talibãs demonstram maior influência, e a opinião geral tem vindo a piorar nos últimos anos fruto incidentes com a população, exigindo da CJPOTF, uma maior atenção a este objectivo para contrariar dos últimos anos.

2.2.3. Desencorajar a interferência, confrontação, actividades hostis e resistência armada contra a ISAF

Desde 2005 que as actividades hostis têm vindo a aumentar, sobretudo após a expansão aos RC South e East. A intensificação das operações no SUL e ESTE do Afeganistão fez disparar o número de atentados suicidas atingindo um pico em Setembro de 2006 (UNAMA, 2007). Simultaneamente aumentou o uso de engenhos explosivos improvisados (IED) passando de 844 em 2005 para 2615 em 2007 (NATO, 2008).

Com base nestes resultados, as percepções de segurança da população têm vindo a diminuir drasticamente desde 2005. Enquanto em 2005, 92% dos afegãos se sentiam seguros, em 2007 apenas 40% respondia da mesma forma, registando-se actualmente uma melhoria de 4% em relação à situação anterior (MRA, 2008), percepção essa, confirmada pelo Capitão Rodrigues (2008). Estes resultados agravam-se ainda mais profundamente nos RC South e East em que apenas 28% da população considera boas as condições de segurança na zona. A percepção de segurança mostra sinais de recuperação, no entanto, os actos hostis continuam a aumentar, exigindo esforços continuados neste campo.

2.2.4. Convencer a população a cooperar pacificamente entre si

Os resultados referentes ao sucesso deste objectivo são provavelmente, os mais difíceis de analisar. A multiplicidade étnica e religiosa cria dificuldades na cooperação pacífica entre a população. Quando interrogados sobre a confiança que depositavam no relacionamento com outras pessoas, 59% afirmou que era necessário ter cuidado nessas relações e quando interrogados sobre a espontaneidade das pessoas nos relacionamentos sociais, 62% respondeu que as pessoas põem os seus interesses pessoais em primeiro lugar (ASIAN FOUNDATION, 2006).

A diversidade étnica constitui ainda uma barreira para a união social no Afeganistão, no entanto, não são muitos os incidentes registados entre a população, de uma forma geral, os resultados têm tendência a melhorar uma vez que há uma grande quantidade de pessoas que apresentam fé no futuro do país.

2.2.5. Convencer a população a reconhecer e apoiar activamente o estabelecimento de uma autoridade político-administrativa legítima e a lei e ordem como condição necessária para fundar um novo Afeganistão, moderado e internacionalmente aceite

O povo Afegão apresenta fé no GOA e nas ANSF. Cerca de 75% da população afirma que quem detém maior influência no seu local de residência é o GOA, tendo os Talibã obtido valores de influência de 12%. Da mesma forma 53% da população acredita que o GOA segue na direcção certa e 51% dos inquiridos defende que o GOA se preocupa com as necessidades da população (MRA, 2008).

As ANSF conseguem ainda resultados mais positivos quanto à confiança da população que afirma constatar a presença das ANSF frequentemente no seu quotidiano. Pelas actividades desenvolvidas pelas ANSF, 84% da população afirma estar orgulhosa do ANA e 76% orgulhosa da ANP, estes resultados caem para 37 e 39% no RC South onde a população se sente menos satisfeita com a prestação das ANSF uma vez que a insegurança sentida nestas regiões é menor. Apesar desta satisfação, alguns inquiridos relataram situação onde observaram membros das ANSF a receber dinheiro da população, indiciando situações de corrupção num sector significativo destas forças (ALTAI, 2006).

A população confia e sente orgulho nas ANSF, no entanto, o problema da corrupção deve ser tido em conta urgentemente, sob pena de “deitar por terra” os esforços de legitimação levados a cabo pelo GOA, ISAF e PSYOPS.

2.2.6. Convencer a população a apoiar e participar activamente no esforço de reconstrução social, cultural e política das autoridades afegãs internacionalmente reconhecidas e a assistir os representantes da comunidade internacional

Se o povo Afegão tem esperança no GOA, o grau de iliteracia impede-o de participar activamente em organizações com responsabilidade neste processo de reconstrução. Apenas 12% da população participa num qualquer tipo de organização, sendo as mais frequentes, organizações agrícolas, juvenis, estudantis, de professores ou desportivas (ASIA FOUNDATION, 2007).

No entanto, 65% da população afirma não sentir qualquer receio em participar nas resoluções locais e 57% da população afirma não ter sentido qualquer receio ao votar nas eleições nacionais. Cerca de 35% afirmou não ter receio de participar em manifestações pacíficas, porém, existe uma percentagem semelhante (37%) que afirma ainda ter receio de participar nessas manifestações (ASIA FOUNDATION, 2008).

O povo Afegão apresenta, assim, confiança no GOA e não tem receio em tomar parte nas decisões políticas individuais enquanto votante, no entanto, a participação em organização activas ou manifestações, constitui ainda um assunto sensível para a maior parte dos afegãos, sendo estes resultados em grande parte influenciados pelas percepções de insegurança.

2.2.7. Convencer a população da necessidade e das vantagens do programa governamental anti-narcotráfico

Em 2006, a maior parte da população manifesta-se contra o cultivo do ópio (80%), enquanto 15% concorda com o cultivo e produção do mesmo. A população defende razões associadas à religião e ao facto do ópio gerar vício como o motivo para a sua não cultivo; apenas 10% argumentou que o ópio era fonte de receitas para terroristas, que gerava corrupção entre as autoridades ou que era causa de insegurança para o Afeganistão (ASIA FOUNDATION, 2006).

Em 2007, os resultados mantiveram-se com o aumento de 1% nos defensores da produção de ópio que indicaram como vantagens da produção do ópio o facto de ser uma cultura mais lucrativa, com menor necessidade de água e que garante muitos postos de trabalho. Cerca de 50% das razões apresentadas para não produzir ópio prendem-se com a proibição pelo Islão (ASIA FOUNDATION, 2007).

Contrariamente ao que defende a população, a produção de ópio tem aumentado nos últimos anos e segundo dados das UN, a produção de ópio aumentou de 104000 hectares em 2005 para 193000 hectares em 2007 (UNAMA, 2005, 2006, 2007). Concluí-se portanto que é, fundamentalmente, por razões monetárias que a cultura do ópio continua a evoluir, por outro lado, exige-se um maior esforço das forças de manobra neste problema, dada a complexidade do mesmo, uma vez que não é de índole moral, mas essencialmente financeira.

2.2.8. Convencer a população a cessar o apoio a grupos ilegais, de oposição destabilizadores.

Os grupos armados ilegais não contam com o apoio da maior parte da população afegã que os reconhece como o maior fonte da insegurança que sentem e que tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos. A população identifica como origem da insegurança os Talibãs (20%) e o Paquistão (10%). Percepção da responsabilidade do Paquistão aumenta nos RCs South e East, regiões fronteiriças, o mesmo acontece em relação aos Talibãs (MRA, 2008).

Os esforços neste objectivo, passam pela intensificação da presença da ISAF nestes RC, presença essa muito limitada pela escassez de recursos humanos, que para além das unidades de PSYOPS, se verifica também, nas forças de manobra da ISAF. Segundo o

Tenente-Coronel Schierenberg (2008) e o Capitão Lopes (2008), os esforços devem também ser estendidos aos pequenos aglomerados populacionais, onde os Talibã, conseguem obter mais influência.

2.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os valores apresentados para alguns indicadores apresentam valores que podem, à primeira vista, criar a percepção que os objectivos definidos foram alcançados ou que estão encaminhados para tal. O que na realidade acontece, é que a maioria destes dados, apesar de numa análise absoluta serem positivos, numa análise relativa, não são tão positivos. Tendo em conta os valores dos indicadores relativos a anos anteriores, verifica-se de forma preocupante que os valores têm vindo a piorar.

O início desta regressão teve lugar com a intensificação das operações de combate a SUL e com a expansão ao RC East aumentando a violência, os ataques suicidas e a utilização de IED. Perante estes aumentos de violência, as percepções de segurança da população desceram abruptamente tendo a mesma população identificado as causas deste decréscimo de segurança apontando como principais causadores de insegurança, os Talibã e o Paquistão, imediatamente antes dos desempregados (MRA, 2008).

Assim sendo, a população confirma a ideia obtida nas entrevistas realizadas (Lopes, 2008; Schierenberg, 2008) de que a insegurança é maior no RC South e East porque são estes RC que fazem fronteira com o Paquistão, de onde são lançadas as ofensivas Talibã e da Al-Qaeda.

Se tal acontece e a população se sente insegura, vai consequentemente ser mais difícil às PSYOPS atingir os seus objectivos, uma vez que não podem “publicitar” uma realidade de segurança geral, que não se verifica, passando os esforços principais de pacificação às forças convencionais.

Neste ponto, surge um inibidor aos resultados de PSYOPS: a hierarquia das necessidades de Maslow como fonte de motivação (NATO, 2007). Ou seja, se as necessidades de segurança dos Afegãos não são satisfeitas, então dificilmente se conseguirá avançar nos campos do desenvolvimento ou do apoio político, principalmente, na participação activa. Da mesma forma, a ISAF sai descredibilizada, uma vez que é a força internacional responsável por garantir a segurança que os Afegãos não sentem e, que por vezes é até a origem de incidentes com a população. As PSYOPS são chamadas a justificar estes incidentes à população, melhorando e piorando a opinião da população sobre a ISAF em função do incidente ou da justificação, inviabilizando a evolução da situação psicológica (Lopes, 2008).

Os afegãos reconhecem de facto que a origem da insegurança não reside na ISAF, mas sim no que a ISAF combate, mas admitirão também que as suas capacidades actuais, não são capazes de combater os focos de insegurança. O que de facto se passa e constitui

conhecimento público, é que ISAF não dispõe de recursos humanos suficientes para as necessidades actuais do Afeganistão, realidade apresentada também ao nível das unidades de operações psicológicas, onde, segundo o Tenente-Coronel Michael Schierenberg (2008), é constante a falta de TPT que constituem o meio mais importante e com mais vantagem na relação com a população. Nas CJPOTF das missões ISAF analisadas, inclusive, no TPSE da ISAF VII, a TPF nunca esteve a 100% ou perto. Acresce a este facto, a falta de coordenação entre as PSYOPS das várias forças, que dependia em grande parte, de relações pessoais entre os comandantes dessas unidades (ver entrevistas no anexo D).

Perante este cenário de escassez de recursos humanos, sobretudo ao nível dos tradutores com importância vital na comunicação, apresentam-se grandes inibidores aos objectivos da CJPOTF e da ISAF, no entanto, a importância das PSYOPS é crescente, constituindo-se como a solução para abordar a população sobre a realidade do Afeganistão. Da mesma forma, recai também sobre as PSYOPS parte da responsabilidade de comunicar com a população²¹, perceber as suas percepções e determinar as suas necessidades ao COMISAF. A prova da sua importância crescente está na evolução da sua estrutura e no estreitamento das relações de dependência para o COMISAF, tendo estas, diminuído ao longo das missões ISAF analisadas, conforme se verifica nos anexos E e F.

Por outro lado, a CJPOTF, que assume a função de coordenação das actividades de PSYOPS em todo o Afeganistão, não tem qualquer grau de comando sob os RCPSE, impossibilitando a coordenação completa das PSYOPS em todo o teatro, acrescentando a esta situação, a coordenação deficiente entre as PSYOPS da ISAF e da OEF, que quando se verifica, está dependente de relações pessoais entre os comandantes destas forças.

²¹ Visto que a comunicação da ISAF com a população também se verifica através das unidades de PI.

CONCLUSÕES

The Afghans, like the Poles, wish nothing more, as you've just been so eloquently told, than to live their lives in peace, to practice their religion in freedom, and to exercise their right to self-determination (Reagan, 1982).

Este trabalho pretendia como resposta à questão central (As PSYOPS estiveram/estão correctamente orientadas para apoiar a OEF e a ISAF no cumprimento das suas missões?), determinar a adequabilidade das PSYOPS no apoio às missões da Coligação Internacional na OEF, e da ISAF na actual operação de estabilização no Afeganistão. Para que se possa concluir relativamente à questão central foi necessário, como vimos, responder às questões derivadas, relembrando as mesmas:

1. Quais os Objectivos Psicológicos definidos e TA seleccionadas?
2. As PSYOPS demonstraram/ têm tido sucesso em influenciar as TA de forma a facilitar o cumprimento da missão da força?
3. É verificável um paralelismo entre as PSYOPS actuais e a Acção Psicológica (APsic) da Guerra de África (1961-74)?

Decorrente desta problemática, a investigação deste assunto incidiu sobre dois períodos distintos (OEF de Setembro de 2001 a Dezembro 2002, e ISAF VII a ISAF XI, de Fevereiro 2005 a Julho de 2008), escolhidos por melhor poderem caracterizarem as operações em estudo. A análise subsequente recaiu sobre as relações fases da manobra-apoio de PSYOPS e objectivos operacionais/psicológicos-resultados obtidos para a partir daí serem deduzidas as conclusões do estudo que serão explicitadas a seguir.

Neste sentido, para que se possam analisar as operações militares à luz das PSYOPS, foi necessária uma familiarização prévia com a sua terminologia específica, assim no primeiro capítulo, expuseram-se os conceitos nucleares desta temática na óptica das várias doutrinas de referência adoptadas. Aqui, é possível concluir que as definições de PSYOPS das várias doutrinas expostas, apesar de apresentarem pequenas diferenças no vocabulário utilizado, em termos práticos têm a mesma aplicação. Registam-se algumas dissemelhanças entre a doutrina Norte-Americana e NATO (da qual deriva a nacional) quando às competências para conduzir missões de PI, que apesar de limitadas na NATO, podem verificar-se nos EUA em tempo de crise e conflito para reforçar a credibilidade das forças nacionais. Existem também diferenças nas categorias de PSYOPS, definidas nos EUA com base no nível das operações, enquanto esta categorização na NATO considera adicionalmente a tipologia das operações, da qual resultam as CRPO.

Identificada a terminologia e os aspectos teóricos das PSYOPS é possível ilustrar o apoio das unidades de PSYOPS nas operações enunciadas, para responder à primeira

Conclusões

questão derivada. Desenvolve-se com este intuito, o segundo capítulo, onde se indica como resposta à questão em causa, que na OEF, as TA eram a população local, os elementos da Al-Qaeda e os Talibãs e que as PSYOPS visavam como objectivos: isolar os Talibãs da Al-Qaeda e ambos de qualquer apoio; legitimar a intervenção militar; reduzir a eficiência para combate da Al-Qaeda e Talibãs e incitar à rendição. Na ISAF, as TA seleccionadas são a população local (de todas as etnias), os líderes da opinião afegã (e comunicadores-chave) e os líderes e membros de grupos armados e ilegais que conduzem acções destabilizadoras anti-GOA e anti-ISAF. E os objectivos psicológicos indicados são: credibilizar a informação da NATO e ISAF; reconhecer positivamente a ISAF e incitar a vontade de apoiar as suas actividades; desencorajar actividades hostis; promover a cooperação social; reconhecer as autoridades políticas e as ANSF; promover o esforço activo de reconstrução; enfatizar a necessidade do programa de combate ao narcotráfico; limitar o apoio aos grupos destabilizadores.

Depois de identificadas as TA e os objectivos, torna-se possível analisar as relações objectivos-resultados pelo estudo dos seus indicadores de eficácia, estudo esse que tem lugar no terceiro capítulo e que permite responder à segunda questão derivada, originando as conclusões a seguir indicadas.

Relativamente ao Apoio de PSYOPS na OEF, podemos concluir pela análise efectuada que nenhum dos objectivos psicológicos definidos foi inteiramente alcançado, o que não é igual a dizer que as PSYOPS não tiveram um desempenho adequado, pelo contrário. Relativamente ao primeiro Objectivo Psicológico, “Isolar a Al-Qaeda dos Talibãs e ambos de qualquer apoio interno ou externo”, podemos afirmar que as actividades desenvolvidas neste sentido, contribuíram para desarticular e quebrar a ligação entre estas forças, desencadeando por vezes a sua fuga sem combate e, do programa de recompensas, resultaram várias informações para a coligação, considerando também que as informações mais importantes, apenas circulariam entre um grupo muito restrito de elementos da Al-Qaeda, o que dificultava o seu fluxo e acesso por parte da coligação.

O segundo Objectivo Psicológico, “Legitimar a intervenção militar no sentido de convencer a população a não interferir no conflito”, foi “derrotado” pelos danos colaterais da operação, no entanto, a JPOTF, desenvolveu um conjunto incessante de actividades, devidamente adequadas ao objectivo, no sentido de compensar esses danos. Porém, a sucessão de incidentes anulou grande parte desse esforço, sendo a atitude maioritária de descrédito, mas com alguma tolerância.

O terceiro Objectivo Psicológico, “Reduzir a eficiência para combate dos Talibãs e da Al-Qaeda ilustrando a inevitabilidade da derrota e incitando à rendição”, foi responsável por rendições, por vezes massivas e por retiradas, facilitando o cumprimento das missões tácticas e operacionais da coligação. Deste modo, dá-se resposta à segunda questão derivada (no que à OEF diz respeito) com a confirmação da primeira hipótese levantada: “As

PSYOPS tiveram um desempenho adequado à manobra da Coligação na OEF". Ainda que, com algumas reservas quanto ao sucesso dos esforços de legitimação.

Quando ao apoio às actividades de estabilização da ISAF, conclui-se que existe um desenvolvimento das missões, objectivos psicológicos e produtos, adequado e decorrente dos objectivos operacionais da ISAF, onde as LOP da ISAF têm tradução nos programas de PSYOPS, uma vez que uns derivam dos outros.

A análise dos indicadores de sucesso dos objectivos psicológicos, indicia falta de sucesso no cumprimento de parte dos objectivos definidos. No entanto, a população desenvolveu uma atitude positiva perante a ISAF e suas intenções, em detrimento dos grupos destabilizadores considerados como fonte de insegurança. O mesmo acontece com o GOA e as ANSF, apesar disso, a credibilidade na informação da ISAF é ainda pouca, e as actividades hostis contra a ISAF têm aumentado exponencialmente, assim como a produção de ópio. Como resultado, a população sente-se cada vez mais insegura, enfraquecendo a confiança na ISAF, que se assume como a entidade responsável por garantir a segurança que os afegãos deixaram de sentir.

Importa referir, que o insucesso destes objectivos está relacionado em grande parte com outras variáveis, não dependentes das unidades de PSYOPS, tais como o combate ao narcotráfico e o seu êxito ou fracasso. A este propósito, as PSYOPS da ISAF conseguiram desenvolver na população a percepção que a produção de ópio é maligna, no entanto, a sua produção é cada vez maior. No que das PSYOPS depende, o trabalho está feito, porém existe toda uma envolvente económica aos grupos ilegais, responsável por esse aumento, à qual, a única oposição possível são as forças militares e de segurança. O mesmo acontece com a percepção de segurança, onde as PSYOPS pouca influência conseguem, dada a impossibilidade em passar uma imagem diferente do que os afegãos sentem diariamente.

Somam-se a estas dificuldades, os danos colaterais provocados pelas operações da ISAF, que tanto contribuem para diminuir a fé dos Afegãos nesta força, e que no entanto, estão constantemente a ser explicados e justificados pela CJPOTF, reduzindo o impacto nefasto que estes incidentes originam. Pese embora o facto das unidades de PSYOPS contribuírem para a redução da eventual hostilidade resultante destes incidentes, a sua repetição acaba por impossibilitar a evolução da situação psicológica. Assim em síntese, e apesar do trabalho das PSYOPS estar adequado, o sucesso não é verificado em alguns objectivos. Como tal, responde-se, novamente, à segunda questão derivada (na envolvente da ISAF) confirmando parcialmente a segunda hipótese: "As PSYOPS têm tido um desempenho adequado e sucesso no apoio à missão da ISAF no actual processo de estabilização". Assumindo a adequabilidade, mas questionando o sucesso.

Ainda no terceiro capítulo, desenvolve-se uma comparação entre a OEF e a OpNG com o objectivo de avaliar um paralelismo entre a actuação das actuais PSYOPS e da APsic. Quando comparadas com a OpNG, as actividades de PSYOPS na actualidade,

Conclusões

apresentam características bastante semelhantes, sendo as principais diferenças encontradas, resultado das dissemelhanças nas TA que procuram alvejar, por exemplo constatou-se a possibilidade de condução de APsic sobre as nossas forças, acção esta, limitada nas actuais PSYOPS. Verificam-se ainda algumas dissemelhanças na formulação dos objectivos psicológicos, que são mais específicos e numerosos na OpNG e mais gerais e abrangentes na OEF. Estas diferenças, mais formais do que de conteúdo, anulam-se quando se constata que visam induzir os mesmos comportamentos nas TA, como é o caso dos objectivos de “Promover a apresentação à Tropa” na OpNG e da “Redução da Eficiência para combate”. Apesar do objectivo afecto à OEF não ser tão directo na sua formulação, como o objectivo da OpNG, ambos visam o mesmo resultado: incentivar à rendição.

De igual modo, a sincronização entre as actividades psicológicas de persuasão e terror, é aplicada da mesma forma em ambas as operações, com as actividades de terror verificadas em períodos delimitados que acompanham as fases mais agudas da manobra, enquanto as actividades de persuasão são contínuas desde o início do conflito, verificando-se apenas um decréscimo mais lento destas actividades na OEF, visto que esta entra numa fase de estabilização.

É também notório, que apesar destas duas doutrinas serem separadas por meio século, existem pontos de contacto, ao nível da actuação e doutrina, como é o caso da “acção psicossocial” definida pela doutrina da APsic, que se reflecte plenamente na conduta de distribuição de ajuda humanitária e disseminação de mensagens de serviço público na OEF. Verifica-se portanto, a terceira hipótese levantada (“Confirma-se um paralelismo entre a APsic e as PSYOPS actuais”) como resposta à terceira questão derivada.

Antes de apresentar a resposta à questão central, é fundamental justificar a extensão dos resultados das PSYOPS, identificando a acção das variáveis que os afectam. Os resultados obtidos não são estanques. A pluralidade de variáveis incidentes sobre a natureza humana (objecto das PSYOPS) e a multiplicidade de estímulos que afectam e concorrem para a consecução dos mesmos objectivos das PSYOPS, conferem aos resultados obtidos uma “responsabilidade partilhada”. Começando por referir que se desperdiçam sinergias nos resultados das PSYOPS, pelo facto de não haver coordenação constante entre as PSYOPS da ISAF e as PSYOPS de outras forças como as da coligação da OEF ainda no terreno. Esta situação melhora dentro da própria ISAF (entre a CJPOTF e os RCPSE), no entanto, a inexistência de uma relação de comando entre estas unidades dificulta a coordenação em actividades de PSYOPS, que dada a quantidade de variantes que inibem melhores resultados de PSYOPS no teatro, começa a assumir-se como condição essencial ao sucesso das PSYOPS.

Uma outra limitação, comum à ISAF e às suas PSYOPS, é a escassez de recursos humanos onde se verifica um grande défice na quantidade de militares e na sua formação para uma área tão específica como as PSYOPS.

Constata-se ainda que, dado o elevado grau de iliteracia da população afegã, os jornais não são o meio com melhores resultados. Como alternativa, apresenta-se o rádio, embora este meio não possua verdadeira implantação nacional, assim o método mais eficaz ainda é a conversação cara-a-cara levado a cabo pelas TPT, mas mais uma vez a TPF da CJPPTF tem grande falta de recursos humanos, o que traz como consequência um desaproveitamento deste meio de importância fulcral, acrescentando-se ainda a dependência quase total de tradutores, também recurso escasso no Afeganistão.

Se a ISAF ainda tem um longo caminho a percorrer até alcançar o objectivo final de transferir a autoridade completa do território ao GOA e às ANSF, ao longo do percurso percorrido, a ISAF já aprendeu a valorizar o valor das suas unidades de PSYOPS que se constituem como multiplicadores/preservadores de potencial. Prova disso, é a evolução que a estrutura de PSYOPS sofreu, e sua ascensão na cadeia de comando da ISAF, facto ilustrador do reconhecimento da sua importância e utilidade como “ferramenta” essencial na operação de estabilização.

Assim, de forma geral, conclui-se que as PSYOPS tiveram um desempenho adequado no apoio à manobra da Coligação Internacional na OEF e da ISAF, no entanto, os resultados sofrem a influência de inúmeras variáveis, sendo que, o controlo da maior parte destas, não passa pelas unidades de PSYOPS, mas pelo reforço das outras capacidades operacionais da ISAF.

Ao trabalho de investigação apresentou-se como principal dificuldade o acesso à informação, uma vez que toda a documentação que permitiria aprofundar a análise é classificada e, como tal, de difícil acesso. Os documentos oficiais obtidos, na sua quase totalidade, dizem respeito a excertos não classificados, mas que permitem retirar as conclusões já apresentadas. Da mesma forma, aos estudos estatísticos utilizados, corresponderiam relatórios de análise dos mesmos, elaborados pelos analistas da CJPOTF, que certamente apresentariam resultados muito mais fundamentados, fruto do contacto directo com o problema, mas uma vez mais, de difícil acesso. Aceder a estes relatórios e a documentação oficial permitiria a realização de uma investigação mais justificada e aprofundada.

Pressupondo o acesso aos documentos acima referido, propõe-se num enquadramento actual, uma análise ao apoio das PSYOPS na OEF comparativamente a esse apoio na Operação *Iraqi Freedom*, no Iraque, e a sua evolução para a Operação *Iraqi Freedom II*, num contexto com muitos pontos em comum com a OEF, constituindo por isso, a possibilidade de uma análise igualmente aliciante.

Como foi referido, os resultados das PSYOPS na ISAF, são condicionados por múltiplas variáveis, na maior parte, bastante difíceis ou impossíveis de controlar. Poderá no entanto, apresentar-se como solução para a falta de sinergias na condução de PSYOPS

Conclusões

pelas várias unidades da ISAF, a atribuição, à CJPOTF, do controlo operacional dos RCPSE. Esta relação de comando, poderia, em larga medida, melhorar a coordenação entre as actividades de PSYOPS da ISAF ao nível do Teatro, ao invés do que se verifica actualmente. Ainda assim, as PSYOPS da OEF passariam fora desta relação, no entanto, a simultaneidade actual (e provavelmente permanente) de comando Norte-Americano nestas duas operações, poderia tornar mais viável a criação de um Fórum Coordenador de Efeitos, entre as duas operações, com interesses para ambas.

Em corolário de tudo o que foi dito, as PSYOPS, apresentam um futuro tão vasto, como vasta foi a sua aplicação no passado. O seu estudo, constituirá sempre um tema aliciante, sobretudo quando verificado num contexto actual e pertinente, e como tal, passível de enquadrar uma missão de forças militares.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberts, David S., et al. 2001.** *Understanding Information Age Warfare*. s.l. : CCIR Publication Series, 2001.
- ALTAI, CONSULTING. 2006.** *Afghanistan National Development Poll*. 2006.
- ASIA FOUNDATION. 2006.** *A Survey of the Afghan People*. s.l. : The Asia Foundation, 2006.
- **2007.** *A Survey of the Afghan People*. s.l. : The Asia Foundation, 2007.
- **2008.** *A Survey of The Afghan People*. s.l. : The Asia Foundation, 2008.
- Bashiri, Iraj. 2002.** Afghanistan: an Overview. *Angel Fire*. [Online] 2002. [Citação: 5 de Agosto de 2008.] <http://www.angelfire.com/rnb/bashiri/Afghanistan/AfghanOverview.html>.
- Blood, Peter. 2001.** Afghanistan: A country studie. *Country Studies*. [Online] 2001. [Citação: 30 de Julho de 2008.] <http://countrystudies.us/afghanistan/>.
- Canelhas, Almiro e Lucena, Sousa. 2008.** Acção Psicológica na Guerra do Ultramar. *Palestra ao 6º Curso de Planeamento de Operações Psicológicas*. Lisboa : Instituto de Estudos Superiores Militares, 2008.
- CENTCOM. 2008.** US CENTCOM History. *United States Central Command*. [Online] 2008. [Citação: 17 de Agosto de 2008.] <http://www.centcom.mil/en/about-centcom/our-history/>.
- CIA. 2008.** The World Factbook. *Central Intelligence Agency*. [Online] CIA, 2008. [Citação: 15 de Julho de 2008.] <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>.
- CJPOTF. 2007.** Excertos do Support Plan. Kabul : Combined Joint Psychological Operations Task Force, 2007. Plano de Apoio de Operações Psicológicas.
- COFI. 1970a.** Ordem de Operações nº02/70. Mueda, Moçambique : Comando Operacional das Forças de Intervenção, 1970. Ordem de Operações da Operação Nó Górdio.
- **1970b.** Relatório Especial de Acção Psicológica Nº1/70. Mueda, Moçambique : Comando Operacional das Forças de Intervenção, 1970. Planeamento de APsic na Operação Nó Górdio.
- COMISAF. 2007.** Excertos da ISAF XI OPLAN. Kabul : International Security Assistance Force, 2007. Ordem de Operações da ISAF XI.
- Cornetta, Carl. 2002.** *Strange Victory: A Critical Appraisal of Operation enduring Freedom and the Afghanistan War*. Cambridge, Massachusets : Commonwealth Institute, 2002.
- Cox, Joseph L. 2006.** *Information Operations in Operation Enduring Freedom and Iraqui Freedom - What Went Wrong*. Fort Leavenworth, Kansas : School of Advanced Military Studies, United States Army Command and General Staff College, 2006.
- EME. 1963.** *Acção Psicológica*. Lisboa, Portugal : s.n., 1963. Vol. EGC III.

- . **2005.** *Manual de Campanha Operações*. s.l. : EME, 2005.
- Ferreira, Antero. 1996.** Maior Operação da Guerra foi executada em Moçambique. *Guerra do Ultramar: Angola, Guiné e Moçambique*. [Online] 1996. [Citação: 20 de Agosto de 2008.] http://ultramar.terraweb.biz/Imagens/mocambique_janteroferreira_no_gordio_video.htm.
- Friedman, Herbert. 2006.** Psychological operations in Afghanistan. *Psywarrior*. [Online] 2006. [Citação: 29 de Junho de 2008.] <http://www.psywarrior.com/Herbafghan.html>.
- Global Security. 2008.** Operation Enduring Freedom Afghanistan. *Global Security*. [Online] 2008. [Citação: 2 de Julho de 2008.] <http://www.globalsecurity.org/military/ops/enduring-freedom.htm>.
- IESM. 2005.** *NC 20-77-05 Arte Operacional - Operações Conjuntas e Combinadas*. Lisboa : Instituto de Estudos Superiores Militares, 2005.
- . **2007.** *Operações Psicológicas - Texto de Apoio*. Lisboa : Instituto de Estudos Superiores Militares, 2007.
- ISAF. 2008c.** *Afghanistan Media and Information Survey - Security*. s.l. : International Security Assistance Force, 2008c.
- . **2008b.** *Afghanistan Media and Information Survey - Sources of Information*. Kabul : International Security Assistance Force, 2008b.
- . **2008a.** ISAF Chronology. *NATO International Security Assistance Force*. [Online] NATO, 2008. [Citação: 10 de Agosto de 2008.] <http://www.nato.int/isaf/topics/chronology/index.html>.
- Lamb, Christopher J. 2005.** *Review of Psychological Operations Lessons Learned from Recent Operational Experience*. Washington D.C. : National Defence University Press, 2005.
- Maloney, Sean M. 2005.** *Enduring the Freedom, a rogue Historian in Afghanistan*. Washington D. C. : Potomac Books, Inc, 2005.
- MRA. 2008.** *Afghanistan Information and Media Survey*. s.l. : Manasia Research and Analysis Institute, 2008.
- NATO. 2007.** *AJP-3.10.1 (A) Allied Joint Doctrine for Psychological Operations*. s.l. : NATO Standardization Agency, 2007.
- . **2008.** *Progress in Afghanistan - Bucharest Summit*. s.l. : North Atlantic Treaty Organization, 2008.
- NATO, International Military Staff. 2003.** *MC 402/1 NATO Military Policy on Psychological Operations*. s.l. : NATO, 2003.
- Queijo, Jaime. 2001.** *As Operações Psicológicas no Apoio às Operações Militares*. Lisboa : Trabalho de Investigação de Longa Duração, Instituto de Altos Estudos Militares, 2001.
- Reagan, Ronald. 1982.** Discurso a 10 de Março de 1982, após a assinatura da Proclamação do Dia do Afeganistão. *Wikisource*. [Online] 1982. [Citação: 14 de Julho de 2008.] http://en.wikisource.org/wiki/Afghanistan_Day_Proclamation_Speech.
- Roberts, M. E. 2005.** *Villages of the Moon, Psychological Operations in Southern Afghanistan*. Baltimore, EUA : Publish America, 2005.

- Secretariado Geral da Defesa Nacional. 1963.** *Acção Psicológica nas Forças Armadas*. s.l. : Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, 1963.
- SOCOM. 2008.** *United States Special Operations Command*. [Online] 2008. [Citação: 1 de Agosto de 2008.] <http://www.socom.mil/>.
- Strategy Pages. 2002.** *Unclassified Documents From Marine Task Force 58's Operations in Afghanistan*. *Strategy Pages*. [Online] 2002. [Citação: 13 de Julho de 2008.] <http://www.strategypage.com/articles/tf58/default.asp>.
- UN. 2006.** *Afghanistan Opium Survey 2006*. s.l. : United Nations Office on Drugs and Crime, 2006.
- **2007.** *Afghanistan Opium Survey 2007*. s.l. : United Nations Office on Drugs and Crime, 2007.
- UNAMA. 2007.** *Suicide Attacks in Afghanistan (2001-2007)*. s.l. : United Nations Assistance Mission to Afghanistan, 2007.
- US Army. 2008.** *FM 3-0 Operations*. Washington D.C. : Department of the Army, 2008.
- **2005.** *FM 3-05-30 Psychological Operations*. Washington D.C. : Department of the Army, 2005.
- US Joint Staff. 2003.** *JP 3-53 Doctrine for Joint Psychological Operations*. Washington D.C. : Department of the Army, 2003.
- Watson, Peter. 1978.** *War on the Mind*. New York : Basic Books, Inc., Publishers, 1978.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Andrade, Pires. 1989.** *Psicologia Militar*. Lisboa : Serviços Gráficos da Academia Militar, 1989.
- Barrinha, André. 2006.** *Impactos Mútuos: A NATO e a Missão no Afeganistão*. *Política Internacional*. Casa das Letras, 2006, Vols. II Série, Junho, Nº 30, pp. 115-128.
- Chayes, Sarah. 2006.** *The Punishment of Virtue, Inside Afghanistan after the Taliban*. New York, EUA : Penguin Books, 2006.
- Clark, Wesley K. 2004.** *Vencer as Guerras Modernas*. Lisboa : Temas e Debates, 2004.
- Cordesman, Anthony H. 2003.** *The Lessons of Afghanistan*. s.l. : Csis Significant Issues Series, 2003.
- EME. 1968.** *Acção Psicológica, Elementos de Contrapropaganda*. 1968.
- **1970.** *Memorando das Funções dos Oficiais de Acção Psicológica nas Unidades do Ultramar*. Lisboa : s.n., 1970.
- EME, Exército Português. 2006.** *Manual de Campanha Informações*. s.l. : EME, 2006.
- Fukuyama, Francis. 2006.** *A Construção de Estados*. Lisboa : Gradiva, 2006.

—. **2006.** *Nation-Building, beyond Afghanistan and Iraq.* Baltimore, USA : The Johns Hopkins University Press, 2006.

IAEM. 1982. *Operações Psicológicas Fundamentos.* Lisboa : Instituto de Altos Estudos Militares, 1982. Vols. Operações Civis-Militares II Parte.

Martins, António Santos. 2003. *Operações Psicológicas: Contributos para o levantamento de uma subunidade no Sistemas de Forças Nacional do Exército Português.* Lisboa : Trabalho de Investigação de Longa Duração, Instituto de Altos Estudos Militares, 2003.

NATO. AJP 3-10 SD6 NATO Military Doctrine for Information Operation - 6th Study Draft. s.l. : NATO Standardization Agency.

Nunes, Paulo Viegas. 2006. Operações de Informação: Enquadramento e Impacto Nacional. *Revista Militar.* Nº 2457 - Outubro, 2006, Vol. Nº 10.

Scheuer, Michael. 2005. *Orgulho Imperial: Porque está o Ocidente a perder a Guerra contra o Terrorismo.* Lisboa : Edições Sílabo, 2005.

US Air Force. 1999. *Air Force Doctrine Document 2-5.3 Psychological Operations.* 1999.

US Army. 1998. *ARTEP 33-725-60-MTP Mission Training Plan for the Psychological Operation Task Force.* Washington D.C. : Department of the Army, 1998.

ENTREVISTAS

Lucena, Sousa. 2008. Exerceu funções como Chefe do Gabinete Provincial de Acção Psicológica em Moçambique, em 1970-73. Lisboa, 24 de Julho de 2008.²²

Lopes, Gilberto. 2008. Exerceu funções como Theatre Distribution Manager na CJPOTF, na ISAF IX. Santarém, 29 de Julho de 2008.

Vieira, Ramos. 2008. Exerceu Funções como Chefe das Equipas Moveis de Apoio de PSYOPS, como 2º Comandante do TPSE e como Theatre Distribution Manager no TPSE, na ISAF VII, e funções na área de CIMIC, na ISAF VIII. Lisboa, 25 de Julho de 2008.

Rodrigues, Hugo. 2008. Exerceu funções como Analista Regional na Secção de TAA, na CJPOTF, na ISAF XI. Almada, 12 de Agosto de 2008²².

Schierenberg, Michael. 2008. Exerceu funções como Comandante da CJPOTF na ISAF X. Lisboa, 5 de Agosto de 2008.

²² Realizada por correio electrónico

ANEXO A – ESTUDO DO MEIO HUMANO: ANÁLISE DO QUADRO E DAS ESTRUTURAS

1. GEOGRAFIA FÍSICA

1.1. SITUAÇÃO, LIMITES, CONFIGURAÇÃO E SUPERFÍCIE

O Afeganistão localiza-se no Sul do continente Asiático, a Norte e Oeste do Paquistão e a Este do Irão (ver 9.1). Situa-se entre as coordenadas geográficas 29 35' e 38 40' NORTE e 60 31' e 75 00' ESTE (CIA, 2008).

Tem uma área total de 647 500 Km², apenas superfície terrestre, com cerca de sete vezes a extensão terrestre de Portugal. Tem 1 240 km de ESTE A OESTE e 565 km de NORTE a SUL. Apresenta uma forma circular irregular com extensões para ESTE e SUDOESTE, e para o NORDESTE com o Corredor Wakhan (com um comprimento de cerca de 180km e uma largura média de 50 km) que se prolonga em direcção à China (Blood, 2001).

1.2. NATUREZA E EXTENSÃO DOS LIMITES

Possui apenas fronteiras continentais não tendo qualquer acesso ao mar. Faz fronteira terrestre com o Uzbequistão (137Km) a Norte, com o Tajiquistão (1206Km) e a com a China (76Km) a Nordeste, com o Paquistão (2430Km) a Este e a Sul, com o Irão (936Km) a Oeste e com o Turquemenistão (744Km) a Noroeste (ver 9.1) (CIA, 2008).

1.3. OROGRAFIA

O Afeganistão é predominantemente montanhoso, tendo cerca de 49% da sua superfície a uma altitude superior a 2000m. A principal cadeia montanhosa estende-se segundo o eixo Nordeste-Sudoeste. Tem o ponto com maior altitude em Nowshak, com 7485m, e o de menor em Amu Darya, com 258m de altitude (ver 9.2). Apresenta algumas planícies a Norte e Sudoeste (CIA, 2008).

1.4. HIDROGRAFIA

Devido ao seu relevo montanhoso, possui também muitos rios, bacias hidrográficas e lagos que apesar do seu relevo acidentado e da reduzida quantidade de planícies garantem uma área de 27 200Km² de terreno irrigado.

Os Principais rios são o Rio Amu Darya, constituindo fronteira com o Turquemenistão, Uzbequistão e Tajiquistão ao longo de 1 110 Km; o Rio Himand com 1 300 Km; o Rio Harirud com 650 km em território afegão; o Rio Kabul com 460 km, sendo o único que

desagua no mar pelo Paquistão, os restantes simplesmente se estendem até zonas áridas ou lagos até evaporarem (ver 9.1 e 9.2) (Blood, 2001).

1.5. CLIMA

Apresenta um clima árido a semi-árido com verões quentes e secos e invernos frios. Verifica-se uma grande variação de temperatura do dia para a noite e entre estações, conforme a altitude e região (CIA, 2008).

2. HISTÓRIA

A História do Afeganistão, o desenvolvimento da sua política interna, das suas relações internacionais e a sua própria existência como estado independente foram em larga medida influenciados pela sua localização geográfica na intercepção da Ásia Central, Ocidental e do Sul. Ao longo dos séculos, vagas de povos nómadas passaram pela região. Na actualidade, tal como na antiguidade, vastos exércitos do mundo passaram pelo Afeganistão, estabelecendo temporariamente controlo local e frequentemente dominando o Irão e o NORTE da Índia (Bashiri, 2002).

Apesar de ter sido palco de grandes impérios e rotas comerciais prósperas durante dois milénios, o Afeganistão não conseguiu tornar-se num estado independente até ao século XX. Os povos heterogéneos que habitaram o território Afegão durante séculos apenas se uniram no reinado de Ahmad Shah Durrani, que em 1747 fundou a monarquia que finalmente conseguiu governar todo o Afeganistão. A partir daqui, passou a funcionar como um separador entre o Império Britânico e o Império Russo até ganhar a sua independência do controlo Inglês em 1919. Esta breve experiência de democracia apenas durou até 1973, altura em que um golpe de estado e um contra-golpe comunista em 1978 originou uma invasão da União Soviética em 1979 para apoiar o regime comunista que tomou posse no contra-golpe. A invasão deu origem a uma guerra longa e destrutiva que só viria a acabar em 1989 com a retirada da União Soviética (Bashiri, 2002).

Subsequentemente, uma série de guerras civis levou a que a capital, Kabul, viesse em 1996, a cair sob os Talibã: um movimento conservador apoiado pelo Paquistão que surgiu em 1994 para por fim à guerra civil e anarquia que se vivia no Afeganistão (Blood, 2001).

A 11 de Setembro de 2001, terroristas da Al-Qaeda (organização liderada por Bin Laden) com apoio do regime talibã atacaram Nova Iorque, desencadeando uma resposta de uma coligação liderada pelos EUA, aliada à resistência anti-talibã da Aliança do Norte que em alguns meses tomou controlo do Afeganistão, expulsando os Talibã para bolsas de resistência (sobretudo fora do Afeganistão) (CIA, 2008).

No início de Dezembro de 2001, realizou-se uma conferência em Bonn, sob a alçada das Nações Unidas, na qual se estabeleceu um processo de reconstrução política que incluía a adopção de uma nova Constituição e uma eleição presidencial em 2004 e parlamentar em 2005. A 7 de Dezembro de 2004, Hamid Karzai tornou-se o primeiro

Presidente do Afeganistão democraticamente eleito e a Assembleia Nacional foi inaugurada a 19 de Dezembro de 2005 (ISAF, 2008a).

Actualmente a responsabilidade da segurança no Afeganistão pertence à ISAF que divide o território em 5 comandos regionais (RC Capital, RC North, RC West, RC South, RC East) (NATO, 2008).

3. GEOGRAFIA HUMANA

3.1. POPULAÇÃO

O Afeganistão apresenta uma população de cerca de 32 738 000 habitantes, o triplo da população portuguesa. Distribuí-se da seguinte forma (ver 9.3):

- 0-14 Anos – 44,6% (7 400 000 rapazes e 7 100 000 raparigas)
- 15-64 Anos – 53% (8 900 000 homens e 8 400 000 mulheres)
- Mais de 65 anos – 2,4% (380 000 homens e 409 000 mulheres)

Resulta portanto, uma idade média de 17 anos e uma esperança média de vida de 44 anos (CIA, 2008).

Tal como se pode observar em 9.3, a densidade populacional é muito baixa devido ao relevo acidentado e à impossibilidade de viver a elevada altitude. As grandes massas populacionais encontram-se à volta do sistema montanhoso que se estende de NORDESTE para SUDOESTE encontrando-se os picos populacionais nas cidades de Feyzabad, Khanabad, Mazar-e-Sharif e Maymanah a NORTE; nas cidades de Herat e Farah a ESTE; nas cidades de Kabul, Ghazni e Jalalabad a OESTE; e de Qandahar a SUL (Blood, 2001).

3.2. GRUPOS ÉTNICOS

Os Afegãos dividem pelos seguintes grupos étnicos (ver 9.4) (CIA, 2008):

- Pashtun, 42%;
- Tajik, 27%;
- Hazara, 9%;
- Uzbek, 9%;
- Aimak, 4%;
- Turkmen, 3%;
- Baloch, 2%;
- Outros, 4%.

3.4. LÍNGUA

As principais línguas faladas no Afeganistão são o Dari (50%) e o Pashto (35%), ambas oficiais. Fala-se também Idiomas turcos (11%) e outros 30 idiomas menores (4%) (CIA, 2008).

3.5. RELIGIÕES

Os principais grupos religiosos são os Muçulmanos Sunitas (80%) e os Muçulmanos Xiitas (19%). Os motivos que causaram estas divisões eram originalmente mais políticos do que propriamente religiosos, no entanto com o passar do tempo as divergências foram-se expandindo para o domínio teológico (CIA, 2008). A maioria Pushtun bem como a maior parte dos Tajiks, Uzbeks e Turkmens são sunitas. Os Xiitas vivem nas montanhas centrais conhecidas como Hazarajat e no NOROESTE nos arredores de Herat, região conhecida com Parsiawan (Bashiri, 2002).

3.6. VIDA ECONÓMICA

3.6.1. Economia Actual

O Afeganistão tem vindo a recuperar a sua economia que tem melhorado desde o final do regime Talibã devido à assistência internacional, à recuperação da agricultura e ao crescimento do sector dos serviços. O crescimento do produto interno bruto em 2007 ultrapassou os 7% (CIA, 2008).

Apesar deste crescimento económico recente, o Afeganistão continua a ser um país muito pobre com 53% da população a viver abaixo do limiar da pobreza, e muito dependente da ajuda externa, da agricultura e do comércio com países vizinhos. A população ainda tem muitas carências ao nível habitacional, de água potável, electricidade, cuidados de saúde e de emprego, tendo uma taxa de desemprego de 40% (valor de 2005) (CIA, 2008).

A criminalidade, a insegurança e a impossibilidade de estender a lei a todo o território constituem os grandes desafios à recuperação económica. Outras questões como o cultivo da papoila para a produção de ópio e as receitas ilegais que daí advêm são o principal problema actual. A longo prazo, as questões que contribuíram para a recuperação económica serão o equilíbrio do défice orçamental, a criação de postos de trabalho o combate à corrupção, a extensão da capacidade executiva do estado a todo o território e a reconstrução das estruturas destruídas em décadas de conflito (Blood, 2001).

A quantidade de mão-de-obra é de 15 milhões de habitantes (2004), dos quais 80% dedicados ao sector primário e 10% para o sector secundário e terciário (CIA, 2008).

Resultando portanto um Produto Interno Bruto de 8842 biliões de dólares (valor de 2007 à taxa de câmbio oficial), 1000 dólares *per capita*. 38% Deste valor advêm da agricultura, 24% da indústria e 38% dos serviços (CIA, 2008).

O território Afegão dispõe de vários recursos naturais mas quase nenhum tem exploração considerável. Dispõe de gás natural e alguns poços de petróleo no NORTE mas com pouca exploração; carvão, talco, enxofre, chumbo, zinco, minério de ferro, sal, pedras preciosas e semipreciosas (ver 9.5 e 9.6), no entanto a exploração destes recursos é fraca ou inexistente (Blood, 2001).

3.7. TRANSPORTES

3.7.1. Sistema de Conduatas

Gasoduto com 466km, que liga os campos de gás natural no Norte com os países vizinhos a Norte (ver 9.7) (CIA, 2008).

3.7.2. Sistema Rodoviário

A rede estradal afegã tem uma extensão de 34 782km dos quais 8 229 são pavimentados e 26 553 são não-pavimentados (valores de 2004) (ver 9.1) (CIA, 2008).

3.7.3. Sistema Aéreo

Possui 46 Aeroportos dos quais, 12 possuem pista pavimentada (ver 9.7).

Destes, 4 possuem uma pista com comprimento superior a 3000m, 2 com pista superior a 2400m, 1 com pista superior a 900m. Dos aeroportos com pista não pavimentada, 1 tem uma pista com comprimento superior a 3000m, 4 com pistas compreendidas entre os 2400 e os 3000 metros, 16 com pistas compreendidas entre os 1500m e os 2500m, 4 com pistas compreendidas entre os 900 e os 1500 metros e 9 com pista inferior a 900 metros.

Existem ainda 9 heliportos (CIA, 2008).

4. VIDA SOCIAL

A esperança sentida pelos afegãos quando venceram a guerra com a União Soviética, cedo se desmoronou quando, alguns meses depois, começaram a surgir desacordos e rivalidades entre os vários líderes. O método tradicional afegão de resolução de conflitos com base na igualdade e respeito mútuo havia sido severamente alterado por um ambiente sujeito às regras do novo armamento fornecido por estrangeiros e ao tráfico de droga massivo desenvolvido durante a guerra. Portanto, o povo afegão sente que a resolução de qualquer problema interno passa por reconstruir a harmonia social (Bashiri, 2002).

A sociedade é predominantemente Islâmica, mas é influenciada por 4 grandes zonas culturais: a Ásia Central, a China, a Índia e o Irão. Apesar de sua variada etnografia, todos os grupos etnográficos designam a complexidade de afiliações da rede familiar com o termo *Qawn*. Todos os afegãos pertencem a um *Qwan* que lhe garante protecção, cooperação, apoio, segurança, e assistência social, política e económica. É frequente, uma aldeia pertencer toda ao mesmo *Qwan*, mas não acontece de forma previsível ou generalizada. Nas zonas tribais, *Qwan* designa a genealogia de uma família, clã, tribo ou confederação tribal. De forma simplificada, significa a identidade de um indivíduo no seu mundo social (Blood, 2001).

Apesar de poder haver algumas alterações conforme o modo de subsistência, a família continua a assumir o papel de instituição social mais importante na sociedade afegã.

Nas famílias afegãs são preferidos os casamentos entre parentes afastados da mesma família; as famílias são patriarcais e o poder apenas é transferido para elementos masculinos; quando se casam, as mulheres vão viver com os maridos no seu local de origem; a poligamia é permitida, mas não é tão comum como outrora (Blood, 2001).

O Afeganistão é acima de tudo um país rural com cerca de 80% da população dedicada à agricultura. Os restantes 20% são nómadas, que percorrem longas distâncias entre os pastos de verão nas montanhas, os *yaylaqs*, e os pastos de invernos nas planícies, os *qishlaqs*. A parte da população dedicada à agricultura divide-se em Grandes Proprietários e Agricultores. Os afegãos proprietários de terrenos entre 50 e 500 acres são chamados Grandes proprietários que também se dedicam ao comércio e alguns desempenham funções governamentais elevadas. Os agricultores dividem-se em 4 classes: os agricultores abastados (proprietários de terrenos com dimensões entre 20 e 50 acres); os agricultores moderadamente ricos (proprietários de terrenos entre 8 e 30 acres); Os agricultores médios (possuidores de terrenos entre os 3 e os 8 acres, que podem se necessário alugar os terrenos dos agricultores das classes superiores); os agricultores não proprietários de terreno, que trabalham nos terrenos dos agricultores das classes superiores e se encontram na classes social mais baixa. Cerca de 85% dos agricultores afegão pertencem à classe inferior (Bashiri, 2002).

A Indústria, dificilmente ultrapassa o patamar artesanal, havendo no entanto, muitos afegãos a trabalhar na indústria e no comércio. A maioria dos comerciantes serve de elementos de ligação a grandes mercadores estrangeiros, grossistas e retalhistas.

A classe trabalhadora era, antes da Guerra com a União Soviética, de 60 000 trabalhadores nos centros industriais. Era uma classe em expansão que rapidamente começou a formar organizações, partidos e movimentos, mas a Guerra empenhou a juventude afegã na indústria e na política (Bashiri, 2002).

A classe religiosa era a classe mais influente no Afeganistão até à guerra com a URSS. Apesar dos clérigos serem apenas 100 000, administravam todos os rituais religiosos, supervisionavam a educação, o sistema judicial e em alguns casos até o sistema de saúde. O clero vive no seio da população e é hábil em manipular as mentes das pessoas facilmente, tendo tido um papel preponderante em afastar o Afeganistão do mundo ocidental e da modernização (Bashiri, 2002).

Os intelectuais, tal como no restante mundo islâmico, são provenientes de todas as classes sociais. Estão ligados aos novos órgãos administrativos e são responsáveis pela gestão dos assuntos sociais e económicos (Bashiri, 2002).

5. ORGANIZAÇÃO DO ESTADO

A Republica Islâmica do Afeganistão tem a sua capital na cidade de Kabul e é dividida em 34 províncias: Badakhshan, Badghis, Baghlan, Balkh, Bamian, Daykondi, Farah, Faryab,

Ghazni, Ghowr, Helmand, Herat, Jowzjan, Kabul, Kandahar, Kapisa, Khowst, Konar, Kondoz, Laghman, Lowgar, Nangarhar, Nimruz, Nurestan, Oruzgan, Paktia, Paktika, Panjshir, Parvan, Samangan, Sar-e Pol, Takhar, Vardak e Zabol (CIA, 2008).

O Sistema Legal é baseado na Lei Civil e na Lei Shari'a. A Constituição em vigor foi aprovada em 16 de Janeiro de 2004 segundo a qual, o Sistema Eleitoral funciona por sufrágio universal, tendo direito de voto todos os cidadãos com pelo menos 18 anos de idade (CIA, 2008).

5.1. PODER EXECUTIVO

O governo é encabeçado pelo Presidente que é simultaneamente Chefe de Estado e Líder do Governo. Existem 2 vice-presidentes. O governo é formado por 25 ministros nomeados pelo presidente e aprovados pela Assembleia Nacional (CIA, 2008).

O Presidente e Vice-presidentes são eleitos por voto directo para mandatos de 5 anos, sendo permitida no máximo, uma segunda candidatura consecutiva ao término do mandato. A eleição realiza-se numa ou em duas fases. A segunda fase é realizada caso nenhum dos candidatos tenha conseguido 50% na primeira fase, assim sendo, seguem para segunda fase os dois candidatos com maior número de votos (CIA, 2008).

O cargo de Presidente é ocupado desde 7 de Dezembro de 2004, por Hamid Karzai (ISAF, 2008a).

5.2. PODER LEGISLATIVO

A Assembleia Nacional é bicameral, composta pela *Wolesi Jirga* (Casa do Povo) e pela *Meshrano Jirga* (Casa dos Anciãos). A *Wolesi Jirga* tem um máximo de 249 lugares eleitos por cinco anos. A *Meshrano Jirga* (Casa dos Anciãos) tem 102 lugares, destes, um terço é eleito pelos Conselhos Provinciais por 4 anos, um terço eleito pelos Conselhos dos Distritos locais por 3 anos e um terço nomeado pelo Presidente por 5 anos (CIA, 2008).

Em raras ocasiões, o Governo pode convocar a *Loya Jirga* (Grande Assembleia), um órgão extraordinário formado pela Assembleia Nacional e pelos dirigentes dos Conselhos Locais e Provinciais, para discutir assuntos relacionados com a Independência ou Soberania Nacional ou com a Integridade do Território (CIA, 2008).

5.3. PODER JUDICIAL

A Constituição prevê um Tribunal Supremo (*Stera Mahkana*), constituído por 9 membros, nomeados pelo Presidente e aprovados pela *Wolesi Jirga* por 10 anos, e tribunais subordinados principais e de recurso. Existe também um Ministro da Justiça e uma Comissão Independente dos Direitos Humanos (CIA, 2008).

6. EDUCAÇÃO

Existem 2 sistemas de educação a funcionar paralelamente no Afeganistão: O Tradicional Islão Madrassa, nas cidades e aldeias que ensina as crianças os valores morais básicos e o conhecimento dos rituais através do estudo do Al Corão, do Hadith e de textos populares religiosos editados; as Madrassas superiores, localizadas em Herat, Kunduz, Ghazni, Kandahar e Kabul que são reconhecidas como centros educacionais importantes.

Antigamente a educação era dada nas Madrassas e em casa, o novo sistema de educação introduzido no final do século XIX pelo governo da época, foi usado como forma de convencer as pessoas que o Islão era compatível com a modernização (Bashiri, 2002).

No início do reinado de Amir Abdur Rahman (1880-1901) houve uma tentativa de estender a educação às áreas mais rurais, no entanto, a educação manteve-se quase exclusiva nos grandes centros urbanos. Em 1960, a necessidade de aumentar os membros do governo afegão levou a que 90% fossem empregues pelo governo o que resultou numa nova percepção nas classes mais iletradas, de que os indivíduos educados eram membros do governo (Bashiri, 2002).

Em 1996, o Afeganistão tinha a mais elevada taxa de iliteracia da Ásia, em homens e mulheres. Em 2000, apenas 28,1% da população sabia ler e escrever e destes a maior parte são homens. A taxa de literacia nos homens é de 43,1% nos homens e de 12,6% nas mulheres (CIA, 2008).

7. INFORMAÇÃO

7.1. TELEFONES

Existem cerca de 280 000 linhas telefónicas principais em utilização e 252 000 telemóveis no sistema telefónico móvel. Este funciona do seguinte modo: o nível geral o acesso é limitado, no entanto um grande número de pessoas começam a utilizar as redes de telefone móveis com cobertura nas grandes cidades que tem também aumentado rapidamente; ao nível internacional, a comunicação faz-se através de 5 VSAT's²³ instalados em estações terrestres em Kabul, Herat, Mazar-e-sharif, Kandahar e Jalalabad que tornam possível a transmissão de dados e voz (CIA, 2008).

7.2. RÁDIO

Existem 21 Estações rádio AM (amplitude modulada), 5 estações FM (frequência modulada) e uma estação de onda curta. A Transmissão é realizada em Pashto, Dari, Urdu e Inglês (CIA, 2008).

²³ *Very Small Aperture Terminal* – Terminais de abertura muito pequena. Designação atribuída a estações satélite terrestres bidireccionais com uma antena parabólica com diâmetro inferior a 3 metros.

7.3. TELEVISÃO

Sete Estações Televisivas (1 estação controlada pelo governo em Kabul e as restantes 6 espalhadas por 6 das 34 províncias (CIA, 2008).

7.4. INTERNET

A internet tem-se espalhado rapidamente por todo o país devido ao rápido aparecimento de cyber cafés e telequiosques. Existem 535 000 utilizadores de internet e 21 servidores de serviços de internet (CIA, 2008).

8. DEFESA NACIONAL

As Forças Armadas Afegãs são o Exército Nacional Afegão que inclui o Corpo Aéreo do Exército Nacional (ainda sub-desenvolvido) formado, instruído e treinado por forças da Coligação Enduring Freedom e por forças da ISAF (NATO, 2008).

Actualmente o Exército Nacional Afegão (ANA) tem um composição de mais de 50 000 militares distribuídos por 5 comandos de corpo de Exército coincidentes com os cinco comandos regionais da ISAF o que permite uma maior coordenação entre as forças nacionais e as forças da ISAF que presentemente conduzem operações militares lado a lado. O 201º Corpo de Exército no RC Capital, o 203º Corpo de Exército no RC North, o 205º Corpo de Exército no RC West, o 207º Corpo de Exército no RC South e o 209º Corpo de Exército no RC East (NATO, 2008).

Cada Comando de Corpo de Exército tem na sua composição 2 brigadas de infantaria ligeira. Cada brigada é formada por 3 batalhões (*kandaks*) de infantaria ligeira, um batalhão de apoio de combate e um batalhão de apoio de serviços. Na actualidade o ANA serve como uma força de infantaria ligeira com capacidade para conduzir operações lado a lado com as forças da coligação OEF e da ISAF; está sob o comando de Bismullah Khan, Chefe do Estado-Maior do Exército (NATO, 2008).

Estão em formação forças Comando, forças de artilharia, de blindados, de apoio de combate e de Serviços que se pretende que integrem as brigadas actuais. Bem como o Corpo aéreo do Exército que se entram na sua fase final de formação. Em Fevereiro de 2008, em Tóquio, o *Joint Coordination and Monitoring Board* (JCMB) estabeleceu o objectivo de aumentar o ANA para 80 000 homens até 2010. Os planos actuais apontam para uma força de 77 batalhões, organizados em 13 brigadas ligeiras, uma brigada mecanizada, uma brigada de forças comando, uma brigada de comando e apoio e a utilização inicial do corpo aéreo. A prioridade estabelecida é formar em primeiro lugar as forças de manobra terrestres e enquanto o ANA não tiver essas capacidades, a ISAF e as Forças da coligação OEF garantirão sempre que necessário o apoio aéreo, evacuação médica e apoio de fogos de artilharia (NATO 2008).

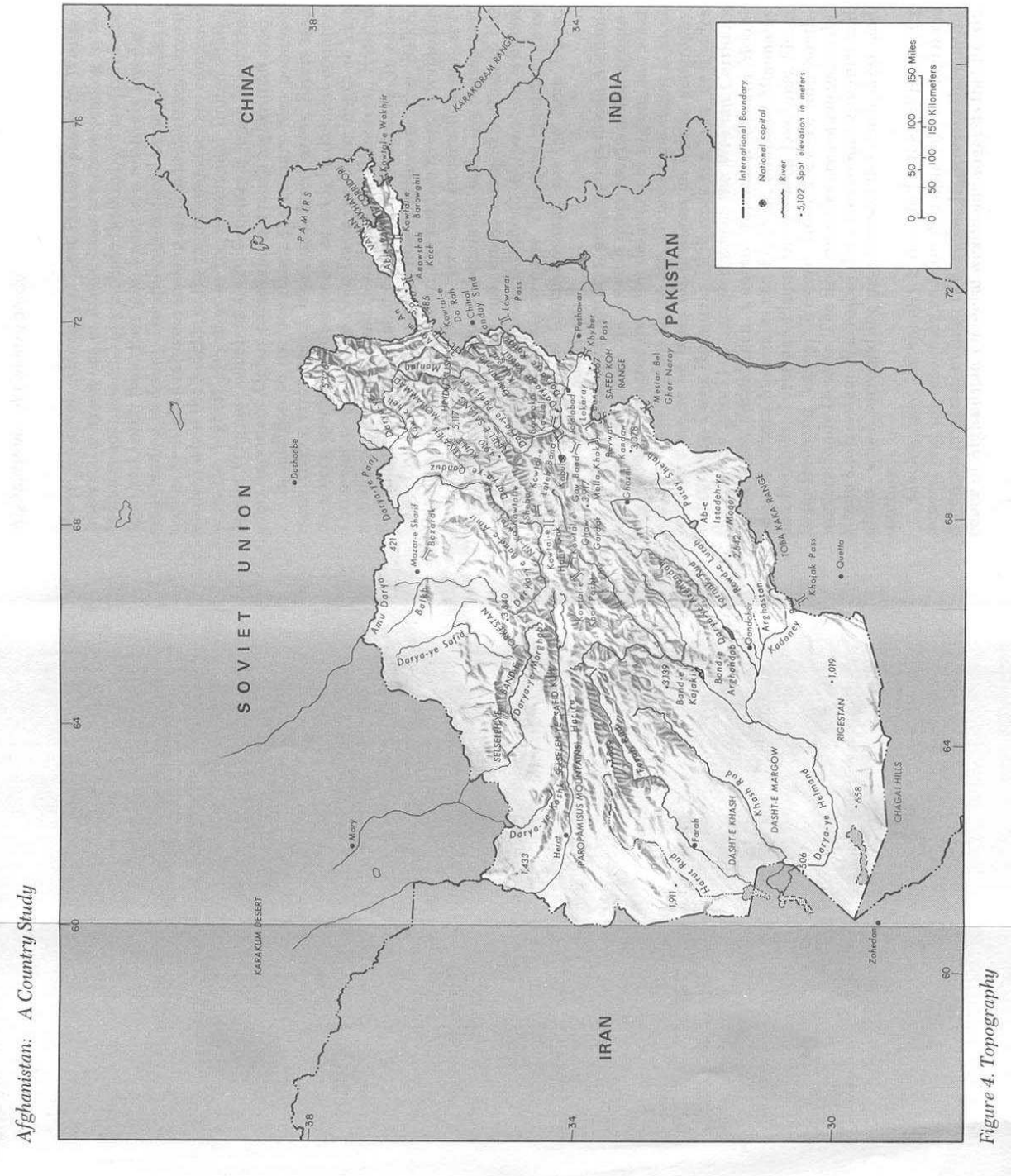
9. MAPAS²⁴

9.1. Mapa Territorial do Afeganistão

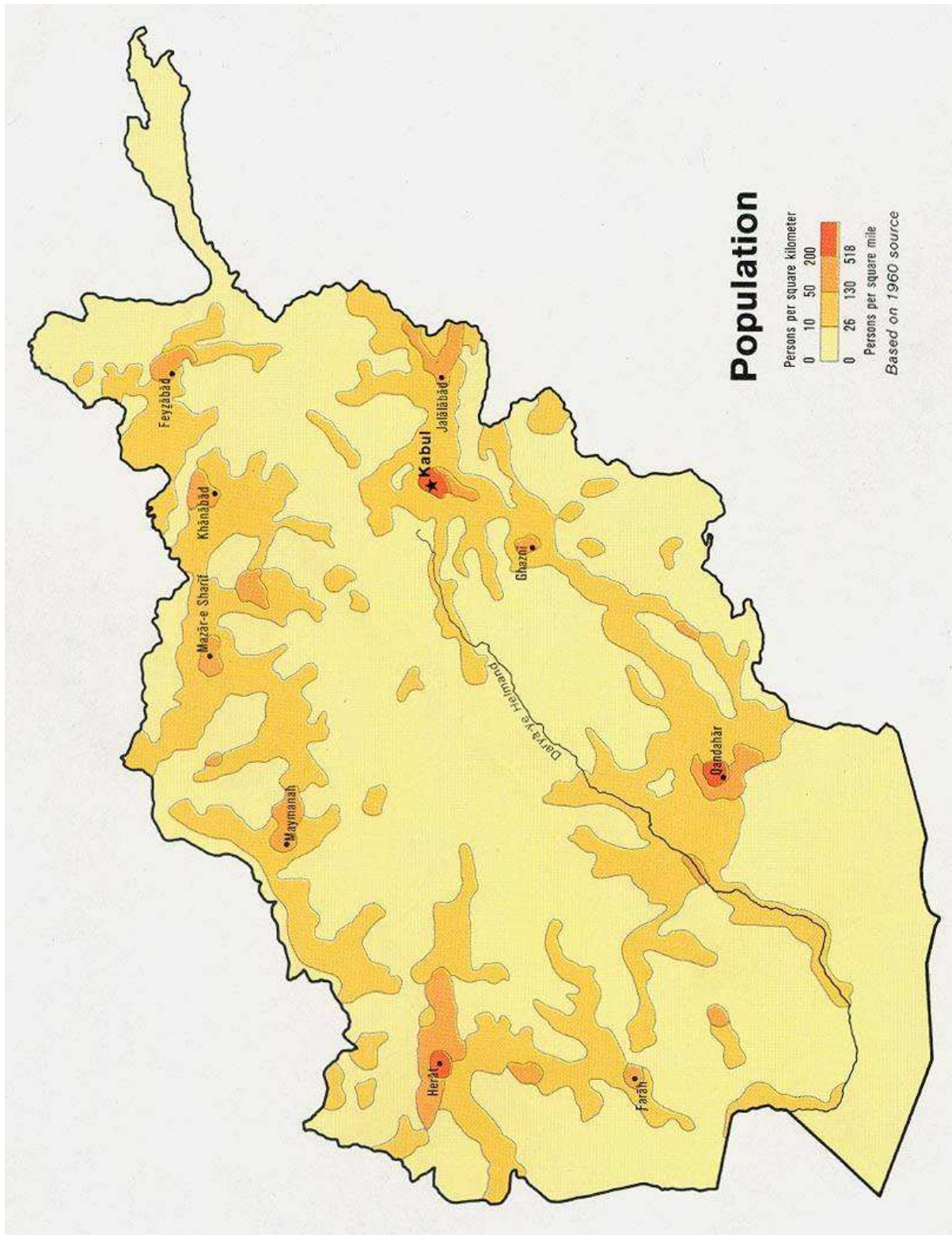


²⁴ Fonte: Perry-Castañeda Library Map Collection, disponível na internet através de URL: <http://www.lib.utexas.edu/maps/afghanistan.html#thematic.html>

9.2. Mapas do Relevo e dos Rios do Afeganistão

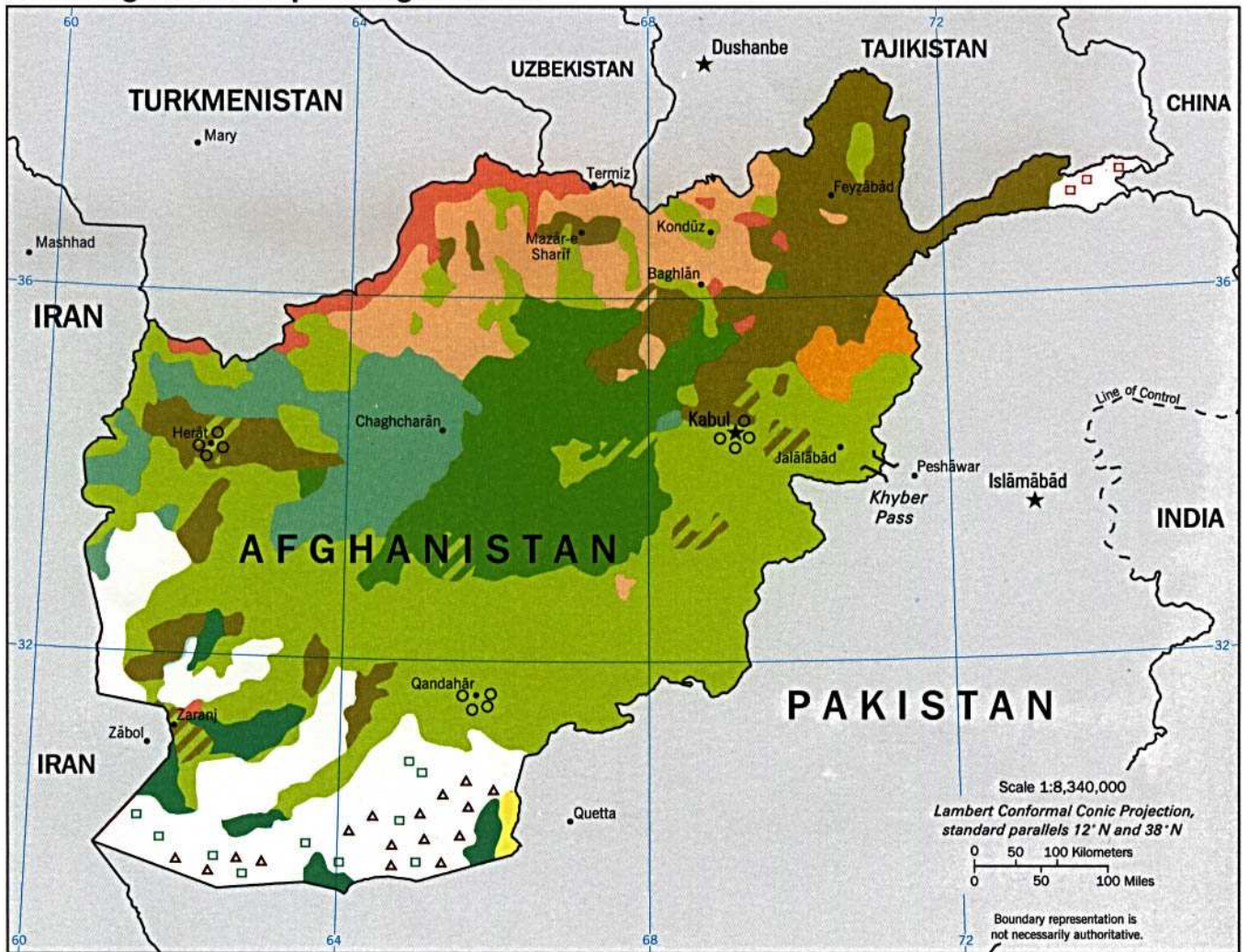


9.3. Mapa Demográfico do Afeganistão



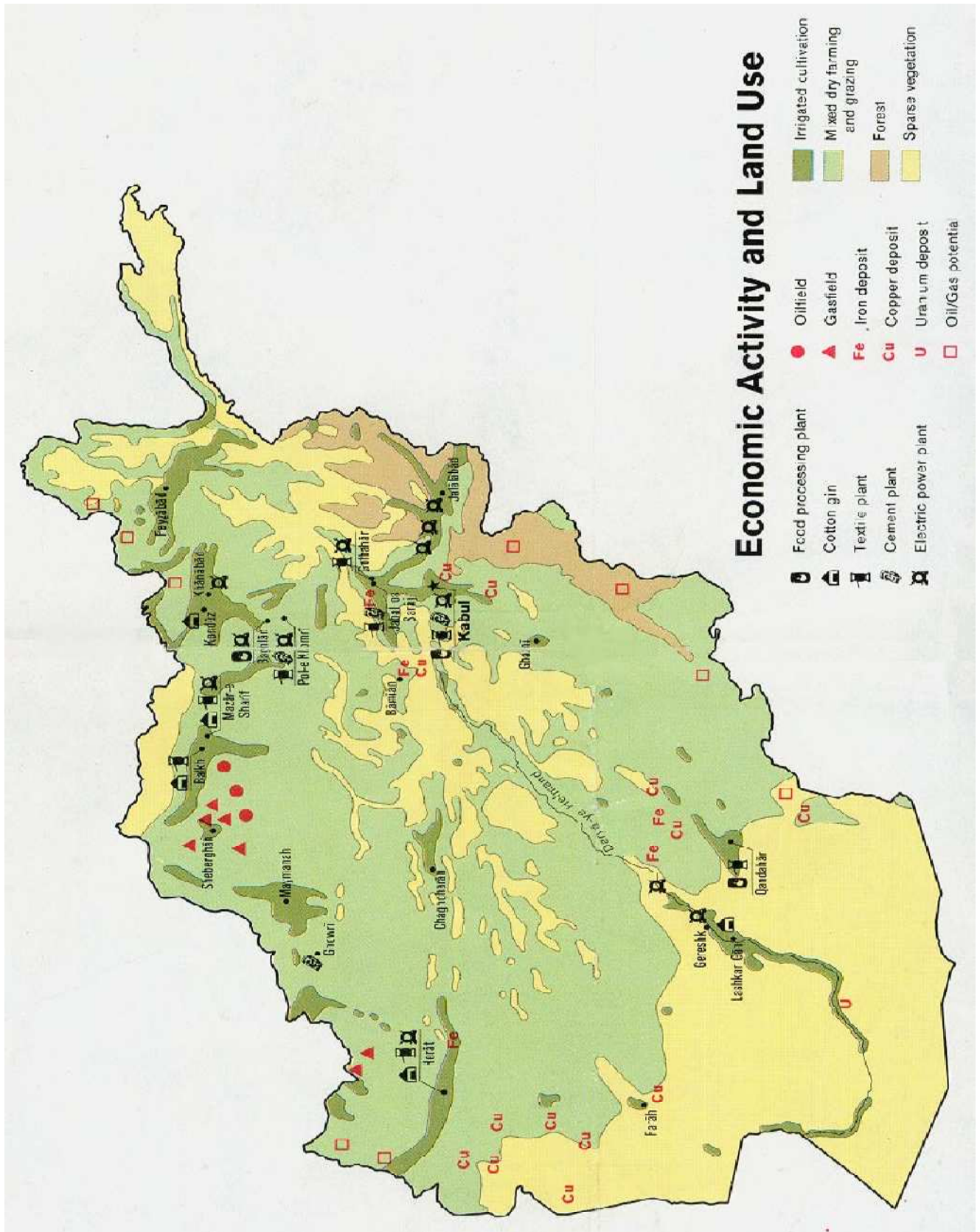
9.4. Mapa Étnico – Linguístico do Afeganistão

Ethnolinguistic Groups in Afghanistan

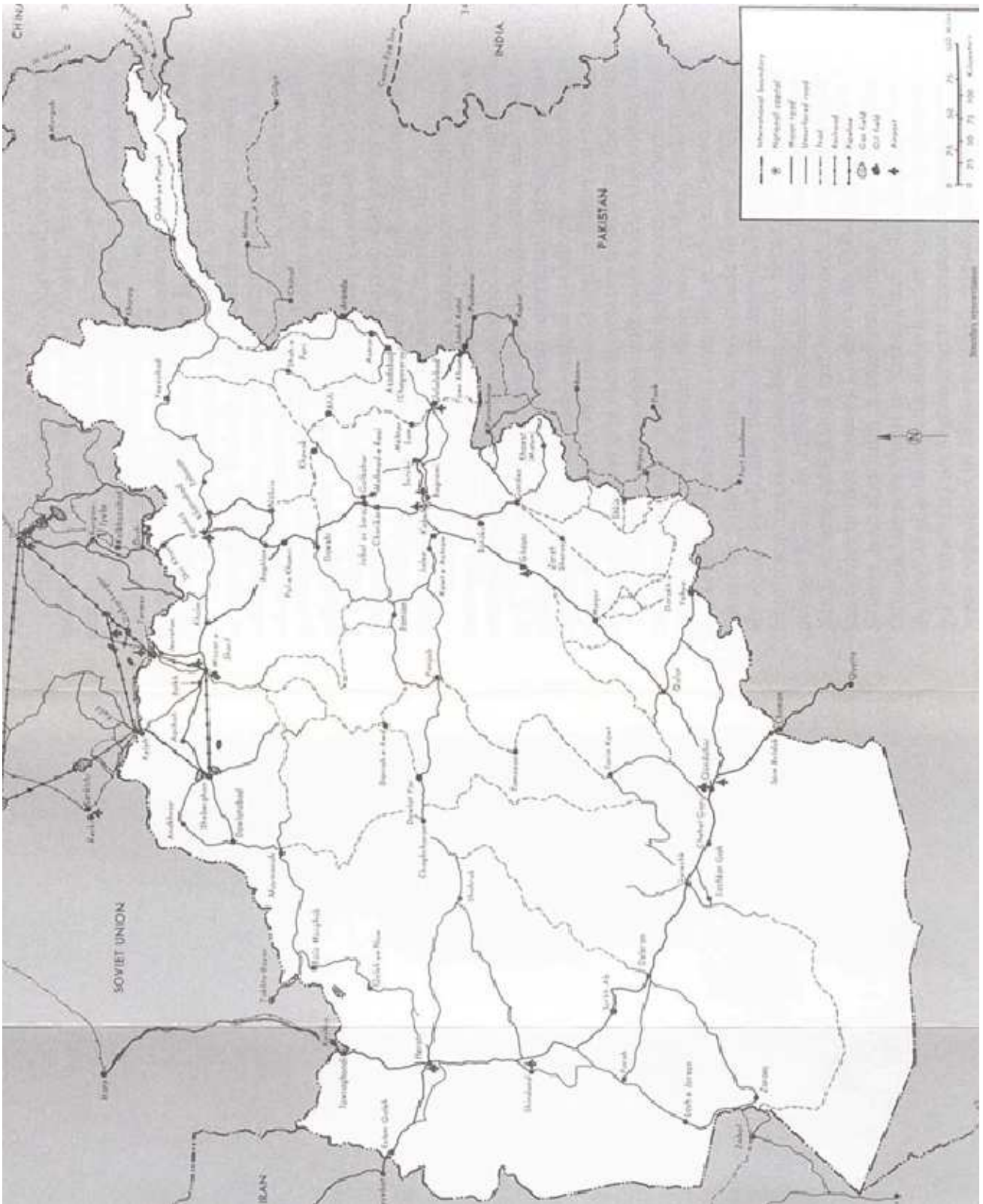


- | Iranian | Turkic | Other |
|---|--|---|
| Baloch | Kirghiz | ▲ Brahui |
| Aimak | Turkmen | Nuristani |
| Hazara | Uzbek | Sparsely populated or uninhabited |
| Pashtun
<i>Durrani, Ghilzai</i> | | |
| Qizilbash | | |
| Tajik | | |

9.5. Mapa das Actividades Económicas do Afeganistão



9.7. Mapa dos Transportes e dos Campos de Gás Natural



ANEXO B – O ACORDO DE BONN²⁵

I. GENERAL PROVISIONS

1) An Interim Authority shall be established upon the official transfer of power on 22 December 2001.

2) The Interim Authority shall consist of an Interim Administration presided over by a Chairman, a Special Independent Commission for the Convening of the Emergency Loya Jirga, and a Supreme Court of Afghanistan, as well as such other courts as may be established by the Interim Administration. The composition, functions and governing procedures for the Interim Administration and the Special Independent Commission are set forth in this agreement.

3) Upon the official transfer of power, the Interim Authority shall be the repository of Afghan sovereignty, with immediate effect. As such, it shall, throughout the interim period, represent Afghanistan in its external relations and shall occupy the seat of Afghanistan at the United Nations and in its specialized agencies, as well as in other international institutions and conferences.

4) An Emergency Loya Jirga shall be convened within six months of the establishment of the Interim Authority. The Emergency Loya Jirga will be opened by His Majesty Mohammed Zaher, the former King of Afghanistan. The Emergency Loya Jirga shall decide on a Transitional Authority, including a broad-based transitional administration, to lead Afghanistan until such time as a fully representative government can be elected through free and fair elections to be held no later than two years from the date of the convening of the Emergency Loya Jirga.

5) The Interim Authority shall cease to exist once the Transitional Authority has been established by the Emergency Loya Jirga.

6) A Constitutional Loya Jirga shall be convened within eighteen months of the establishment of the Transitional Authority, in order to adopt a new constitution for Afghanistan. In order to assist the Constitutional Loya Jirga prepare the proposed Constitution, the Transitional Administration shall, within two months of its commencement and with the assistance of the United Nations, establish a Constitutional Commission.

II. LEGAL FRAMEWORK AND JUDICIAL SYSTEM

1) The following legal framework shall be applicable on an interim basis until the adoption of the new Constitution referred to above:

²⁵ Disponível na internet através do URL: <http://afghangovernment.com/AfghanAgreementBonn.html>

I - The Constitution of 1964, a/ to the extent that its provisions are not inconsistent with those contained in this agreement, and b/ with the exception of those provisions relating to the monarchy and to the executive and legislative bodies provided in the Constitution; and existing laws and regulations, to the extent that they are not inconsistent with this agreement or with international legal obligations to which Afghanistan is a party, or with those applicable provisions contained in the Constitution of 1964, provided that the Interim Authority shall have the power to repeal or amend those laws and regulations.

II - The judicial power of Afghanistan shall be independent and shall be vested in a Supreme Court of Afghanistan, and such other courts as may be established by the Interim Administration. The Interim Administration shall establish, with the assistance of the United Nations, a Judicial Commission to rebuild the domestic justice system in accordance with Islamic principles, international standards, the rule of law and Afghan legal traditions.

III. INTERIM ADMINISTRATION

A. Composition

1) The Interim Administration shall be composed of a Chairman, five Vice Chairmen and 24 other members. Each member, except the Chairman, may head a department of the Interim Administration.

2) The participants in the UN Talks on Afghanistan have invited His Majesty Mohammed Zaher, the former King of Afghanistan, to chair the Interim Administration. His Majesty has indicated that he would prefer that a suitable candidate acceptable to the participants be selected as the Chair of the Interim Administration.

3) The Chairman, the Vice Chairmen and other members of the Interim Administration have been selected by the participants in the UN Talks on Afghanistan, as listed in Annex IV to this agreement. The selection has been made on the basis of professional competence and personal integrity from lists submitted by the participants in the UN Talks, with due regard to the ethnic, geographic and religious composition of Afghanistan and to the importance of the participation of women.

4) No person serving as a member of the Interim Administration may simultaneously hold membership of the Special Independent Commission for the Convening of the Emergency Loya Jirga.

B. Procedures

1) The Chairman of the Interim Administration, or in his/her absence one of the Vice Chairmen, shall call and chair meetings and propose the agenda for these meetings.

2) The Interim Administration shall endeavour to reach its decisions by consensus. In order for any decision to be taken, at least 22 members must be in attendance. If a vote becomes necessary, decisions shall be taken by a majority of the members present and

voting, unless otherwise stipulated in this agreement. The Chairman shall cast the deciding vote in the event that the members are divided equally.

C. Functions

1) The Interim Administration shall be entrusted with the day-to-day conduct of the affairs of state, and shall have the right to issue decrees for the peace, order and good government of Afghanistan.

2) The Chairman of the Interim Administration or, in his/her absence, one of the Vice Chairmen, shall represent the Interim Administration as appropriate.

3) Those members responsible for the administration of individual departments shall also be responsible for implementing the policies of the Interim Administration within their areas of responsibility.

4) Upon the official transfer of power, the Interim Administration shall have full jurisdiction over the printing and delivery of the national currency and special drawing rights from international financial institutions. The Interim Administration shall establish, with the assistance of the United Nations, a Central Bank of Afghanistan that will regulate the money supply of the country through transparent and accountable procedures.

5) The Interim Administration shall establish, with the assistance of the United Nations, an independent Civil Service Commission to provide the Interim Authority and the future Transitional Authority with shortlists of candidates for key posts in the administrative departments, as well as those of governors and uluswals, in order to ensure their competence and integrity.

6) The Interim Administration shall, with the assistance of the United Nations, establish an independent Human Rights Commission, whose responsibilities will include human rights monitoring, investigation of violations of human rights, and development of domestic human rights institutions. The Interim Administration may, with the assistance of the United Nations, also establish any other commissions to review matters not covered in this agreement.

7) The members of the Interim Administration shall abide by a Code of Conduct elaborated in accordance with international standards.

8) Failure by a member of the Interim Administration to abide by the provisions of the Code of Conduct shall lead to his/her suspension from that body. The decision to suspend a member shall be taken by a two-thirds majority of the membership of the Interim Administration on the proposal of its Chairman or any of its Vice Chairmen.

9) The functions and powers of members of the Interim Administration will be further elaborated, as appropriate, with the assistance of the United Nations.

IV. THE SPECIAL INDEPENDENT COMMISSION FOR THE CONVENING OF THE EMERGENCY LOYA JIRGA

1) The Special Independent Commission for the Convening of the Emergency Loya Jirga shall be established within one month of the establishment of the Interim Authority. The Special Independent Commission will consist of twenty-one members, a number of whom should have expertise in constitutional or customary law. The members will be selected from lists of candidates submitted by participants in the UN Talks on Afghanistan as well as Afghan professional and civil society groups. The United Nations will assist with the establishment and functioning of the commission and of a substantial secretariat.

2) The Special Independent Commission will have the final authority for determining the procedures for and the number of people who will participate in the Emergency Loya Jirga. The Special Independent Commission will draft rules and procedures specifying (i) criteria for allocation of seats to the settled and nomadic population residing in the country; (ii) criteria for allocation of seats to the Afghan refugees living in Iran, Pakistan, and elsewhere, and Afghans from the diaspora; (iii) criteria for inclusion of civil society organizations and prominent individuals, including Islamic scholars, intellectuals, and traders, both within the country and in the diaspora. The Special Independent Commission will ensure that due attention is paid to the representation in the Emergency Loya Jirga of a significant number of women as well as all other segments of the Afghan population.

3) The Special Independent Commission will publish and disseminate the rules and procedures for the convening of the Emergency Loya Jirga at least ten weeks before the Emergency Loya Jirga convenes, together with the date for its commencement and its suggested location and duration.

4) The Special Independent Commission will adopt and implement procedures for monitoring the process of nomination of individuals to the Emergency Loya Jirga to ensure that the process of indirect election or selection is transparent and fair. To pre-empt conflict over nominations, the Special Independent Commission will specify mechanisms for filing of grievances and rules for arbitration of disputes.

5) The Emergency Loya Jirga will elect a Head of the State for the Transitional Administration and will approve proposals for the structure and key personnel of the Transitional Administration.

V. FINAL PROVISIONS

1) Upon the official transfer of power, all mujahidin, Afghan armed forces and armed groups in the country shall come under the command and control of the Interim Authority, and be reorganized according to the requirements of the new Afghan security and armed forces.

2) The Interim Authority and the Emergency Loya Jirga shall act in accordance with basic principles and provisions contained in international instruments on human rights and international humanitarian law to which Afghanistan is a party.

3) The Interim Authority shall cooperate with the international community in the fight against terrorism, drugs and organized crime. It shall commit itself to respect international law and maintain peaceful and friendly relations with neighbouring countries and the rest of the international community.

4) The Interim Authority and the Special Independent Commission for the Convening of the Emergency Loya Jirga will ensure the participation of women as well as the equitable representation of all ethnic and religious communities in the Interim Administration and the Emergency Loya Jirga.

5) All actions taken by the Interim Authority shall be consistent with Security Council resolution 1378 (14 November 2001) and other relevant Security Council resolutions relating to Afghanistan.

6) Rules of procedure for the organs established under the Interim Authority will be elaborated as appropriate with the assistance of the United Nations.

This agreement, of which the annexes constitute an integral part, done in Bonn on this 5th day of December 2001 in the English language, shall be the authentic text, in a single copy which shall remain deposited in the archives of the United Nations. Official texts shall be provided in Dari and Pashto, and such other languages as the Special Representative of the Secretary-General may designate. The Special Representative of the Secretary-General shall send certified copies in English, Dari and Pashto to each of the participants.

ANNEX I - INTERNATIONAL SECURITY FORCE

1. The participants in the UN Talks on Afghanistan recognize that the responsibility for providing security and law and order throughout the country resides with the Afghans themselves. To this end, they pledge their commitment to do all within their means and influence to ensure such security, including for all United Nations and other personnel of international governmental and non-governmental organizations deployed in Afghanistan.

2. With this objective in mind, the participants request the assistance of the international community in helping the new Afghan authorities in the establishment and training of new Afghan security and armed forces.

3. Conscious that some time may be required for the new Afghan security and armed forces to be fully constituted and functioning, the participants in the UN Talks on Afghanistan request the United Nations Security Council to consider authorizing the early deployment to Afghanistan of a United Nations mandated force. This force will assist in the maintenance of security for Kabul and its surrounding areas. Such a force could, as appropriate, be progressively expanded to other urban centres and other areas.

Anexo B

4. The participants in the UN Talks on Afghanistan pledge to withdraw all military units from Kabul and other urban centers or other areas in which the UN mandated force is deployed. It would also be desirable if such a force were to assist in the rehabilitation of Afghanistan's infrastructure.

ANEXO C – PRODUTOS DA CAMPANHA PSICOLÓGICA NA OEF²⁶



Figura 1: Panfleto AFD189: Ataque ao World Trade Center



Figura 2: Panfleto AFD22b Frente: “Os Terroristas não reconhecem fronteiras”



Figura 3: Poster AFC035: Ataque ao World Trade Center

²⁶ Produtos recolhidos na Web em www.psywarrior.com



Figura 4: AFD-22b Frente: “A Sociedade das Nações está aqui para ajudar”



Figura 5: Panfleto AFD40d Frente: AC130 Spectre



Figura 6: Panfleto AFD40d Verso: “Sabemos onde estão escondidos”



Figura 7: Panfleto AFD40e Frente e Verso: “Sabemos onde estão escondidos”

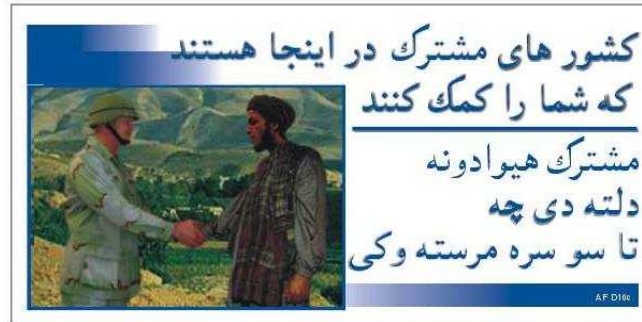


Figura 8: Panfleto AFD10c F: “A Sociedade das Nações está aqui para ajudar”



Figura 9: Panfleto AFD10c V: “Ajudar o povo do Afeganistão”



Figura 10: Rádio Kaito



Figura 11: Afegão a usar o Kaito

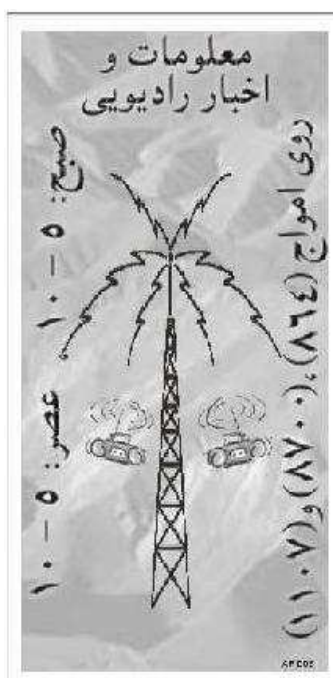


Figura 12: Panfleto AFD06: Frequência Rádio da Coligação

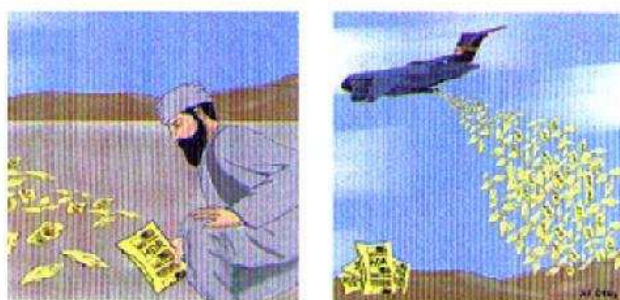


Figura 13: Panfleto AFD16g frente: "Está a ser lançada ajuda"



Figura 14: Panfleto AFD16g verso: "Está a ser lançada ajuda"



Figura 15: Panfleto AFD39 Frente e Verso: "Comida limpa e segura/ Perigo bomba"



Figura 16: Panfleto AFD12b: "EUA doaram milhões de dólares para ajudar"



Figura 17: Panfleto AFD69b Frente: "Al-Qaeda: pensam que estão seguros..."

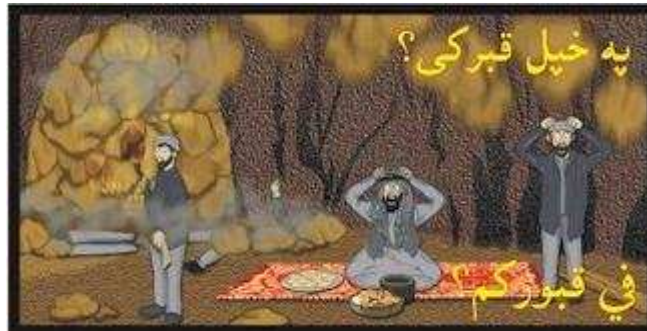


Figura 18: AFD69b Verso: "...no vosso túmulo?"

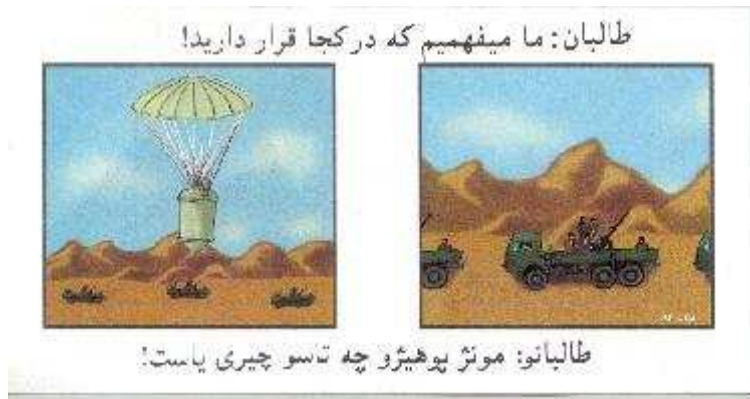


Figura 19: Panfleto AFD62 Frente: "sabemos onde estão"

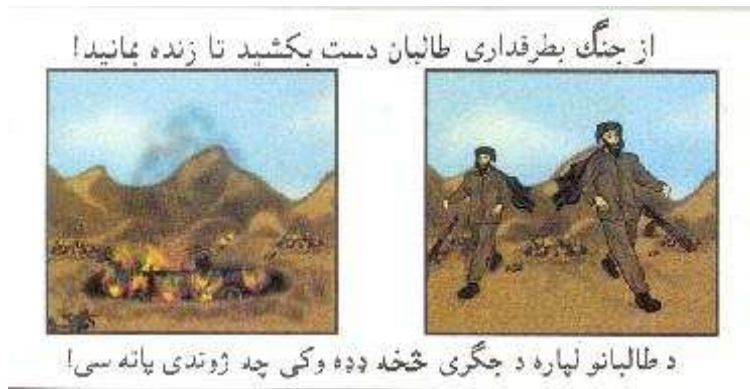


Figura 20: Panfleto AFD62: "deixem de lutar pelos Talibã e vivem"

ANEXO D – ENTREVISTAS

D 1. TENENTE-GENERAL SOUSA LUCENA: A APSIC EM MOÇAMBIQUE²⁷

P 1 - Qual o período temporal e quais as funções exercidas pelo meu General durante a comissão de serviço em Moçambique onde desempenhou funções no âmbito da Acção Psicológica?

Em Setembro de 1970 assumi, em Moçambique, as funções de Chefe do Gabinete Provincial de Acção Psicológica, órgão executivo central do Conselho Provincial de Acção Psicológica, instituído no mês anterior por despacho conjunto do Governador Geral e do Comandante Chefe do teatro de Operações, reconhecida que foi a necessidade da criação de uma estrutura civil-militar de acção psicológica que conjugasse a actividade das autoridades civis e das forças militares nesse domínio.

O Gabinete Provincial tinha por missão organizar, dinamizar e orientar tecnicamente todo o esquema misto concebido pelo despacho conjunto.

Para além dos dois anos de comissão normal, foi-me proposto prolongar essa comissão por mais um ano, tendo, por isso, deixado de exercer aquelas funções em Outubro de 1973.

P2 – Como se caracterizava o TO do ponto de vista da Acção Psicológica (de forma muito sintética o Estudo do Meio Humano de Moçambique)?

Não era possível uma caracterização genérica do TO do ponto de vista da Acção Psicológica. De acordo com as normas doutrinárias, o *Estudo da Situação de Acção Psicológica* incluía, como factores, a *missão* do escalão que procedia ao estudo, o *meio humano*, o *inimigo* e os *meios disponíveis*.

No extenso território de Moçambique, a guerrilha apenas actuava nos distritos do Norte (Cabo Delgado, Niassa e, mais tarde, em Tete), pelo que as forças militares dispersas em quadrícula pelas zonas sensíveis, embora obviamente bastante mais concentradas nas zonas mais afectadas pela subversão, tinham missões específicas diferenciadas, apesar da missão genérica de contrasubversão ser a mesma.

Quanto ao *meio humano* do território, as suas características eram muito diversificadas fundamentalmente no plano étnico, mas também pela sua localização geográfica e modo de subsistência. Para além das minorias brancas (de origem portuguesa) e asiática (nomeadamente de origem paquistanesa e indiana) a maioria negra nativa dividia-se em quatro grandes grupos étnicos, subdivididos em cerca de vinte sub-grupos, muitos deles com bastante autonomia quanto à organização social (onde em muitos casos

²⁷ Realizada através de correio electrónico.

predominava o sistema tribal), línguas ou dialectos, tradições, crenças, superstições e mesmo quanto à atitude face à colonização portuguesa.

Tendo em consideração esta multiplicidade de factores étnicos, o maior, menor ou mesmo nulo contacto das populações com os elementos subversivos e ainda a sua situação em relação aos meios urbanos, tudo contribuía para inviabilizar uma caracterização globalizada da situação psicológica no conjunto do TO, aconselhando, pelo contrário, que esse estudo fosse localizado, em conformidade com a situação militar da respectiva área.

A própria actividade do *inimigo* no campo psicológico diferia muito, dirigindo-se preferencialmente para as populações das zonas afectadas pela subversão activa, pois para a guerrilha a população é simultaneamente o ambiente operacional, o objectivo, o escudo e a retaguarda.

P3 – Como estava, do ponto de vista estrutural, organizada a Acção Psicológica em Moçambique? Quais os meios à disposição?

Uma das dificuldades com que os militares por vezes se deparavam na condução de operações psicológicas sobre as populações dos territórios ultramarinos afectados pela subversão, era o facto de competir à autoridade administrativa civil a administração interna e o controlo dessas populações, o que não raramente criava situações de dualidade de procedimentos e de atrito, com reflexos negativos nos resultados que se pretendia atingir, por falta de mentalização e impreparação quase geral das autoridades administrativas para este tipo de acções.

O reconhecimento da necessidade de se obter uma unidade de acção civil-militar no campo da acção psicológica levou à criação em Moçambique de uma estrutura conjunta que, no entanto, em minha opinião pecou por tardia.

Foi então criado, na dependência directa do Conselho de Defesa, um Conselho Provincial de Acção Psicológica tendo como órgão executivo central um Gabinete Provincial de Acção Psicológica, com as missões já atrás referidas.

Ao nível distrital (a então Província Ultramarina de Moçambique estava dividida em nove Distritos) e de comando de sector militar foram também instituídos e subordinados aos Conselhos Distritais de Coordenação de Defesa, Gabinetes Distritais de Acção Psicológica, sob a orientação técnica do Gabinete Provincial.

Por sua vez, as unidades e as autoridades administrativas das respectivas áreas formavam comissões locais de coordenação de acção psicológica.

Sem prejuízo das competências normais de ambos os canais de comando e direcção, militar e civil, a estrutura mista de acção psicológica, baseada nos gabinetes, provincial e distritais, tinha a seu cargo a orientação e o apoio técnicos, bem como a coordenação das acções a realizar em cada um dos níveis, em conjugação de esforços. Por isso, em cada um

desses gabinetes trabalhavam civis e militares para aí destacados. Dada a sua maior preparação técnica eram militares quem os dirigia.

P4 – Nesse contexto, quais eram as Audiências Alvo (Grupos Alvo) para a Acção Psicológica? Eram variáveis em operações pontuais e em quadrícula?

Pelo que tenho vindo a referir não eram uniformes as missões específicas dos diversos escalões militares, condicionadas, como é natural, pela situação de maior ou menor penetração da subversão nas respectivas áreas de actuação.

Com base na sua missão específica, cada escalão procedia ao estudo da situação psicológica na sua área e, pelo estudo do respectivo meio humano, definia os grupos-alvo a considerar.

Estes estudos requeriam um apreciável grau de preparação em acção psicológica, pelo que, muitas vezes, eram orientados pelo escalão superior, quer quando eram feitos exclusivamente no âmbito militar, como acontecia nos sectores onde a guerrilha tinha particular actividade, quer nos outros sectores em que normalmente intervinha a estrutura civil-militar através dos gabinetes distritais e, nalguns casos, o Gabinete Provincial.

A definição dos grupos-alvo e das suas características era fundamental para a acção psicológica a desenvolver num determinado meio humano, quer se tratasse do planeamento em apoio a uma operação militar a desencadear com maior ou menor amplitude, quer se destinasse a uma acção psicológica prolongada, nos sectores em quadrícula ou nos meios urbanos e suburbanos.

Poderia afirmar, apenas a título de exemplo, que, quando o meio humano a considerar assentava predominantemente num regime tribal, os respectivos régulos eram, por norma, o fulcro do grupo-alvo.

P5 - Quais eram os objectivos da APsic?

No contexto da guerra subversiva os *objectivos gerais e permanentes* da Acção Psicológica decorrem da própria definição desta actividade:

- fortificar a determinação e o espírito dos meios amigos;
- atrair a simpatia activa dos meios neutros;
- esclarecer a opinião de uns e de outros e contrariar a influência adversa sobre eles;
- modificar a actividade dos meios adversos num sentido favorável aos objectivos a atingir;

É evidente que para cada caso concreto os objectivos a atingir em cada operação psicológica eram definidos em função da missão do respectivo escalão e das características dos grupos-alvo considerados relevantes nesse contexto.

Um exemplo de um objectivo pretendido em zonas de guerrilha activa onde populações, por pressão dos guerrilheiros, haviam abandonado as suas sanzalas e se

refugiavam nas matas ou para lá da fronteira com a Tanzânia, era que essas populações regressassem aos seus locais de origem e, deste modo, deixassem de servir de escudo às bases da guerrilha. Em várias operações psicológicas levadas a cabo com esse objectivo, por vezes ao longo de bastante tempo, os resultados foram muito positivos.

P6 – No Afeganistão os principais programas prendem-se com a legitimidade da intervenção militar, com a negação do apoio aos terroristas, com o apoio às Forças de Segurança e Governo Afegão e, outros mais específicos como o combate à produção e tráfico de ópio. Concretamente, quais eram os programas mais frequentemente utilizados pela APsic?

Embora na terminologia usada na nossa doutrina de Acção Psicológica não constasse o termo “programa”, podemos entendê-lo como a programação do emprego dos *processos* disponíveis e adequados para a difusão dos *temas* escolhidos, em função das características dos *grupos-alvo*, para se atingirem os *objectivos* pretendidos. Neste sentido o programa geral e permanente de toda a nossa Acção Psicológica, em todos os TO, consistia em exercer essa acção “principalmente sobre a população e torná-la receptiva a uma eficaz acção social, contribuindo assim para conservar ou reconquistar o apoio dessa população” (missão definida no guia “O Exército na Guerra Subversiva”).

Efectivamente, sendo a população de um território afectado pela subversão elemento fulcral, considerou-se ser indispensável levar a cabo, coordenadamente com a acção psicológica, uma eficaz acção social ou de assistência como forma de conservar ou ganhar a sua confiança. Daí se ter chegado ao conceito de *acção psicossocial*.

Em Moçambique a acção social, nomeadamente no campo da assistência médica e sanitária e da assistência educativa, em especial das crianças e jovens, levada a cabo pelas unidades militares junto das populações nativas vizinhas, teve reflexos muito positivos no relacionamento com elas. A acção social foi igualmente importante, como complemento da acção psicológica, na apresentação das populações que, nas zonas mais afectadas pela subversão, tinham abandonado as suas terras.

Se no TO a programação da Acção Psicológica se orientava sobretudo para as *populações* mas também para os *guerrilheiros*, tentando desmoralizá-los e dividi-los, a programação da Acção Psicológica tendo como meios humanos estudados autonomamente as *nossas tropas* e a *sociedade civil metropolitana* era fundamentalmente da responsabilidade do escalão superior, isto é, do Estado-Maior do Exército no primeiro caso e do escalão político no segundo.

P7 – Uma das maiores dificuldades das PSYOPS no Afeganistão é na avaliação de resultados. Essa avaliação tem passado pelo recurso a sondagens realizadas por empresas civis uma vez que estas garantem uma maior imparcialidade das respostas

da população inquirida. Como eram avaliados os resultados da APsic em Moçambique? Em sua opinião, quais os principais factores influenciadores da eficácia da APsic?

A avaliação dos resultados da Acção Psicológica no conjunto da actividade no TO não podia deixar de ter uma componente razoável de subjectivismo. Porém, no caso corrente de operações psicológicas específicas cujos objectivos requeriam determinados comportamentos por parte do meio humano a que se dirigiam, o sentido positivo ou negativo desses comportamentos constituía um dado objectivo para a avaliação dos seus resultados, ainda que, por vezes, estes se viessem a revelar lentamente. Quando, pelo contrário, os objectivos das operações psicológicas se destinavam à consolidação ou alteração de atitudes, os respectivos resultados eram já mais dificilmente avaliados com objectividade, a não ser a longo prazo.

Quando, por exemplo, se obtinha a apresentação de um elemento preponderante da estrutura subversiva por desentendimentos internos – e foram vários os casos ocorridos - e o mesmo se dispunha a colaborar na nossa acção psicológica, conseguiram-se resultados francamente positivos com o regresso de populações até então controladas pela guerrilha na Tanzânia, junto à fronteira, bem como um acentuado grau de pacificação nas áreas adjacentes, nomeadamente no distrito do Niassa.

Outro exemplo de avaliação de resultados de acções psicológicas, por vezes prolongadas, consistiu em vários regulados do Niassa Sul terem eles próprios assumido a responsabilidade da defesa das suas terras contra as incursões da Frelimo, recebendo para isso, armas do Governo e organizando um sistema de autodefesa.

Em termos gerais e como avaliação positiva do clima psicológico vivido na grande maioria do território moçambicano, importa referir que durante os vários anos de guerra de contraguerrilha, não se registou um único atentado ou qualquer outra acção violenta nas cidades e até em centros urbanos de menor dimensão, fora dos distritos que no norte confinavam com a Tanzânia, onde o comando da subversão estava implantado.

Quanto à eficácia da Acção Psicológica desenvolvida pelos vários escalões em todo o Território Nacional há que distinguir dois níveis de actuação: o plano operacional e o plano político.

No plano operacional, quer em Moçambique quer nos outros dois TO (Angola e Guiné), o que estava em causa como objectivo fundamental no domínio psicológico – como, aliás, já anteriormente referi - era a conservação ou a reconquista do apoio das populações afectadas em maior ou menor grau pela subversão ou susceptíveis de o virem a ser. Elas constituíam para a guerrilha – repito - o ambiente operacional, o escudo, a retaguarda e o objectivo.

Não obstante se terem conhecido, ao longo dos anos de luta, alguns comportamentos negativos, prejudiciais à conduta da nossa acção psicológica, o esforço dominante nesta

área de actuação, nos vários escalões das nossas forças, foi muito positivo com resultados globalmente apreciáveis e nalguns casos até excelentes. Para isso muito contribuiu a conjugação das acções psicológica e social levada a cabo pela presença actuante das unidades militares, responsável, especialmente nas zonas rurais, mesmo as mais remotas, por um nível de desenvolvimento e de progresso social nunca até aí atingido, o qual depois e infelizmente se veio a degradar.

No plano político, porém, uma estratégia desajustada da realidade, caracterizada por um intransigente imobilismo ao longo de anos de uma guerra que a História recente já ensinara não poder ser vencida só por meios militares, foi tornando a acção psicológica, especialmente a dos altos escalões que glosava obrigatoriamente a doutrina oficial do Governo, cada vez menos atractiva, quer para as nossas tropas quer para a sociedade portuguesa em geral. Com o passar dos anos este desajustamento foi-se agravando, tanto no seio da sociedade civil como no meio militar. A lassidão entre os militares começou a tomar forma, misturada com um sentimento de injustiça por sentirem estar a ser implicitamente usados perante o país como bodes expiatórios pelo arrastar da situação. Foi este estado de espírito, em progressivo agravamento, que levou ao 25 de Abril.

P8 – No Afeganistão, as PSYOPS actuam no sentido de encorajar o voluntariado da população masculina a ingressar no Exército Nacional Afegão. A determinada altura no ultramar, foram constituídas unidades de nativos. A Acção Psicológica actuava também nesse sentido?

A minha experiência pessoal em Moçambique não me permite dar uma resposta cabal sobre eventuais campanhas psicológicas destinadas ao recrutamento voluntário para a constituição de unidades militares de nativos. Presumo que tal se tenha verificado mas bastante tempo antes do início da minha comissão. Nessa altura essas unidades eram já frequentemente empenhadas e tinham mesmo granjeado apreciável reputação.

P9 – Era perceptível a influência da APsic nos resultados alcançados pelas forças de manobra? De que forma?

Dada a importância do apoio da população para a actividade da guerrilha, os resultados positivos obtidos pela acção psicológica exercida em determinada área sobre a respectiva população, utilizando processos vários, conforme os casos, como por avião com lançamento de panfletos e mensagens por altifalantes em língua falada na região, ou por elementos da mesma etnia infiltrados, tinham em geral influência nos resultados das operações militares de contraguerrilha, na medida em que os guerrilheiros, sem o apoio da população se sentiam mais inseguros e acabavam por retirar para lá da fronteira. Foi o que aconteceu em grande escala no norte do Niassa.

Em relação a operações militares de maior envergadura, elas poderiam ter o apoio de operações psicológicas específicas para convergência dos respectivos objectivos. Foi o que aconteceu com a “Operação Nó Górdio”, realizada no norte do distrito de Cabo Delgado em Agosto de 1970, contra as três mais importantes bases da guerrilha implantadas no nosso território na área da etnia Maconde. O objectivo geral da operação psicológica planeada para apoio da operação militar era, como sempre, “dissociar o In da população nativa”, tendo em vista o estudo prévio das características da raça maconde, para, de acordo com as suas principais motivações, exercer uma acção pré-planeada consistindo em gravações para difusão sonora aérea em dialecto maconde, utilizando elementos importantes dessa etnia que se tinham apresentado (130 horas de voo diurno e nocturno) e lançamento de cerca de um milhão de panfletos de 25 tipos consoante os temas a abordar. Eram ainda previstas acções psicológicas de oportunidade destinadas a explorar imediatamente acontecimentos ocorridos que significassem insucessos da Frelimo, através de mensagens lançadas de avião.

A operação militar terrestre que se desenrolou por fases ao longo de 28 dias, foi sendo permanentemente conjugada com acções psicológicas, umas pré-planeadas outras de oportunidade, com intensidades variáveis, alternando os temas previamente definidos de acordo com a evolução da situação militar e dos respectivos resultados parcelares.

Conquistados os objectivos da operação militar com o desmembramento das três bases implantadas no norte de Cabo Delgado, onde a guerrilha fazia o seu maior esforço de penetração no território moçambicano, a situação de insegurança no distrito abrandou significativamente e a Frelimo desviou o seu esforço de penetração, não para o Niassa onde também sofria constantes revezes, mas para Tete.

P10 – Na sua opinião, que aspectos podemos considerar semelhantes entre a realidade actual do Afeganistão e o passado da Guerra Colonial em Moçambique?

Não sou, certamente, a pessoa indicada para emitir uma opinião abalizada sobre a questão que me é colocada pelo meu fraco conhecimento sobre a realidade actual do Afeganistão, limitado que estou às notícias fragmentárias que vão sendo divulgadas pela comunicação social. Em termos políticos e estratégicos, diferenças flagrantes em relação à situação de guerra subversiva vivida em Moçambique, julgo serem evidentes.

Mas como o que temos vindo a tratar diz respeito essencialmente a actuações psicológicas e conhecidos os principais programas das PSYOPS no Afeganistão, sou de opinião que, neste campo, os princípios básicos de actuação, o planeamento, os estudos de situação psicológica e os consequentes planos e directivas, com naturais diferenças de terminologia doutrinária, acabam por apresentar reais semelhanças nos procedimentos concretos.

Anexo D

Um aspecto que considero especialmente relevante e comum em ambos os casos: A importância fulcral de uma actuação psicológica, criteriosa e bem fundamentada, sobre as populações, atenta às suas peculiares características.

D 2. TENENTE-CORONEL RAMOS VIEIRA: AS PSYOPS NAS ISAF VII E VIII

P1 - Quais as funções que exercia na ISAF VII e VIII e como estava organizada ISAF e em particular a sua componente PSYOPS?

Na ISAF VII, fui, inicialmente, nomeado Chefe das Mobile PSYOPS Support Teams, mas como o TPSE ainda se encontrava em remodelação e havia falta de pessoal para activar estas equipas, fui posteriormente desempenhar as funções de Executive Officer do TPSE, cargo inicialmente não previsto, mas que veio a ser criado na estrutura do TPSE seguinte. Desempenhei essas funções por um período de 4 meses, passando depois a assumir as funções de Theatre Distribution Manager que é a entidade responsável pela distribuição de produtos, portanto, que actua na fase final da linha de desenvolvimento dos produtos de PSYOPS e tinha a responsabilidade de contactar com os representantes de PSYOPS de cada PRT e fazer-lhes chegar os vários produtos destinados a cada área, bem como verificar a utilização correcta dos mesmos. Tinha ainda responsabilidade de contactar com empresas civis para distribuir, e também de fazer a impressão, desses materiais, uma vez que estávamos em Kabul, uma cidade isolada, e como não nos podíamos deslocar por terra, tínhamos que contratar essas empresas para fazer a distribuição de produtos para NORTE e para OESTE.

P 2 - Desde a criação da ISAF I até à actual ocupação de todo o território, a ISAF passou por várias fases e teve prioridades e obstáculos diferentes ao longo deste percurso. Quais eram as prioridades e obstáculos?

Eu tive o privilégio de acompanhar as primeiras eleições, e nós, responsáveis por mediar a campanha das eleições, estivemos bastante empenhados nessa altura, efectuamos a colocação dos cartazes, 81, que estavam espalhados por todo o Afeganistão. Eram placards da ISAF, que incentivavam as pessoas a votar. Nesta fase criamos grupos, formados por especialistas da TAA que foram enviados para vários pontos no Afeganistão e que se juntavam com representantes característicos da comunidade local (que era previamente estudada) e lançavam questionários à população, grandes questionários com muitas questões onde as perguntas chave eram disfarçadas no meio de outras mais inocentes e que nos permitiam estudar as opiniões da população relativamente às suas intenções de voto. Foi uma altura em que a nossa actividade foi bastante intensa, com inúmeros candidatos, candidatas... todos os dias havia atentados... foi uma altura complicada. A maior campanha realizada pelo TPSE foi a realização de uma campanha em que previmos as intenções de votar da população.

O principal obstáculo nesta altura era o facto de Kabul ser uma cidade isolada que dificultava bastante a comunicação com o resto do território, concretamente com os outros PRTs.

P 3 - Qual é que era o estado psicológico da população na altura?

Nós tínhamos um sistema de *mail boxes* espalhado pelo território onde as pessoas colocavam mensagens e respostas a questionários, bem como *focus groups* também em vários pontos que nos permitiam tirar algumas ilações. Os relatórios semanais indicavam que, de facto, havia uma grande esperança, uma grande emoção das pessoas com as eleições. Os próprios elementos civis, locais, que lideravam esses *focus groups* estavam, também eles, bastante emocionados com a esperança da população e com a fé que as eleições podiam ser a resolução de muitos problemas.

Curiosamente, nas vésperas das eleições uma televisão afegã privada, transmitiu um *spot* publicitário da Al-Qaeda que informava que as pessoas que fossem votar iriam ser alvo de atentados, o que provocou medo na população, e originou uma grande quebra no fluxo às urnas. Os valores dos votantes diferiam 20% menos do que os valores que tínhamos obtido na nossa sondagem.

P 4 - Quais os Missão, Objectivos, Estados Finais Operacionais Desejados da ISAF?

Para além da missão geral de garantir a segurança e estabilidade e outros objectivos gerais, a ISAF pretendia, consolidar a situação da recente expansão para o NORTE, criar condições de segurança para a campanha eleitoral, e para o período pós eleitoral, e ainda criar condições e expandir para OESTE. Eram, sobretudo, estes os objectivos da ISAF.

P5 - Quais os Missão, Objectivos, Audiências Alvo, Temas, Programas e Meios do TPSE? E os estados finais psicológicos pretendidos?

O TPSE e os TF dos outros PRTs estavam muito envolvidos em consolidar o território que havíamos ocupado a norte, ou seja, solidificar a autoridade e aceitação do Comando Regional NORTE, preparar e assegurar uma ocupação e expansão para OESTE pacífica e informar e acompanhar as eleições, bem como o período pré e pós eleitoral.

Aquilo com que nos preocupávamos era fazer levantamentos e estudos das opiniões, das ideias e do estado da população em geral, através de vários *focus groups* e do feedback que recebíamos através das *mailboxes*; e sobretudo manter a situação estável e controlada.

Era também da nossa responsabilidade fazer face a alguma situações inopinada, de forma a prevenir a desinformação e alguns actos hostis que daí adviessem como era por exemplo o caso de algum rumor com origens em percepções erradas da população ou em alguma acção de propaganda do adversário. Foi o caso de uma situação que surgiu como por exemplo a percepção de que a NATO andava a queimar campos de papoilas ou quando rebentou uma barragem, que eram situações delicadas e que obrigavam a enviar as TPT

para informar antes que qualquer rumor passasse a constituir a percepção geral da população em determinada situação

P 6 - Qual o processo de aprovação de produtos PSYOPS?

De forma geral o processo podia ter início, num pedido do COMISAF, no pedido de um PRT, numa sugestão do CTPSE ao COMISAF. Podia também surgir numa das reuniões do TPSE pela TAA ou por se chegar à conclusão que tal ideia era benéfica tendo em conta as conclusões a que se chegavam nessas reuniões.

Dentro da estrutura do TPSE, era debatido o produto tendo em conta todos os dados que se tinha sob a AA, bem como as questões técnicas, legais, culturais... e chegava-se à conclusão da natureza do produto (se era um leaflet, um spot rádio ou tv...) e conforme essa natureza a secção responsável pela sua produção, apresentava uma proposta ao CTPSE que o aprovava ou remetia a alterações.

Quando era aprovado pelo CTPSE, este submetia-o a aprovação do COMISAF que se socorria dos seus conselheiros para todos os tipos de assuntos que pudessem estar relacionados, como o campo legal, político, médico, etc.

Quando o produto fosse aprovado, era produzido pela secção print, rádio, tv, conforme a sua especificidade e o Theater distribution manager era responsável pela sua distribuição e disseminação.

P 7 - No quotidiano, quais as actividades de PSYOPS desenvolvidas pelo TPSE?

Quando não estávamos a apoiar nenhuma acção específica, as nossas principais actividades prendiam-se com a TAA para prever possíveis situações e melhorar algum aspecto de outras actividades que costumávamos desenvolver. Frequentemente tínhamos equipas a circular por todo o território, equipas descaracterizadas, ou seja, viatura não militar e com civis – tínhamos muitos civis a trabalhar nas PSYOPS - que procuravam estudar a população, recolher opiniões... Essas equipas visitavam também, os locais onde disseminávamos produtos como cybercafés...

Outras actividades desenvolvidas, eram por exemplo a coordenação com as empresas civis de que nos socorríamos para fazer a disseminação de produtos pelos PRTs e no aeroporto de Kabul, verificar os horários dos voos... os aviões militares eram o nosso meio de transporte de Kabul para os restantes PRTs e como tal era necessário estar a fazer constantemente coordenações.

Fundamentalmente as actividades que desenvolvíamos no quotidiano eram actividades de TAA, em que os analistas faziam os estudos da situação... e havia um esforço dos restantes elementos da força em recolher dados para a TAA.

P 8 - Como era realizado o processo de coordenação entre o TPSE, no apoio a uma Operação específica, e as forças de manobra que executavam essa operação?

Nós nunca apoiamos nenhuma acção de combate, nunca fizemos Combat PSYOPS apesar de estarmos preparados para o fazer.

No entanto, mantínhamos sempre oficiais em contacto com as restantes forças. Tínhamos sempre um oficial de ligação em todas as reuniões diárias que se realizavam no ISAF HQ e para além desses oficiais de ligação, o chefe da secção de Operações e Programas (OPS/Program Section) estava sempre presente em todas as reuniões das INFOOPS.

P 9 - Como se fazia a avaliação de resultados da acção do TPSE?

A avaliação de resultados era realizada fundamentalmente por recurso às mail boxes e à acção dos focus groups.

As mail boxes, eram caixas de correio que tínhamos espalhadas pelo território e que serviam para vários propósitos. As pessoas eram convidadas a votar na música que queriam ouvir na rádio e eram aliciadas por prémios que eram oferecidos. A população votava nas músicas preenchendo um questionário com várias questões, entre as quais existiam algumas questões disfarçadas que se destinavam a avaliar determinado aspecto seleccionado pela entidade que produzia o questionário. As pessoas enquanto respondiam sobre a música que queriam ouvir, respondiam também a questões formuladas pelos analistas da TAA que serviam para avaliar resultados.

Tínhamos também os focus groups, que eram elementos civis do TPSE que se inseriam na população, e colocavam questões às pessoas. As pessoas interagiam facilmente com civis locais.

Assim conseguíamos fazer a avaliação de resultados que era um método que tinha alguma margem de erro.

P 10 - Quais os factores mais influenciadores dos resultados?

Nós sentíamos que tínhamos mais dificuldade em passar as nossas mensagens quando havia atentados, porque a população ficava com medo, que era o principal factor influenciador de resultados, apesar da população nos ter aceite muito bem, julgo que segundo um estudo da época, 80% da população era a favor da nossa presença.

Outro factor que influenciava muito o nosso papel era os rumores. Frequentemente surgiam vários rumores que facilmente eram aceites pela população. Tal como spots anti-ISAF que ocasionalmente passavam em televisões privadas ou em estações rádio privadas, apesar de esses spots serem sobretudo anti-americanos, anti-coligação, e não propriamente anti-ISAF.

O facto de grande parte da população ser iletrada, dificultava também, as nossas acções com panfletos bem como a sua participação em iniciativas por nós propostas como o preenchimento de inquéritos para colocar nas tais mail boxes, por exemplo.

A população jovem era de facto mais receptiva, sobretudo as crianças que pouco conheceram do regime talibã e que estavam por isso mais familiarizadas com as forças internacionais.

P 11 - Considerando a condução de PSYOPS pelos TPSE da ISAF, pelos PSE dos RC e pelos membros da coligação da OEF. O facto de haver várias forças a conduzir PSYOPS era uma mais-valia? ou eram descoordenadas e sobretudo prejudiciais?

Enquanto estive a trabalhar em PSYOPS havia, de facto, coordenação entre as diversas forças que conduziam PSYOPS. Era realizada mensalmente uma reunião com os representantes de PSYOPS de todos os PRT onde se discutiam temas, programas progressos...

Quinzenalmente, reuníamos com elementos da Coligação Enduring Freedom, para além de estarmos permanentemente em contacto por e-mail, através do qual recebia inclusive, pedidos de produtos como rádios, bolas de futebol e outros produtos para disseminar à população. Não sei se tal coordenação era especial pelo período de expansão e eleições que acompanhei ou se era, de facto, normal fazer sempre essa coordenação. O que se verificava, era, portanto, uma coordenação e a condução de PSYOPS por várias forças que era uma mais-valia.

P 12 - Na sua opinião, a condução de operações psicológicas contribuiu para apoiar as forças de manobra e alcançar os objectivos da ISAF VII e VIII?

Sempre. Estamos a falar de forças que fazem a expansão, e aqui, o acompanhamento das PSYOPS é fundamental.

Tendo em conta que foram enviadas tropas para outras partes do território afegão, é fundamental que haja uma acção prévia das PSYOPS, para informar os líderes locais e a população em geral do que iria acontecer. Na fase 2, a população estava habituada a ver as tropas da coligação, mas que reacções teriam ao ver tropas com o símbolo ISAF? O que aconteceu foi que começaram a dizer que eram forças à procura do tesouro de Genghis Kan. De imediato fomos informar do que se tratava antes que atitudes hostis pudessem ser tomadas. Isto foi um erro que aconteceu na expansão para OESTE. O mesmo erro não voltou a ser cometido na fase 3 de expansão para SUL, onde a importância das PSYOPS foi tida em conta e utilizada para preparar a população.

Não há dúvida que as PSYOPS são fundamentais. As PSYOPS preparam a população para as acções da ISAF, e depois realizam censos e outros estudos que permitem sentir o pulso da população e permitem ao comandante, tomar uma decisão mais

Anexo D

apoiada. E isto acontecerá cada vez mais, porque a tendência é diminuir o número de efectivos e aumentar os efeitos das PSYOPS.

D 3. CAPITÃO GILBERTO LOPES: AS PSYOPS NA ISAF IX

P1 - Quais as funções que exercia na ISAF IX e como estava organizada a ISAF e em particular a sua componente PSYOPS?

De uma forma geral, na ISAF IX, o comando era formado pelo seu estado-maior, dispunha de conselheiros (EM especial) para assuntos específicos, e tinha sob a sua dependência as unidades.

As unidades eram os cinco comandos regionais, a Task-Force Aérea, as Equipas de Reconstrução Provinciais, a CJPOTF e a UNIDADE CIMIC.

Os conselheiros, apoiavam o COMISAF na tomada de decisão, dando pareceres sob assuntos específicos conforme a sua especialidade como assuntos políticos, legais, de média, de coordenação de Informação Pública, de desenvolvimento e coordenação de operações especiais, e, entre mais alguns, estava o COMCJPOTF que aconselhava sobre Operações Psicológicas.

Depois, o COMISAF, tinha três comandantes adjuntos, o CJOC e o Estado-Maior que se divide em EM das operações e EM do Apoio. Integrando o EM das Operações, estão as PSYOPS, dentro do J3. As INFO OPS, o J9 (CIMIC) e o Joint Coordination Effects Branch integram o EM das Operações independentemente.

Quando Cheguei ao Afeganistão, havia apenas o RC Capital, o RC North e o RC West, depois acompanhei a expansão para Sul e no final, para Este.

Quanto à CJPOTF, esta tem uma função não de comando, mas de coordenação e supervisão. A sua principal função era apoiar as PSYOPS dos RCs nas suas missões.

Ao nível dos Comando regionais havia um PSYOPS Support Element por cada PRT e havia uma Task-Force por cada Battle Group. Havia também, um PSE Regional que já tinha algumas possibilidades. Tinha capacidade de impressão, já tinha capacidade de filmagem etc. Este RPSE, coordenava directamente com a CJPOTF as necessidades que tinham ao nível regional e a CJPOTF apoiava com material e com TPT conforme as necessidades dos comandos regionais para as PSYOPS.

A excepção a esta estrutura regional era no RC Capital, um vez que a CJPOTF estava em Kabul, a responsabilidade da condução de PSYOPS em Kabul era da própria CJPOTF.

Havia ainda Forward Media Teams que eram como jornalistas que actuavam junto dos PSE dos RPSE e da CJPOTF e recolhiam informações locais, garantiam-nos algum feedback da população para que nós fôssemos sempre actualizando o SUPPlan, e para além disto, produziam o jornal local.

P2 - Desde a criação da ISAF I até à actual ocupação de todo o território, a ISAF passou por várias fases e teve prioridades e obstáculos diferentes ao longo deste

percurso. Como caracteriza o ambiente (sobretudo o ambiente psicológico) na altura, quais eram as prioridades e obstáculos?

As principais dificuldades deviam-se às características especiais da população e do terreno. Ou seja, havia uma grande variedade de etnias o que implicava que tivéssemos que arranjar produtos que fossem adequados a todas elas. Depois, havia outros problemas: a televisão era um meio muito bom para passar os nossos produtos, mas devido à falta de desenvolvimento do país, a televisão cobria só uma pequena parte do território. Isto colocava o rádio como o meio ideal, porque toda a gente, ou quase toda a gente tinha um rádio, toda a gente ouve o rádio e assim sendo, toda a gente facilmente ouviria os nossos produtos rádio. O problema aqui, é que devido ao relevo, devido ao país ser muito montanhoso, a cobertura rádio também não se estendia a todo o território afegão. Qual era a solução então? A solução passava por combinar todos os meios que tínhamos à nossa disposição, ou seja, o rádio e a televisão eram usados visando a população dos grandes aglomerados populacionais, e nas aldeias e pequenas populações a solução passava pelo face to face.

Havia o problema das línguas, é muito difícil encontrar alguém que soubesse falar uma língua local, por isso tínhamos que recorrer a intérpretes locais. Os produtos teriam que ser produzidos sempre em duas línguas no mínimo, as principais, o Pashto e o Dari. A Iliteracia da população era também um obstáculo na comunicação, sobretudo em produtos escritos como leaflets ou jornais o que tornava mais eficaz a conversação face to face e o rádio.

Obviamente que o esforço era sempre junto das grandes massas populacionais, o que veio e virá a ser a fonte dos principais problemas que apresentarão no futuro. Porque, graças à nossa presença intensa nas grandes cidades, estas eram Pró-NATO, enquanto as aldeias eram neutras ou pró-talibã. Isto porque a atenção era descurada nas aldeias. E se nós passávamos 6 horas em face to face conversation nas aldeias, depois íamos embora e os talibã passavam lá 18 horas. Facilmente é perceptível que quem exercia mais influência nestes locais eram os talibã.

Isto leva a que os talibãs controlem já algumas regiões, o que possivelmente virá a aumentar no futuro.

P3 - Quais foram os pontos altos de actividade? (a intensidade da actividade era constante?)

A actividade é de forma geral mais ou menos constante. No entanto tínhamos alguns picos de actividade quando havia grandes operações. Houve um grande pico de actividade numa altura marcada por diversos incidentes entre a população e as forças NATO. Esta fase começou ainda antes de eu ter chegado ao Afeganistão quando uma coluna Norte-America atropelou 3 civis e depois alvejou cerca de 20 que em protesto pelo acidente tentaram atacar a força. Nessa altura, tivemos que desenvolver muitos placards, leaflets e mesmo

autocolantes para colocar nas viaturas para que a população percebesse que não se podia colocar no meio das colunas nem executar qualquer acto com características hostis sob pena de serem confundidos com terroristas com intenções de atacar as forças. Estas acções de PSYOPS eram também acompanhadas por um esforço das próprias forças da ISAF em tentar alterar os comportamentos e reacções durante a execução de patrulhas e outras acções.

Um outro pico foi durante a peregrinação a Meca. Nessa altura, houve um grande esforço da ISAF em ganhar a simpatia da população, lançando mensagens de que apoiávamos o Islão. Chegamos a distribuir kits de higiene aos peregrinos, bem como jornais e outros produtos informativos por exemplo, antes dos embarques nos aviões onde também aproveitamos para fazer face to face conversation.

Finalmente, quando a ISAF começou a preparar a expansão para o Sul e a desenvolver acções de combate para expulsar os talibãs. As nossas actividades não eram de apoio às acções de combate, mas sim de informar as populações da iminência dos ataques, por exemplo que tinham de sair das aldeias que iria haver bombardeamentos, a incentivar os talibãs a renderem-se e tudo o que a intenção do comandante indicava.

Depois houve também a fase de adaptação das PSYOPS aos novos territórios absorvidos: o RC South e o RC East.

P4 - Qual a Missão, Objectivos, Estados Finais Operacionais Desejados da ISAF? (para relacionar com a questão seguinte)

De uma forma geral, porque não tenho comigo a documentação necessária para consultar, os objectivos principais são: garantir a segurança, a estabilidade e o desenvolvimento do Afeganistão. Subsequentemente, é apoiar as forças militares afegãs (ANA) e as de segurança (ANP) na transmissão da autoridade.

P5 - Qual o processo de aprovação de produtos PSYOPS?

Esse processo assentava num ciclo com 9 fases: Planeamento, brainstorming, desenvolvimento do produto, murderboard, pré-teste, aprovação, produção, distribuição e disseminação, avaliação de resultados.

Com base no Anexo L à OOp do COMISAF ou em algum pedido específico do comando... inicia-se o planeamento, todo o staff da CJPOTF se reúne para fazer o planeamento. As directivas são dadas pelo Joint coordination effect branch, estes definem exactamente o que pretendem para a operação. Essas directivas vão para a secção ops and plans, que garantem o planeamento das missões futuras e faz a constante actualização do SUPPLAN. É sobretudo esta secção que dá inputs para o planeamento, mas no planeamento todos dão inputs e daqui saí a ideia de produto. Sobre esta ideia inicial de tipo de produtos, todos dão opinião, todas as secções dão os seus contributos para o

desenvolvimento do produto. Depois de formada uma ideia, desenvolve-se o produto, faz-se um exemplar. Esse exemplar vai a uma murder board. Aqui todos criticam o produto, toda a gente apresenta os aspectos negativos do produto e se os houver, se são necessários para anular a produção do mesmo.

Se o produto sobreviver ao murder board, é submetido a um pré-teste levado por uma TPT para junto da população que sem explicação do produto são inquiridos sobre o significado aparente do produto. Se o produto, produzir a percepção desejada junto da população neste pré-teste, faz-se um relatório do teste e submete-se o produto a aprovação do comandante da CJPOTF e do comandante regional. Em algumas situações, a aprovação tem que ser dada pelo COMISAF.

Depois de aprovado o produto passava então a ser produzido pela sub-secção responsável (conforme o tipo de produto) da secção média, devidamente coordenado pela secção SSS, que geria as necessidades económicas do produto. A Secção SSS era também responsável por estabelecer contratos com empresas civis que fossem necessárias para produzir ou distribuir os produtos. Eu entrava, na parte da distribuição. Era o responsável por fazer chegar os produtos aos Comandos regionais ou outros destinatários e assegurar-me da sua disseminação.

Quando os produtos chegavam à população, era necessário fazer a avaliação de efeitos e comparar entre os efeitos pretendidos e os efeitos observados. Essa avaliação é feita logo no momento da distribuição e posteriormente pelos PSE e TPT dos comandos regionais

P6 - Como se fazia a avaliação de resultados da acção da CJPOTF?

A avaliação dos resultados era unicamente feita através do contacto com a população... conseguíamos ter a percepção das opiniões da população pela alteração do modo como nos recebia. Grande parte das nossas actividades eram acções informativas, pretendíamos informar a população relativamente ao comportamento que deviam ter e evitar no contacto com as forças da ISAF, bem como outras informações relativas à nossa missão. Nestas acções era fácil perceber se os resultados eram obtidos, bastava portanto perguntar às pessoas se elas sabiam. E na prática, no contacto com as nossas forças também se verificavam resultados.

P7 - Alguns estudos relativos às percepções de segurança e estabilidade dos afegãos indicam que em 2006, a população do SUL e de ESTE, se sentia menos segura e a maioria acreditava que a economia, o governo e segurança eram melhores no antigo regime talibã. Como explica estes resultados?

Estes resultados, na minha opinião justificam-se por aquela questão das influências de que falamos. As forças da ISAF entram em contacto com a população durante as suas

patrulhas durante o período em que decorrem as mesmas. Mas nas pequenas populações, a influência dos talibã sobre as populações consegue obter mais frutos do que a influência da ISAF porque os elementos talibã conseguem estar lá durante mais tempo, sobretudo durante a noite quando as forças ISAF recolhem. Claro que esta influência sobre a população podia ter efeito em qualquer comando regional, mas a ideia desenvolvida pelas forças do teatro é que é a partir do Paquistão que estes elementos talibã surgem. Esta teoria ganha sentido quando vemos que a SUL e a ESTE, o Afeganistão faz fronteira com o Paquistão. Portanto, essas percepções surgem pela influência talibã que se sente mais nestes locais porque estes locais são mais próximos das bases talibã e como tal, mais sujeitos à sua influência.

P8 - Dados da UNAMA indicam que o período de Setembro de 2006 até Maio de 2007, foi o período com maior número de ataques suicidas. Como explica estes resultados?

Isso pode ter acontecido por vários factores, mas coincide com o período em que se intensificaram operações de combate no SUL, e se há um intensificar de operações da NATO, tem que haver respostas mais activas pelos membros talibã e o atentado suicida é um modus operandis muito utilizado por eles.

P9 - Quais os factores mais influenciadores dos resultados?

O que mais pode influenciar os resultados pela positiva é a relação que é criada entre as tropas da ISAF e as pessoas. Manter o contacto é o que mais influencia, as pessoas só confiam quando conhecem e se as tropas estiverem sempre a rodar... A mesma coisa é o período em que estamos lá: se os talibã passarem lá mais tempo que nós vão ser melhor aceites.

Outra coisa que influência são os comportamentos das tropas ISAF. Quando acontece algum comportamento menos correcto de alguém dentro da ISAF, como prenderem ou matarem um inocente... as pessoas vão ter dificuldade em confiar na NATO o que dificulta bastante a aceitação da força e o cumprimento da missão.

P10 - Considerando a condução de PSYOPS pelas CJPOTF das ISAF, pelos PSE dos RC e pelos membros da coligação da OEF. O facto de haver várias forças a conduzir PSYOPS era uma mais-valia? ou eram descoordenadas e sobretudo prejudiciais?

Esta multiplicidade de forças a conduzir PSYOPS não se atrapalha, mas não havendo coordenação entre estas forças, não há um trabalho conjunto com resultados melhorados. O que se verifica bastante é um esforço superior em trabalhar para o país de origem das

forças, do que propriamente para o interesse colectivo da ISAF e do Afeganistão – tanto que Portugal é provavelmente o único país que não tem uma célula de informações com a força.

Na realidade não havia coordenação entre as forças o que apesar de não trazer resultados negativos para a missão geral de PSYOPS, também não criava aquela sinergia que seria possível e desejável.

P11 - Na sua opinião, a condução de operações psicológicas contribuiu para apoiar as forças de manobra e alcançar os objectivos da ISAF IX?

As PSYOPS contribuem sempre, mas neste caso são subaproveitadas. Uma correcta condução de PSYOPS implica coordenação, motivação – que faltava a elementos de algumas nacionalidades – e formação.

As PSYOPS são uma ferramenta que podem ter uma utilização muito benéfica para apoiar as forças que conquistam e ocupam o terreno. Neste caso, somente conduzindo PSYOPS brancas, com a intenção de informar sob a situação, só pode trazer vantagens. Porque a situação tem muita legitimidade e é somente isso que é preciso mostrar. O que acaba por acontecer muitas vezes, é pôr as PSYOPS a correr atrás do prejuízo, ou seja, a justificar acções menos correctas e a convencer a população a não desconfiar, não havendo aquilo que seria desejável, uma evolução da situação psicológica da população.

D 4. TENENTE-CORONEL (DEU) MICHAEL SCHIRENBERG: AS PSYOPS NA ISAF X

P1- What were your functions in ISAF X and how was ISAF X organized (and specifically its PSYOPS structure)?

I served in Afghanistan with ISAF X from March to September 2007 and my function was Commander of the Combined Joint Psychological Operations Task Force. This Task Force was directly under the command of Commander ISAF collocated with the Headquarter ISAF of the Commander in Kabul. So, as a Task Force the Commander was my next direct superior and the connections with the HQ ISAF was made with the PSYOPS cell in the HQ, made of 3 people who help the HQ staff to work in all PSYOPS subjects.

We have 3 parts of mostly NATO military soldiers, a third was civilian international employees and a third were afghan local employees. The most part of the personnel work in Kabul, but we have also Forward Media Teams which were deployed to different areas normally located with the PRTs.

Inside CJPOTF I would like to call it a triangle with the three most important sections: the Media Section (with the media director as the head of this section), the Target Audience Analysis Section and Planning Section. These were the most important sections. The Media Director has under his control all the different media (radio, TV, and print); TAA task was, of course, to research what the current situation is, to test our products; planning section task was to plan and to coordinate all our activities to make sure we are in line with the planning of HQ ISAF.

P2 - Since the creation of ISAF I, until the present all terrain occupation, certainly ISAF has passed for through several stages and has had different obstacles and priorities. What were those priorities and obstacles during ISAF X mission? What has the psychological atmosphere like? What were the peaks of activity?

The biggest problem we had was to fulfill the expectation of the HQ ISAF. Our task is, in the best way, to convince people that what we are doing is the right thing to develop their country, to make people understand why we are there and that we want to help them to develop their country, to get to better conditions, and to secure safe conditions for the people. Do this in the surroundings was very, very, difficult... the situation from my point of view got worse because the Taliban grow stronger and they were using very good their propaganda issues and each mistake we did was used very well by the Taliban. So, if there was a bombardment that cause civilian deaths the Taliban would put the finger and made very clear that it was our fault, that we did that intentionally and so on. And very often this was not true, but it was very difficult for us to show this. Almost impossible to show this. And this was our biggest problem and a pain for us to see that, of course, we sometimes make

mistakes, but we couldn't show the population that we did everything to avoid these mistakes and that was used by the Taliban.

The peaks of activity were at the end of the spring. The winter in Afghanistan is quite hard, so the Taliban rest during the winter and spring and at the end of spring they reinforce their activities.

P3 - What were ISAF's objectives? What was the desired operational end state?

To put this together in one or two sentences it very difficult, the operational planning is reworked every half a year and it is always a step on a long term objective and that end is quite clear to help the country to stabilize for itself so then we can leave the country, So we are always doing a part of this. The operational end state in the time of ISAF X is of course to have a situation which was safer than before, but at that time it was quite clear that this would become very, very, difficult. That is a public subject: the Commander ISAF is very often claiming that he has not enough manpower and not enough support from NATO nations.

The general Objective was to develop the situation; a main task was also to get more Afghan National Security Forces trained which. To support the Afghans to establish their own security system so they operate by themselves.

P4 - What were the CJPOTF objectives and psychological end states?

In line with ISAF HQ is always our job to support the ISAF Objectives and we did. An example was the Afghan National Army, to promote them, to show that they are developing, to show the people how the system of the ANA is working, how they are training, how they develop, that was one of our bigger subjects. And, of course, there were also other subjects: to educate people, some minor issues, to make clear that they cannot expect to have a save environment if they accept things like IEDs...So we asked people to report us if they know something about activities with explosive devices... This was also a big part of our... campaign.

P5 - What means, programs and themes were most used?

The most used means in Afghanistan is for sure the radio – we have a lot of illiterate people in Afghanistan and of course there are only a few people that can afford a TV - so radio was the most used media in Afghanistan. The problem on the ground is that we don't have enough Tactical PSYOP Teams who can get in direct contact with the population which is, from my point of view, the best mean to communicate with the people in Afghanistan. But we don't have enough TPTs and we should have more and we should send them more often. That's why radio is the most used media.

We support the lines of operations ISAF HQ develop and one big theme is to ANSF and a big theme is education, to make clear education is a good thing for the development of Afghanistan future, for the future of the children. We tried also to support the afghan government programs at all, but this was quite difficult because it was not always that convincing what afghan government was trying to do and we need to be very careful.

P6 - Can you describe the process of transforming operational requirements into subunits tasks?

I wouldn't say transforming, I would say: this development of the requirements goes in parallel with the planning ISAF HQ is developing, is something we are always connected with, so we know what they are planning. In this planning cycle we are involved with our planners from the early beginning, they are integrated to know what is going on, what is the next big subject we are planning on the line of operations... in that we are involved. For example if part of the planning is or involve the training of the ANA, we plan at the same time how can we promote this? How can we support these guys?

It is not possible to start planning when ISAF HQ finish, we need to be involved in this from the early beginning. We don't even need liaison officers because we were too close for liaison officers, because we worked in the same compound. So if they plan something, the planners from the Planning Section are already in work, they go to them and they do the job together. If we start to work when they finished is too late, PSYOPS needs to be at the very first step, because you need to hear your TA experties. If they try to develop things which are out of what we should do from the ethnologic or religious point of view, the TA experties, explain the things that cannot be done.

P7 - How did CJPOTF coordinate with maneuver forces in specific combat operations?

CJPOTF was the lead of PSYOPS process in Afghanistan, and combat operations were normally done by the Regional HQ. So PSE from different regional commands informed us if they're going in operations, but normally the regional command is so far that they don't need us for combat operations and use their own PSYOPS forces. If there was any need we try to support them, mostly with TPTs. But CJPOTF is a little short in TPTs because our main effort is to do the work with radio, TV, and to edit the newspaper and not to support combat operations.

P8 - How did CJPOTF measure the psychological results achieved?

What we use are civilian companies to make research for us because we don't have the manpower to do this kind of researches. To measure the Psychological results we need a big staff even to prepare a survey and we were very short in personnel especially in this

branch – Target Audience Analysis. And we need these personnel to come up with a good questioner.

P9 - What do you consider the most influential factors affecting PSYOPS activities?

The most influence we can use is to talk with the people. So, the work that TPT do is, for me, the most valuable work. But the problem is that we don't have so many of them, so it's necessary that the troops that are in the ground are aware that what they are doing are aware that the country, the religion and the ethnology of the people with who they are in contact with. So they can influence very much the situation on the ground. If these soldiers were well trained and well aware of what they are doing, they are, from my point of view, the most influential factor.

P10 - In Afghanistan several units conduct PSYOPS, like CJPOTF, RCPSE or OEF coalition forces. Was there any coordination between these forces?

Yes, definitely, and that was one of our main tasks: to coordinate from Kabul, collocated with HQ ISAF, PSE in the different regions and we have very good context, we have every two months a meeting with all the important regional command but also with the PSE of the TAA who need to be better supported. However it was not always easy to be on the same approach mode of all regional commanders, sometimes they used PSYOPS in a different way. But, despite that, coordination was quite good and I was satisfied it that.

Coordination with OEF PSYOPS depends very much on personal relations. But during ISAF X we developed it very much, we met a lot of times and agree to a common idea in several issues. I was happy with that.

P11 - Some survey results on Afghan security perceptions in 2006 indicate that the Southern and Eastern population felt more insecure than everybody else in Afghanistan. They even thought they were more secure during the Taliban regime. How do you explain these results?

I guess it is quite easy to explain. I guess the people are right, you can see this in some areas. I was there and I believe security is worse than in North and West. South and East are the areas closer to Pakistan where there are lot of border areas where Taliban can hide, rest and get support... and NATO arrived in this areas too late.

P12 - In your opinion did CJPOTF contribute to achieving ISAF objectives?

Yes, we did that, we have done this in the past and we are still doing this. Forces cannot go into a country and just do their job. They need to communicate with the population

to explain what we are doing. It would be easier to say we are successful if we could compare it to a situation where there was no PSYOPS forces on the ground, but of course that isn't the situation, but I am pretty sure we did a lot of good work because we explain the job, what the soldiers are doing... and we got a lot of effects, we got a lot contacts with the population so I am quite sure we could explain very often what we were doing and what those actions would cause. The surveys we have conducted are normally the tool to measure it.

P13 - Is there anything more you would like to add?

For me, PSYOPS is a mean to communicate with the population, to make them understand why we are there, to help to support them, to establish and to develop their country. I hope that the different NATO nations develop more PSYOPS forces to be able to support this kind of missions. I believe it is obligatory to tell the people why we are there and not just to operate in the country, that was one the problems we have that the human resources were not as many as we needed.

D 5. CAPITÃO HUGO RODRIGUES: AS PSYOPS NA ISAF XI

P1 - Quais as funções que exercia na ISAF XI e como estava organizada a ISAF e em particular a sua componente PSYOPS?

Desempenhei desde Fevereiro a Agosto de 2008 as funções de analista regional na Secção de Análise de Audiências Alvo (SO PSYOPS TAA REGIONAL ASSESSMENT). Dentro da CJPOTF, a TAA tinha analistas responsáveis pelas diferentes regiões e programas, incluindo também analistas locais/intérpretes que auxiliavam na análise da informação de fontes abertas locais.

P2 - Desde a criação da ISAF I até à actual ocupação de todo o território, a ISAF passou por várias fases e teve prioridades e obstáculos diferentes ao longo deste percurso. Como caracteriza o ambiente (sobretudo o ambiente psicológico) na altura, quais eram as prioridades e obstáculos?

A prioridade era a criação de um ambiente seguro e conseqüente oportunidades de emprego para a geração futura, no fundo a criação de bases para a construção de um futuro melhor. O grande obstáculo era a sensação de insegurança vivida um pouco por todo o território e o sentimento de corrupção aliado.

P3 - Quais foram os pontos altos de actividade? (a intensidade da actividade era constante?)

A actividade insurgente era constante. Um notório crescimento aquando o início da Primavera/Verão, mas diariamente existiam dados de baixas militares e nos meses Julho/Agosto também um significativo acréscimo de dados sobre baixas civis

P4 - Qual a Missão, Objectivos, Estados Finais Operacionais Desejados da ISAF XI? (para relacionar com a questão seguinte)

Reduzir a capacidade e influência dos Insurgentes de forma a permitir a reconstrução e desenvolvimento, progresso económico e expandir a influência positiva da acção do Governo do Afeganistão.

P5 - Qual o processo de aprovação de produtos PSYOPS?

Os produtos PSYOPS assumem-se de diferentes formas. Poderão ser pequenos artigos com o logo da ISAF, jornais com respectivos artigos, programas de radio, TV spots ou artigos na Net. Os artigos na imprensa eram supervisionados pelos analistas e posteriormente disseminados. Os programas de rádio e TV spots eram testados em grupos alvo, constituídos por diferentes etnias, sexo ou graus académicos. Após testados nesses

grupos alvo, eram colocados em processo de aprovação interno e posteriormente aprovado a nível externo na presença de diferentes elementos das diferentes secções da ISAF.

P6 - Como se fazia a avaliação de resultados da acção do CJPOTF?

Eram recebidos resultados vindos da sondagem a nível nacional sobre comportamentos, atitudes e percepções; eram realizados semanalmente inquéritos locais a grupos alvo e mais recentemente começou-se a incluir nas patrulhas, analistas que durante o tempo no exterior do aquartelamento procediam também a uma análise de percepções por amostragem. Também parte envolvente na percepção de alguns comportamentos locais, era a Tactical PSYOPS Force (TPF) que relatavam à secção de análise percepções observadas no exterior.

P7 - Alguns estudos relativos às percepções de segurança e estabilidade dos afegãos indicam que em 2006, a população do SUL e de ESTE, se sentia menos segura e a maioria acreditava que a economia, o governo e segurança eram melhores no antigo regime talibã. Como explica estes resultados?

Terei que dizer que esta percepção tem vindo a mudar e actualmente a população não partilha esta opinião.

P8 - Quais os factores mais influenciadores dos resultados?

A falta de segurança, desemprego, iliteracia, actividades criminosas, assinaláveis diferenças culturais e obviamente a religião.

P9 - Considerando a condução de PSYOPS pelos CJPOTF da ISAF, pelos PSE dos RC e pelos membros da coligação da OEF. O facto de haver várias forças a conduzir PSYOPS era uma mais-valia? ou eram descoordenadas e sobretudo prejudiciais?

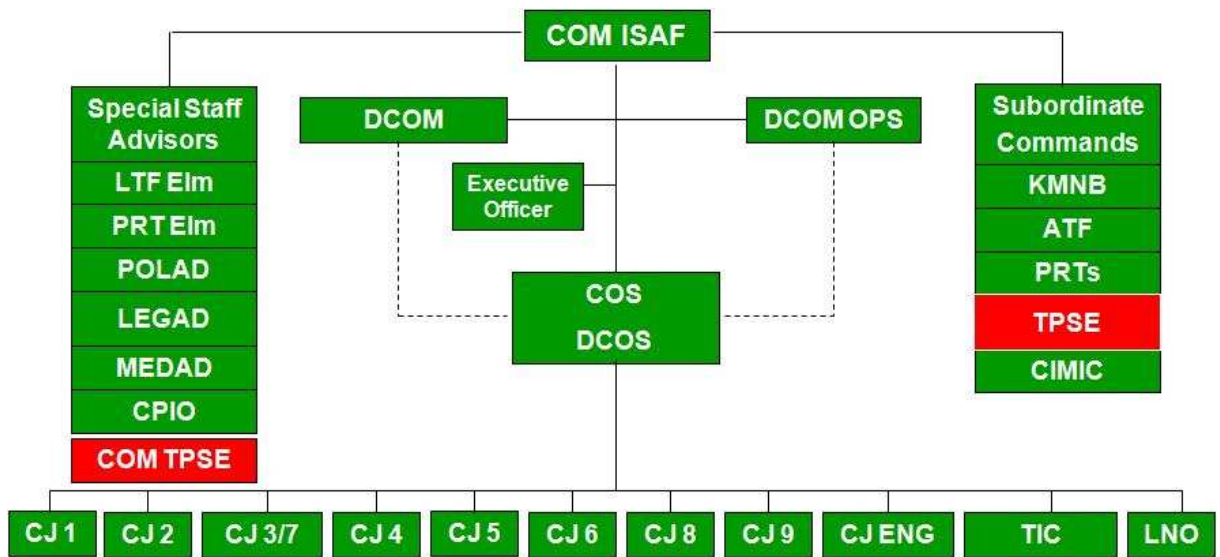
Seria uma mais-valia se existisse maior coordenação entre as partes.

P10 - Na sua opinião, a condução de operações psicológicas contribuiu para apoiar as forças de manobra e alcançar os objectivos da ISAF IX?

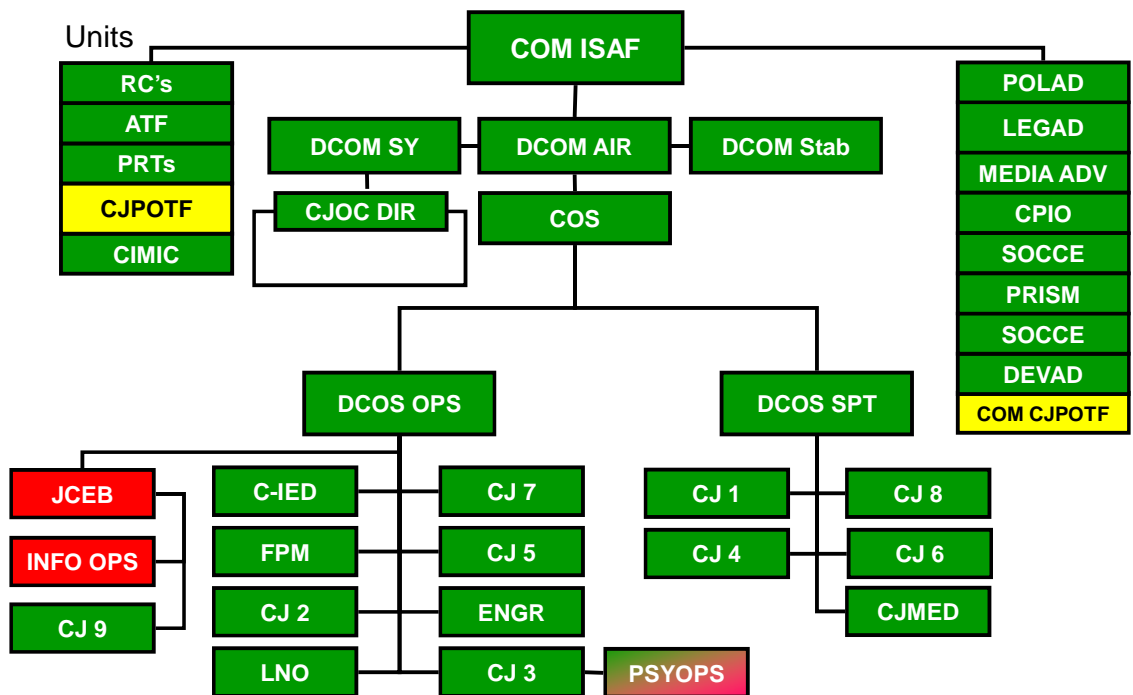
São fulcrais para o cumprimento da missão da ISAF.

ANEXO E – CONSTITUIÇÃO DA ISAF

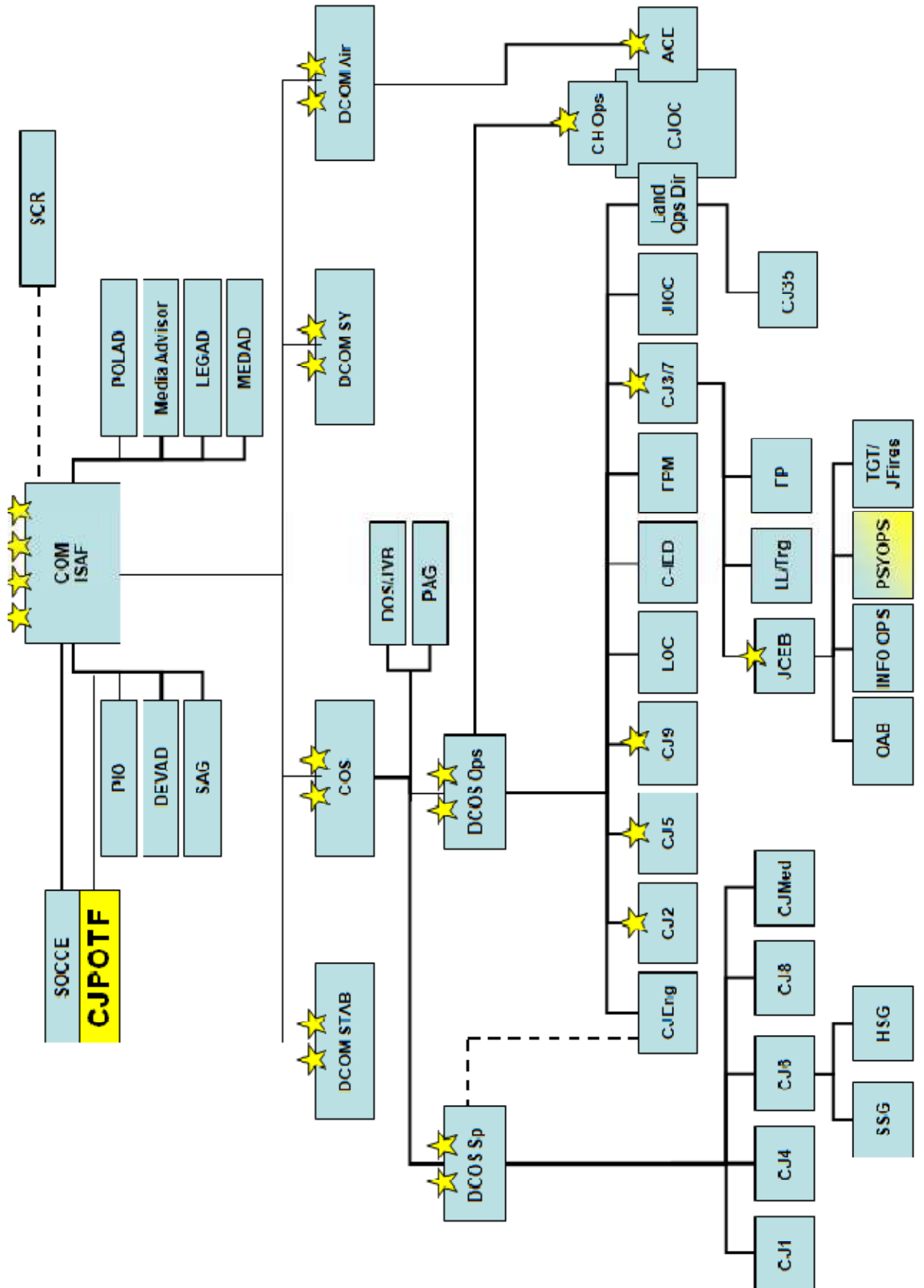
E1 – ISAF VII



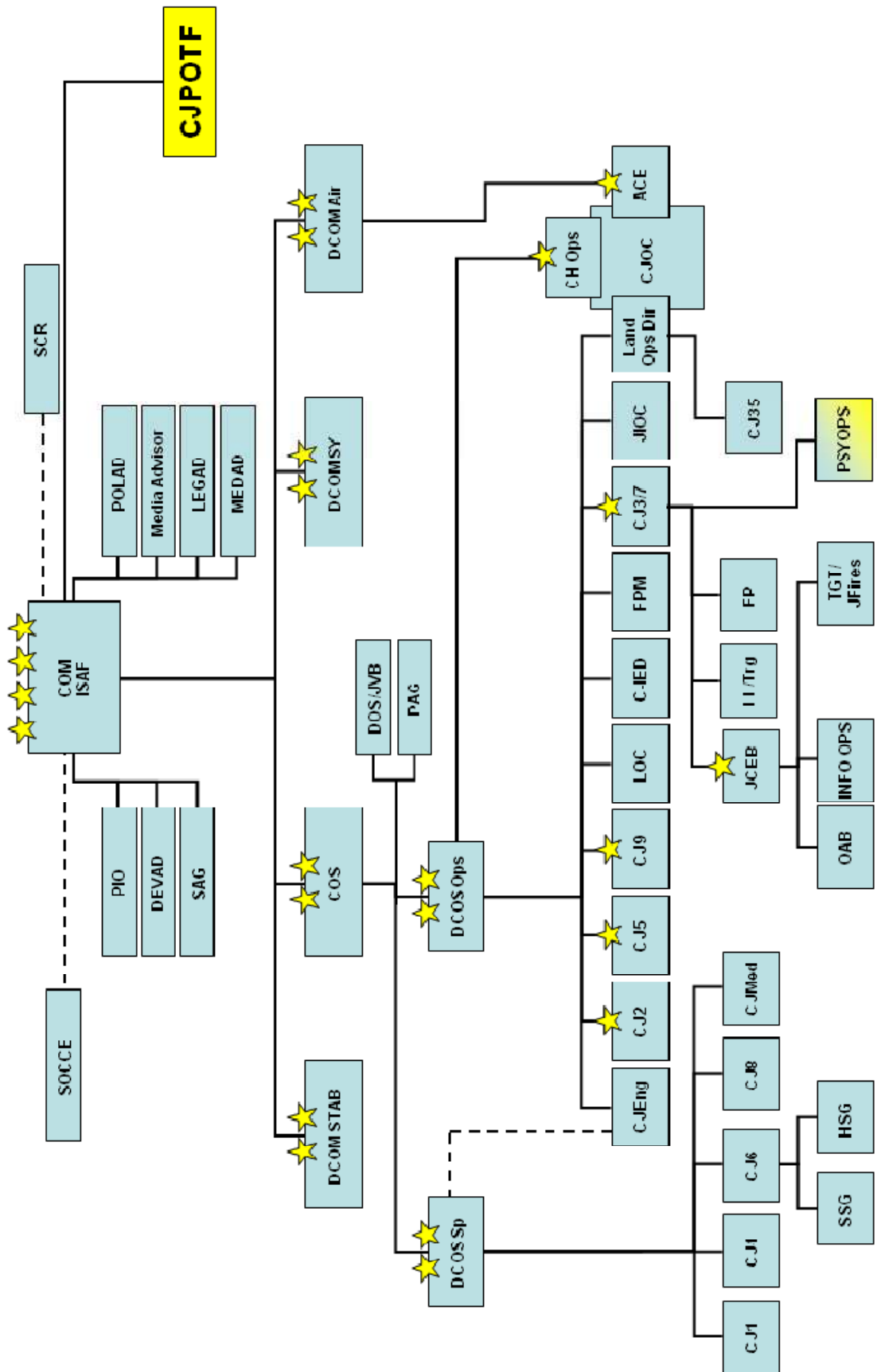
E2 – ISAF IX



E3 – ISAF X

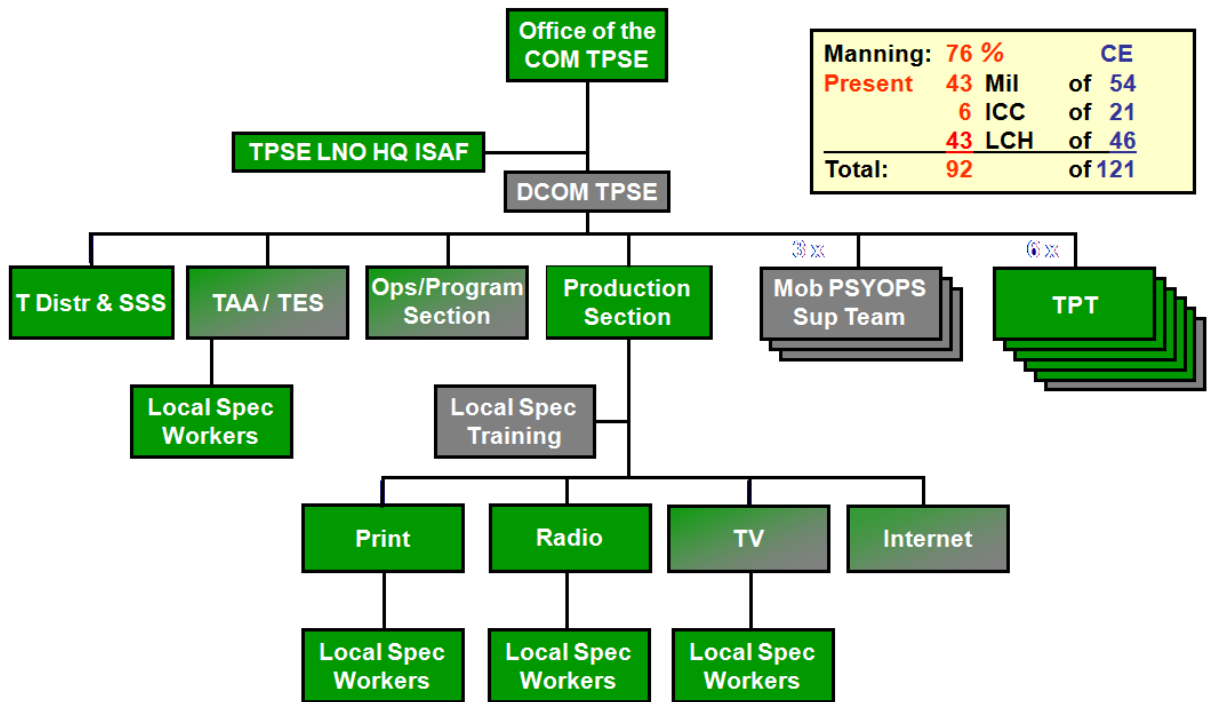


E4 – ISAF XI

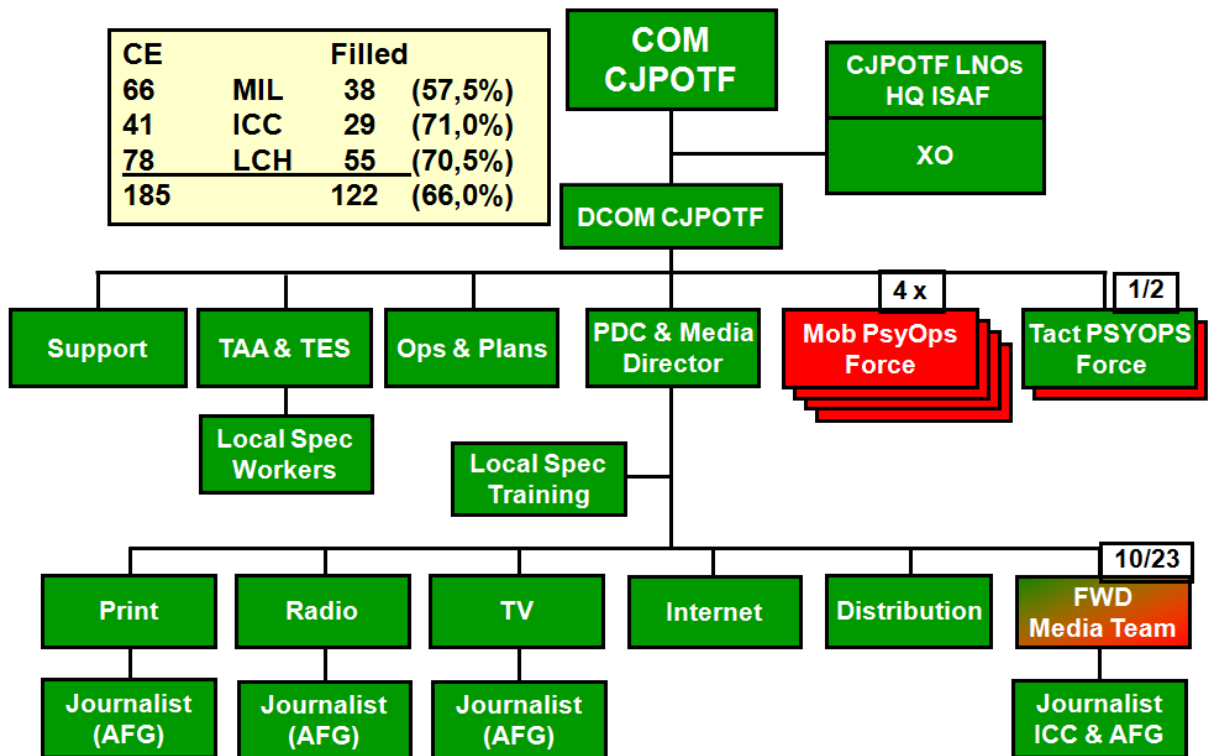


ANEXO F – CONSTITUIÇÃO DA CJPOTF

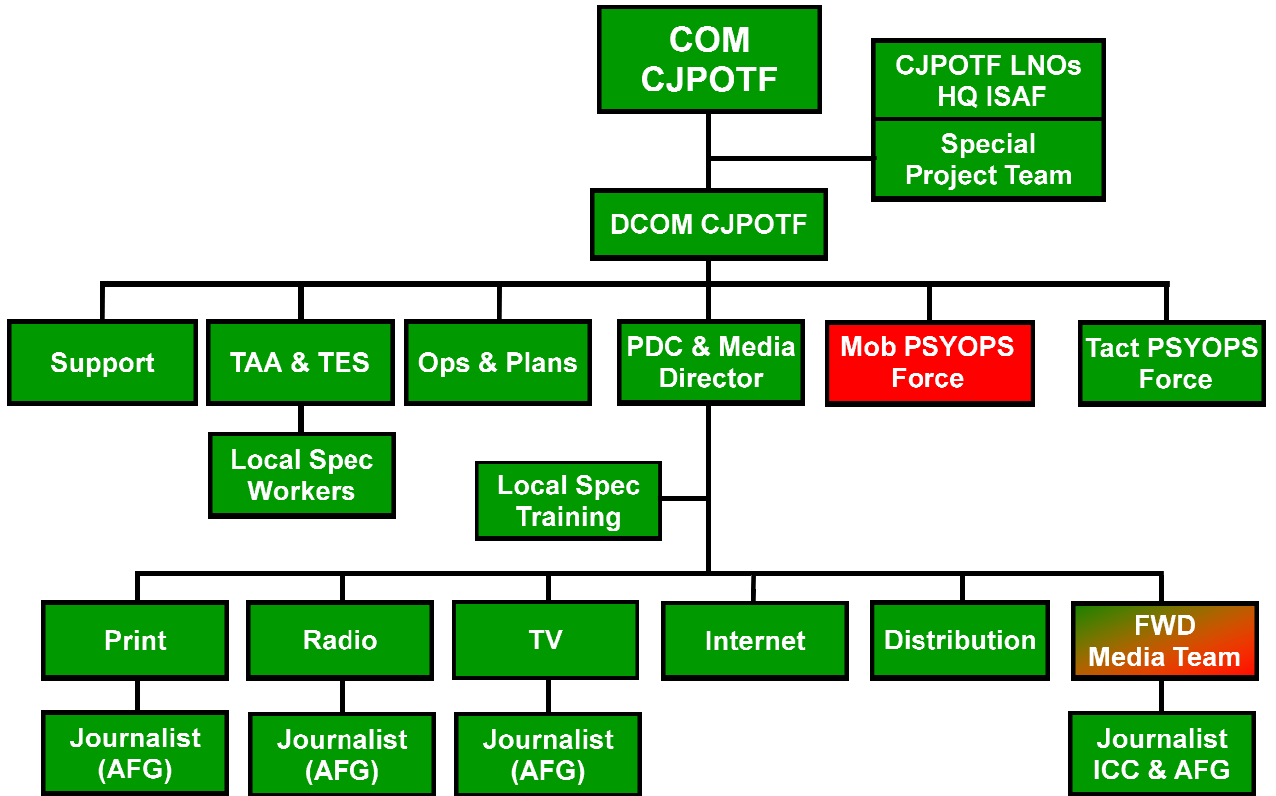
F1 – ISAF VII



F2 – ISAF IX



F3 – ISAF X e XI



ANEXO G – O CICLO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTOS

Para que uma variedade de objectivos planeados e inopinados fossem alcançados, a CJPOTF desenvolveu uma série de meios e de produtos para influenciar as percepções, atitudes e comportamentos das suas TA: a população local de todos os grupos étnicos; os líderes da opinião afegã e comunicadores-chave (como os anciãos ou líderes tribais); os líderes e membros de grupos armados e outros grupos actuantes na AOO contra o GOA e a ISAF (CJPOTF, 2007). Os produtos apresentados às TA eram fruto de um ciclo de desenvolvimento e produção que visava conseguir o produto mais adequado para cada situação.

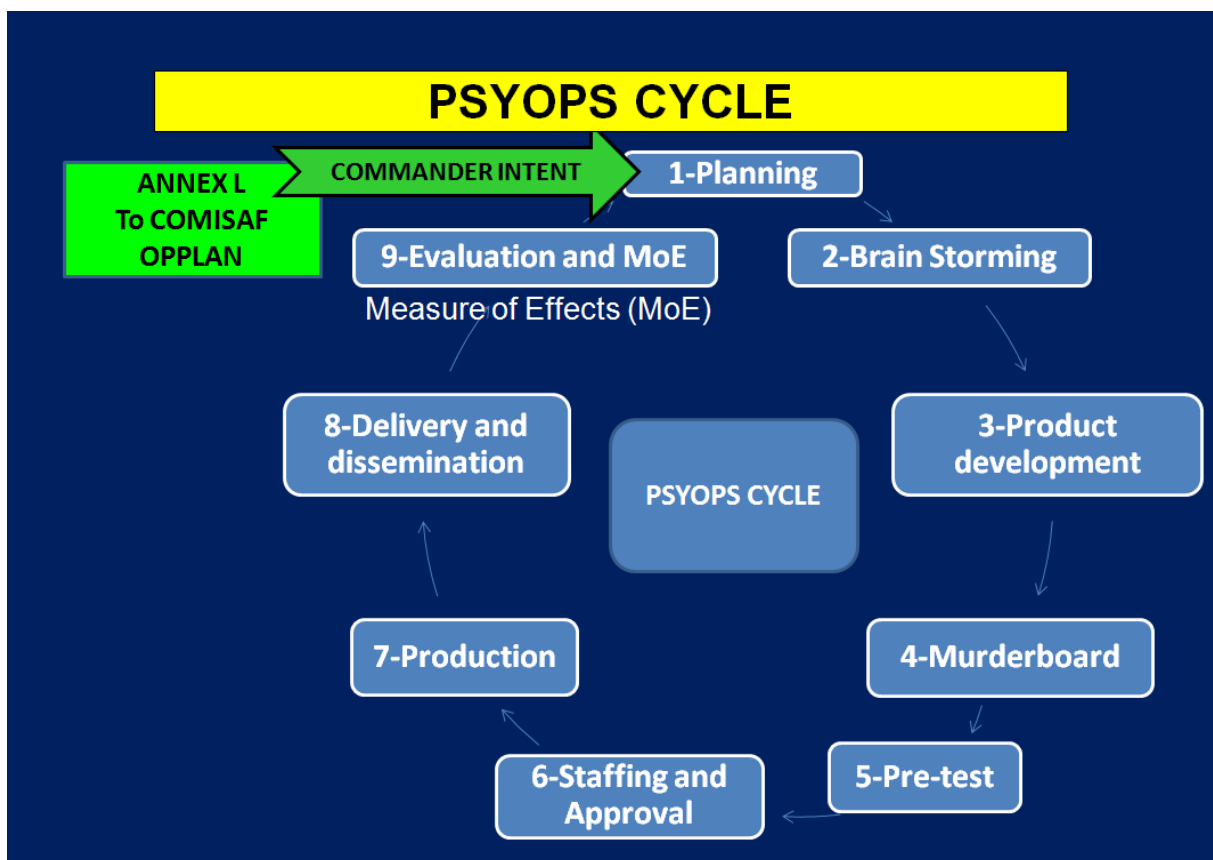


Figura 21: Ciclo de Desenvolvimento de Produtos de PSYOPS²⁸

De uma forma geral, o ciclo de desenvolvimento²⁹ (ver anexo G) iniciava-se por iniciativa da CJPOTF prosseguindo os objectivos e cumprindo as missões atribuídas no SUPLAN, ou a partir de uma situação específica inopinada que exigia com urgência a intervenção de PSYOPS. O planeamento inicia-se numa directiva do *Joint Coordination Effect Branch* (JCEB) que define claramente os efeitos pretendidos. Essas directivas seguem para a secção OPS&PLANS (ver organização da CJPOTF no anexo E) que é a secção responsável

²⁸ Imagem gentilmente cedida pelo Capitão Gilberto Lopes.

²⁹ Exposto segundo o Capitão Gilberto Lopes e o Tenente-Coronel Ramos Vieira conforme entrevista nos anexos D2 e D3.

por planear as missões futuras e fazer a constante actualização do SUPLAN. Durante o planeamento inicial, surge a fase do *brainstorming* em que todas as secções da CJPOTF fornecem inputs para o desenvolvimento do produto. Do produto idealizado neste *brainstorming*, coordenado pela secção OPS&PLANS, é desenvolvido um “protótipo” que é submetido a uma *murderboard*³⁰.

Se o produto superar o *murderboard*, são produzidos alguns exemplares iniciais para serem submetidos a um pré-teste pelas TPT. As TPT, vão dirigir-se a uma amostra da TA³¹ e sem darem qualquer explicação prévia, vão interrogar os elementos da amostra sobre a percepção inicial do produto e sobre o significado que deduzem do mesmo. Se as percepções e deduções da amostra corresponderem ao que foi idealizado durante a sua produção, o produto segue à próxima fase, ou seja, é elaborado um relatório do pré-teste e o produto é submetido a aprovação do Comandante da CJPOTF, que conforme o produto, o submete posteriormente a aprovação superior³².

Aprovado o produto, é iniciada a sua produção nas quantidades necessárias à sua disseminação pelas subsecções da secção MEDIA conforme o tipo (TV, RADIO, PRINT). Se houver necessidade, a CJPOTF pode recorrer à contratação de empresas civis para ajudar a produzir o produto, a transportá-lo para o local de disseminação, ou mesmo, a disseminá-lo, sendo as actividades relacionadas com a distribuição e disseminação supervisionadas pelo *Theatre Distribution Manager* (TDM). Após e durante a disseminação, era elaborado ao nível dos RC, um relatório sobre os efeitos obtidos e enviado à CJPOTF para que fossem comparados com os efeitos desejados e daqui extraídas conclusões.

Quanto aos produtos vocacionados para os objectivos das diferentes linhas de operação, estes dependiam do meio utilizado e variavam entre os produtos TV (fundamentalmente spots televisivos relacionados com assuntos específicos ou actividades ISAF), os produtos RADIO (com vários spots rádio emitidos em várias estações, mas com destaque para a estação rádio da ISAF a *Sada-e-Azadi*³³, cuja emissão era desenvolvida pela CJPOTF e que para além de disseminar produtos da ISAF, garantia também alguma interacção com a população) e produtos PRINT (dos quais se destaca o jornal de publicação quinzenal e disseminação gratuita, mas também panfletos e cartazes).

³⁰ Método de avaliação da qualidade do produto inicial que se desenvolve através da formulação de críticas passíveis de anular o desenvolvimento desse produto. Havendo uma crítica suficientemente forte para avaliar negativamente o produto este volta à fase anterior; se o produto superar a *murderboard*, passa à fase seguinte.

³¹ Não aplicável a TA hostis.

³² É necessária a autorização do COMISAF para o Jornal Sada-e-Azadi, cartazes a disseminar por todo o território, spots televisivos ou assuntos sensíveis.

³³ “Voz da Liberdade”

ANEXO H – PRODUTOS DAS VÁRIAS LOP DA CJPOTF³⁴

H1 – SEGURANÇA



Figura 22: Panfleto: Prevenção contra IED



Figura 23: Panfleto: Reportar IEDs à polícia

³⁴ Os produtos apresentados estão disponíveis em www.sada-e-azadi.net. Este site é também um produto do CJPOTF, desenvolvido pela secção INTERNET.

**LTC Manhenke
Leader PRT Feyzabad**

The ISAF PRT is conscious of the fact that dispensing with drug cultivation means an economical hardship to many people in Badakhshan. In close co-operation with the aid organizations it is going to present alternatives to drug farming. Therefore it will give advice and aid to improve the infrastructure of your province and it is going to help you to develop alternative livelihoods. This will not come overnight. It will be a challenging process, which will be steadily improving your situation. The production and smuggling of drugs are criminal acts. They will offer no future. Mutual respect and trust is the base for a fertile cooperation."

**Monji Abdul Manjid
Governor of
Badakshan Province**

To enforce this historic decision the Government of Afghanistan has established a counter narcotic task force. This task force along with the regional authorities will protect you from the danger by the confiscation of illegal drugs, bad money and the destruction of poppy fields.

The International Community - including the International Security Assistance Force - supports this vital decree. Together with you we are going to reconstruct your beautiful country.

The ISAF Provincial Reconstruction Team (PRT) in Feyzabad consists of German, Danish and Czech soldiers and representatives of civilian aid organizations. It supports the legal Afghan authorities in Badakhshan to provide a safe and secure environment.

The destruction of the drug infrastructure is not part of the ISAF PRT responsibilities, while the PRT agrees with the Afghan government's fight against drugs as an important process for the new Afghanistan.

ISAF
نیروی ایتحاری

To the citizens of Badakhshan!

Your government has prohibited the farming, the production and the smuggling of drugs and President Karzai announced:

"Opium cultivation, heroin production is more dangerous than the invasion and the attack of the Soviets on our country, it is more dangerous than the factional fighting in Afghanistan, it is more dangerous than terrorism. Just as our people fought a holy war against the Soviets, so we will wage jihad against poppies."

Number:

Figura 24: Trifold: Combate ao Narcotráfico³⁵

FM 88.5 MHz
صدای آزادی
ISAF News
دآزادی غر

Page no 1 ISSUE NUMBER - 110 June 28, 2006/ ۱۳۸۵ هجری لمریز کال دسرطان دمیشنی لاینه

**دمخدره توکو دشبکو دله منخه ورلو لپاره
سیمه ایزو مرستو ته اړ تپاده**

**Regional help needed to smash
drug networks**

**جهت درهم کوبیدن شبکه های مواد مخدر
به همکاری منظوقی نیاز است**

رهبران افغان به خاطر رهایی کشور از تجارت مشر مواد مخدر کسک کشور های همجواری افغانستان را خواستگار گردیده اند. مامورین میگویند تا باقیبران مواد مخدر به خاطر کسب منقمت از این تجارت منحوس شان نشدند در اهر تکب میشوند.

از هاید حاصله از مواد مخدر جهت تمویل اضمال تحریکاتراه استفاده بعمل آمده و در نتیجه آن تعداد زیاد از افغان مصوم زنده گی شانرا از دست میدهند.

محترم حامد کرزی رئیس جمهور افغانستان درماه روان اظهار داشت که در افغان ولسمشر مناظر - حامد کرزی - به روانه

Afghan leaders have appealed for help from Afghanistan's neighbours to purge the country of the "evil" opium trade. Officials say that drug barons are becoming increasingly violent as they seek to protect their illicit trade. Coupled with drug profits being used to fund the insurgency campaign, and the result has been scores of innocent Afghans being killed because of the drug scourge.

افغان رهبران مخدره توکو خغه دزیلمس سوادگری دهبواد د خلاصون به موخه د افغانستان دکامونديو هبوادونو دمرستی غوښته کړيد. مامورین وایی د مخدره توکو لپرومونکی ددی زبلمس سوادگری خغه د کش د لاسه راوړو به خاطر په تاوتریخوالي لاس پوری کوی د مخدره توکو طبه دتر لاسه شوپو پیسو خغه په ورفکارو کارونو کي گته اخستل شوی او په پایله کي یو زیات شمیر بی گناه افغانان خیل ژوند له لاسه ورکوی.

Figura 25: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 110: Combate ao Narcotráfico

³⁵ Amavelmente cedido pelo Tenente-Coronel Ramos Vieira



Figura 26: Panfleto: Promoção do ANA

مولوي: ځانمرگه بریدونو نه داسلام پر خلاف

Mullawi: Suicide bombings against Islam

مولوي: حملات انتحاری علیه اسلام

مولوي سيد محمد رئيس شورا اسلامي کندهار مي گويد از نگاه مذهب هيچ توجیه برای حملات انتحاری وجود ندارد.

بيشتر از ۱۵۰ تن از افراد بی گناه ملکی افغان در سالجاری در نتیجه حملات انتحاری کشته شده اند و مولوي سيد محمد عقیده دارد که تعداد از مرتکبین این حملات شاید قريب داده شده اند که گویا این یک عمل نیک بوده است.

وي تاکید نمود که در اسلام و قرآن عظیم الشان برای این چنین جنایات هيچ مشروعیت وجود ندارد. هيچکس اجازه ندارد تا از نام اسلام برای حملات انتحاری استفاده نماید. اگر بعضی ها ميگویند این کار در اسلام جواز دارد وي از اسلام تعبیر نادرست گرفته است.

کشتن جان خود در اسلام مردود است و نزد خداوند (ج) نیز یک عمل ناپسند میباشد.

این اظهارات مولوي محمد بعد از حمله انتحاری شهر کندهار که در آن خود انتحار کننده، یازده تن افراد ملکی و یکتن از سربازان آیسا ف کشته شد، صورت گرفت.

حامد کرزی رئیس جمهور افغانستان این حمله تروریستی را محکوم نموده گفت: دشمنان مردم افغان آن اشخاص را به شهادت رساندند که روزه بردن

There is no justification within religion for suicide attacks, according to Kandahar Islamic Council's director Mullawi Sayeed Mohammad.

More than 150 innocent Afghan civilians have died this year from callous suicide attacks and Mullawi Mohammad believes some of the perpetrators might have been misled into thinking it was a moral act.

He stressed: "There is no justification in Islam and the Quran for these crimes."

"No one is allowed to use the name of Islam to do a suicide bomb attack.

"If someone says that it is allowed in Islam, this person is misinterpreting the teachings of Islam.

"Killing yourself is also forbidden in Islam and disliked by almighty Allah."

Mullawi Mohammad's call comes soon after a suicide bomber detonated himself in Kandahar city, killing eight civilians and one ISAF soldier.

President Hamid Karzai condemned the terrorist attack

"The enemies of the Afghan people martyred the people

دکندهار داسلامی شورا رئیس مولوي سيد محمد وايي د مذهب له پلوه د ځان مرگي بریدونو لپاره هيچ توجیه نشته.

په روان کال کې د ځانمرگه بریدونو له لامله تر ۱۵۰ تنو زیات بی گناه کسان وژل شوي او مولوي سيد محمد په دې باور دی چې ددې بریدونو ځینی ترسره کوونکی تیروتنی چې گواکي دایو بده عمل دی.

نوموړی ټینگار وکړ چې دا وژني په اسلام او قران عظیم الشان کې هيچ جواز نه لري، هيڅوک اجازه نلري ترڅو په ځانمرگه بریدونو کې د اسلام نوم څخه گټه ولخلي.

که چیرې څوک وايي دا کار په اسلام کې جواز لري هغوی د اسلام څخه سم تعبیر نه دی کړی.

"د خپل ځان وژنه په اسلام کې منع ده او د خدای (ج) په وړاندې ناڅوښ کار دی."

مولوي محمد داڅرگندونې دکندهار دمار دځانمرگي برید وروسته وکړی چې په هغه کې خپله ځانمرگي برید کونکی، پولس تنه ملکی وکړی او یو تن د آیسا ف سربري وژل شول.

حامد کرزی داتر هکړی برید غندلی او ویی ویل: "د افغانستان د خلکو دښمنانو هغه کسان په شهادت ورسول چې روژی یی په خوله او دخپلو کورنیو لپاره په کار بوخت وو."

Figura 27: Artigo do jornal Sada-e-Azadi nº 118: Ataques suicidas vs Islão

H2 – DESENVOLVIMENTO

از کشور خود، آیساف و افغانستان حمایت نمائید! دخیل هېواد، آیساف او دافغانستان څخه ملاتړ وکړئ!



این به شما
مربوط
است!
داپه تاسو
پورې
اړه لري!

تولو ته د یوې ښې راتلونکې په لور مرسته وکړئ!
دراه یك آینده بهتر برای همه کمک کنید!

ISAF
لښک او همکارې

AF.LG.1.aa.BB.0007.DP

Figura 28: Panfleto: Reconstrução do Afeganistão

از کشور خود، آیساف و افغانستان حمایت نمائید! دخیل هېواد، آیساف او دافغانستان څخه ملاتړ وکړئ!



این به شما
مربوط
است!
داپه تاسو
پورې
اړه لري!

خپلو ماشومانو ته د ښې راتلونکې د جوړولو لپاره مرسته وکړئ!
برای ایجاد یک آینده بهتر به اطفال تان کمک کنید!

ISAF
لښک او همکارې

AF.LG.1.aa.BB.0007.DP

Figura 29: Panfleto: Futuro do Afeganistão

از کشور خود، آیساف و افغانستان حمایت نمائید! دخیل هېواد، آیساف او دافغانستان څخه ملاتړ وکړئ!



این به شما
مربوط
است!
داپه تاسو
پورې
اړه لري!

یوځل بیا دخیل کلتور څخه خوند واخلي!
بیکار دیگر از کلتور تان لذت برید!

ISAF
لښک او همکارې

AF.LG.1.aa.BB.0007.DP

Figura 30: Panfleto: Reconstruir o Afeganistão

خلکو ته روغتیایي پیغام

PUBLIC HEALTH MESSAGE

پیام صحتی برای مردم

سینه بغل

دسپرو ونبلو لاملونه

Pneumonia THE GOLD FACTS

سینه بغل

علل سرما خورده گی



په دې وروستو کې د بدخشان ولایت د خام یک په کلي کې پنځو تنو ماشومانو د سینه بغل ناروغۍ له امله خپل ژوند له لاسه ورکړ. دا چې دا هغه ډول ناروغۍ ده، د هرېکوال په خلکه یې د آزادي، غم معلومات وړاندې کوي.

FIVE children recently died from pneumonia in Badakhshan's Khamyak village. Here Sada-e-Azadi explains what the illness is.

هیرا پنج طفل از اثر مرض سینه بغل در فریه خام یک ولایت بدخشان زندگی شانرا از دست دادند. صدای آزادی در مورد اینکه این بیماری چیست، توضیحات ارائه میدارد.

سینه بغل هه څه ده؟
سینه بغل د سږو په نسج کې د یوه میکروب او یا پارسوب شتوال دی (لکه هرڅه چې په مگس او انځرې کې شودل شوی). دا ناروغۍ د راز راز میکروبیونو (باکټریو اورگانیزمونو) لکه وېروسونه، باکټریا، شنجې او پزایتونو لخوا چې ډیر کوچنې او د لېدو وړ ندې رامنځته کېږي. لا هم سینه بغل چې یوه معمولې ناروغۍ ده له امله یې بیا یې هر کال یو شمېر زیات خلک خپل ژوند له لاسه ورکوي.

What is pneumonia?
Pneumonia means there is an infection or inflammation in the lung tissue (as shown in the graphic and X-ray). It can be caused by a lot of different micro-organisms such as viruses, bacteria, fungi and parasites that are too small to see. Pneumonia is still a common disease and many people die from it every year.

سینه بغل چیست؟
سینه بغل به معنی موجودیت یک میکروب و یا التهاب در نسج شش میباشد (ظهوریکه در تصویر و انگری نشان داده شده). این بیماری از اثر میکروبیها (مایکروباورگانیسم های) مختلف چون ویروس ها، باکتریها، فنجی و پزاییت ها میمان آمده که بسیار کوچک و قابل دید نمیباشند. سینه بغل هنوز هم یک مرض معمولی بوده و همه ساله ممکن تعداد زیاد مردم زندگی خویش را از اثر آن از دست دهند.

هرڅه د سینه بغل په ناروغۍ اخته کېږم؟
دا ناروغۍ معمولاً هغه مهال رامنځته کېږي کله چې تاسو میکروبیونه تنفس کوئ.

How do I get pneumonia?
Infection usually occurs when you breathe in the micro-organisms.

چگونه به بیماری سینه بغل مصاب میشوم؟
این بیماری معمولاً زمان واقع میگردد که شما میکروب ها را تنفس نمائید.

د دې ناروغۍ نښې نښانې هه دي؟
باکټریایي کلاسیک ډولنه سینه بغل سمدلاسه د دغو نښو نښانو لکه لږزه، تبه، د سښې خوږ او توهې سره پیل کېږي. لومړی توهې وچ وي، خو بیا دوه ورځې وروسته ناروغ د توهې سره د پنځو په اچولو پیل کوي. د ناروغ بغلم معمولاً ژېر رنگه، د وینې سره گډ او یا سور رنگ لري. معمولاً ناروغ ژر او لنډه لنډه سا کاري.
ناروغ ژر ژر سا وینسي او د هغوي د شندبو او نوکلور رنگ شپږ کېږي. ناروغ په ژوره توگه د سا اېستلو او یا توهې سره د خوږ احساس کوي. بیا یې دا هغې پردې ته چې سږي یې پوښلي د پارسوب د لېږدېدو نښې نښانې وي. همدا شان د ناروغ شونډې وي.
که چېرې تاسو په خطرناکه رڼام اخته شئ او هغه نښې نښانې چې پورته وویل شوي ولیدل شي، مهمه ده خو د درملنې په اتمه کې شئ.

What are the symptoms?
Classic bacterial pneumonia starts suddenly with shivering fits, fever, pain in the chest and coughing. The cough is dry at first, but in a day or two the person starts to cough up phlegm. The phlegm is usually yellow, bloodstained or rust-coloured. Breathing is typically fast and shallow. The infected person may gasp for air and their lips and nails may turn a blue colour. It hurts to breathe in deeply or cough. This may be a sign that the inflammation has spread to the membrane that covers the lungs. There may also be a serious outbreak of cold sores around the mouth. If you catch a cold that doesn't seem to go away, or you recognise the symptoms mentioned above, it is important to seek medical advice.

اعراض و علامتې این بیماری کدام اند؟
سینه بغل کلاسیک باکتریایی بلافاصله با علامت از قبیل لرزه، تب، سینه درد و سرفه آغاز میگردد. در نخست سرفه خشک بوده لیکن در یک یا دو روز شخص مریض شروع به سرفه توام با بلغم مینماید. بلغم مریض معمولاً زرد رنگ خون آلود و یا دارای رنگ سرخ میباشد. تنفس مریض معمولاً سریع و کوتاه، کوتاه میباشد. شخص مریض زود زود تنفس هوده و لب و ناخن های مریض ممکن شکل سبز رنگ را بخود اختیار نماید. مریض هنگام تنفس عمیق ویا سرفه احساس درد مینماید. این ممکن علامت سرایت التهاب به غشاء باشد که غشها را پوشانده است. همچنان اطراف دهن تب، خال های شدید ظاهرگردیده میشوند.
در صورتیکه شما به سرما خوردگی مزمن مصاب شوید ویا علامت را که در فوق ذکر گردید محسوس نمائید، مهم است تا در صدد معالجه شوید.

کدم کسار، دد، نه سینه بغل، اخته ک، ۹۰۰

Figura 31: Artigo de Jornal Sada-e-Azadi nº 150: Pneumonia

دختران مشت زن رویاهای المپیک دارند
Boxing girls hold Olympic dreams
 سوک وهونکي نجوني د المپیک لپاره هیلې لري



د کابل ولایت د تنکو نوموتو یوه ډله په پام کې لري. غوږ افغانستان د نښه سوک وهونکو لومړی ټیم وگرځي.
 د سوک وهلو د فدراسیون د رئیس دین محمد پاینده اختری په وینا، هغه د پاسه ۱۵ تنه نجونې د کابل په ورزشي لوبغالي کې په بهرین بوخت دي. نوموړې ځواکي چې ډیر ژر سیالۍ پیل کوي، ښاغلي اختری زیاته کړه چې سوک وهل، نجونو سره د ډاډ او په خپل ځان د باور د ترلاسه کولو په موخه مرسته کوي.
 ۱۵ کلنه شبنم رحیم چې یو کال وړاندې یې سوک وهل پیل کړي، آزادي، غږ ته وویل: "د تره زوی کې چې د خانله څخه راغلی و، د سوک وهلو ورزش ته وهڅول. زه د سوک وهلو دې کلب ته راغلم او اوس یوه ښه سوک وهونکې یم. نوموړې زیاته کړه چې زما مور او پلار د دې نوي کسب څخه ملاتړ

A GROUP of teenage girls from Kabul are aiming to become the first women's boxing team in Afghanistan.
 About 15 girls practice in Kabul stadium, according to Din Mohammad Painada Akhtari, head of the National Boxing Federation.
 "Boxing has helped the girls gain confidence and self-respect," Akhtari said.
 Shabnam Rahim, 15, who started boxing a year ago, told Sada-e-Azadi: "One of my cousins came from Holland and he encouraged me to start boxing. I came to this gym and now I'm a good boxer."
 Rahim said her parents support her new hobby.

یک گروه از دختران نوجوان ولایت کابل در نظر دارند تا به نخستین ټیم مشت زن افغانستان مبدل گردند.
 په گفته دین محمد پاینده اختری رئیس فدراسیون مشت زن، حدود ۱۵ تن دختر در ستدیوم ورزشي کابل مشرف بهرین لستند. نامبرده میخواند تا هرچه زودتر مسابقات را آغاز نماید. آقای اختری افزود که مشت زن دختران را در کسب اعتماد و احترام به خویش کمک میکند.
 شبنم رحیم ۱۵ ساله که یکسال قبل مشت زن را آغاز نموده است به صدای آزادي گفت: "یکی از پسران کانام که از کشور هالند آمده بود مرا به آغاز ورزش مشت زن تشویق نمود.
 من به این کلب مشت زن آمده و حال یک مشت زن خوب لستم." موصوفه

Figura 32: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 147: Dar Esperança

ستوری سرسبز

Cricket's spin king

د کرکټ سټر باچا

Name: Muralitharan.
 Date of birth: April 17, 1972.
 Occupation: Professional cricketer.
 Home life: Married to Indian Madhumalar Ramamurthy. The couple has one child.
 Fact file: Sri Lanka's Muralitharan, known un-

اسم: موری موری دن
 تاریخ تولد: ۱۷ اپریل ۱۹۷۲
 پیشه: ورزشکار مسلکي کرکټ
 زنده گی خانوادگی: یا مدهی مالم رامامورثی از کشور هند ازدواج نموده است.
 این زوج یک طفل دارند.

نوم: مورتیه مورثی دن
 د زیږېدو نېټه: د ۱۹۷۲ کال د اپریل د مياشتې ۱۷مه
 دنده: دکرکټ مسلکي لوبغاړی
 کورنۍ ژوند: له یوې هندي، مدهی مالم رامامورثی سره یې واده کړی
 دا جوړه یو ماشوم لري.
 د ژوند واقعیت: سریلانکایی موری موری په نړۍ کې یه مورثی سره شهرد

Figura 33: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 154: Dar Esperança

H4 – CAPACIDADES E INIBIDORES DA ISAF



یک روز تاریخی برای افغانستان و ناتو

A 'historic' day for Afghanistan and NATO

د افغانستان او ناتو لپاره یوه تاریخی ورځ

آیساف د افغانستان په ختیځ کې د نړیوالې امنیتي عملیاتو قوماندلی په لاس کې اخیستی او د ناتو د سرله ساتو ځواکونو هڅې به ټول هیواد ته وغزول شي. پر ودې او بیا رغاونې پلټنې د ټینګار کولو په ترڅ کې د آیساف د عمومي قوماندان نښوید ریچارډز د امراسمېو تاریخي پیښه وپیلله. هغه زیاته کړه: "د ټاکل د ناتو او د هغه د نړیولو ملګرو د دې ستر هیواد د راتلونکې لپاره، یو تل پاتې ژمنه څرګندوي. د اکتوبر د میاشتې په ۱۵ نېټه آیساف د ائتلاف د ځواکونو څخه د امنیتي عملیاتو ماموریت ترلاسه کړ.

څه نا څه ۱۰۰۰۰ امریکایي سرتیري به همدا اوس په ختیځ کې د سیمه ییزه قوماندې تریبون لاندې خپل ماموریت ترسره کړي. ۸۰۰۰ امریکایي سرتیري به د هغه هیواد په مشرۍ د ترهګرۍ پر ضد فعالیتونو کې ونډه ولري. په کابل کې

ISAF has assumed command of international security operations in eastern Afghanistan – extending the NATO peacekeeping effort to the whole of the country. With the emphasis on reconstruction and development, ISAF's top commander General David Richards described the occasion as "historic". He added: "This illustrates the enduring commitment of NATO and its international partners to the future of this great country."

ISAF officially took over security operations from Coalition forces on October 5. Some 10,000 US soldiers will now carry out their mission

آیساف قوماندانې عملیاتو های امنیتي بین المللی وادر شرق افغانستان بعهده گرفته و مسامې نیروهای حفظ صلح ناتو به تمام کشور وسعت من باید. ضمن تاکید بر بازسازی و انکشاف جنرال ریچارډز قوماندان عمومي آیساف. این مناسبت را یک رویداد تاریخي عنوان کرد. وی افزود: "این کار منین تمهید پایدار ناتو همکاریان بین المللی شان برای آینده این کشور بزرگ میباشد. ماموریت عملیات امنیتي واز نیروهای ائتلاف به تاریخ ۵ ماه اکتوبر تسلیم گردید. به تعداد ۱۰ هزار سرباز امریکایی اکنون ماموریت شانرا تحت بیرو قوماندانې ساحوی شرقی انجام خواهد داد. به تعداد ۸۰۰۰ سرباز بیشتر امریکایی مصروف فعالیت های ضد ترورستی به رهبری امریکایی خواهد بود.

Figura 36: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 117: Cooperação entre ISAF e Governo Afegão



سهیل ته په غزیلو سره به آیساف خپلو هڅو ته زیاتوالی ورکړي

ISAF will 'lift its game' during southern expansion

آیساف هنگام توسعه اش به جنوب صرف مسامې بیشتر خواهد نمود

مامورین رشد ناتو از جامعه بین المللی خواست تا با آیساف که در چند روز آینده قوماندانې را از نیروهای ائتلاف در ولایات جنوب بدست بخواهند گرفت به تمهید خود متعهد باشند. با توسعه به ولایات جنوب در رقم سربازان آیساف به ۱۶ هزار تن افزایش بعمل آمده و به ماموریت شان در امر بازسازی و ایات بیشتر ادامه خواهد داد. تعداد از نیروهای ائتلاف که تحت رهبری آیساف ناتو قرار میگيرد مشتمل بر نیروهای بریتانیوی، هالندی، قطعه کانادا مستقر در ولایت کندهار و نیروهای تحت رهبری هالند مستقر در ولایت ارزگان میباشد. باب دی هوف شیفر

NATO chiefs have called for the international community to match its commitment with ISAF due to take over command of Coalition forces in the southern provinces within days. The expansion to the southern provinces will swell ISAF troop numbers to about 16,000, with a continued mandate to further construction and stability. Some of the Coalition forces to come under the NATO-led ISAF will be the British forces in Helmand, the Canadian contingent in Kandahar province, and a Dutch-led force in Oruzgan. NATO Secretary-General Jaap de Hoop Scheffer,

د ناتو او یورو چار واکو د نړیوالې ټولنې څخه وغوښتل تر څو د آیساف سره چې په ځو راتلونکو ورځونو کې به په سهیل ولایتونو کې - ائتلاف د ځواکونو څخه قوماندانې ترلاسه کړي خپلو هڅو ته ژمن وي. سهیل ته به لږ ډیر سربامه د آیساف د سرتیرو شمیر ۱۶ زرو تنونه لوچنه شوي او د بیا رغونې او ایات په برخه کې به خپلو دندو ته ادامه ورکړي. د ائتلاف د هغو ځواکونو له وای څخه چې د آیساف ناتو تر مشرۍ لاندې به ولسی د نړیوالې او هالندی ځواکونه په کندهار کې میشته کاناډایي قطعه او د اوزگان په ولایت کې د هالند په مشرۍ ځواکونه دي. د ناتو عمومي منشی باب دی هوف شیفر چې د افغانستان څخه دوه ورځې لیده وکړه د آیساف د دندو

Figura 37: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 112: Hamid Karzai apolia Expansão da ISAF



Figura 38: Novelty Items³⁶

H5 – OBJECTIVOS TEMPORÁRIOS



Figura 39: Cartaz: Expansão ao RC West³⁷

³⁶ Fotografias gentilmente cedidas pelo Capitão Gilberto Lopes.

³⁷ Amavelmente cedido pelo Tenente-Coronel Ramos Vieira

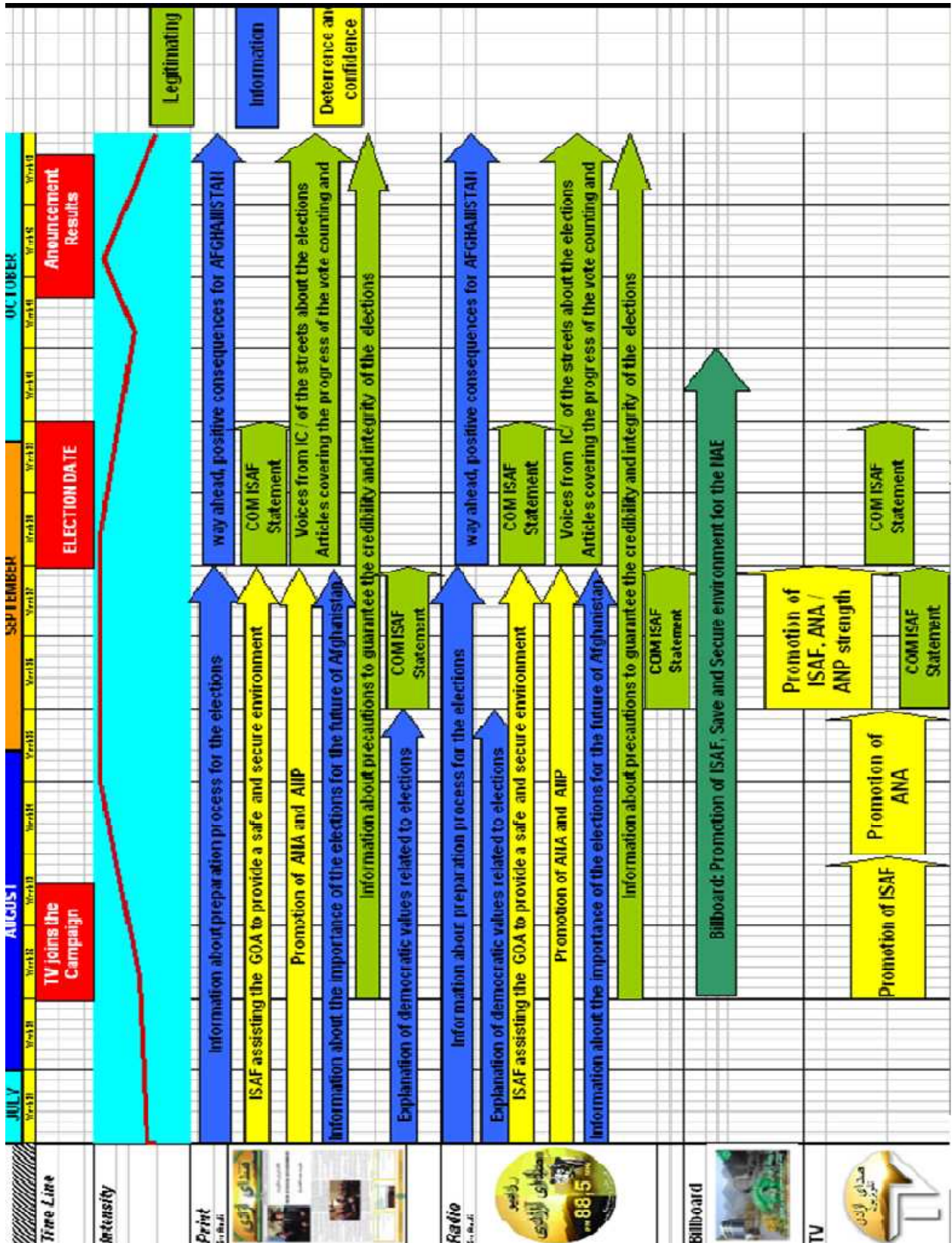


Figura 40: Matriz de Coordenação de meios da CJPTOF para o apoio às Eleições³⁸

³⁸ Gentilmente cedida pelo Tenente-Coronel Ramos Vieira



Figura 41: Cartaz: Apoio às Eleições alusivo ao desenvolvimento do Afeganistão³⁹

Lithuania ليتوانيا

Therefore, Lithuania sends their soldiers to help you.

Meet them as friends and co-operate with them for the benefit of your country. The Lithuanian soldiers are open-minded and well trained to serve for your country.

They welcome your hospitality and will give their best to support you.

By your side, they will accompany you on your way to a bright and prosperous future.



0123456789

Lithuania ليتوانيا

Together with soldiers from different countries like Italy, Spain and the United States of America, soldiers from Lithuania are following the invitation of the government of Afghanistan to provide you a safe and secure environment in your province.

Lithuania is a small country in the eastern part of Europe. The country twice declared its independent from Russia and the former Soviet Union, in 1918 and 1990.

In 2004, Lithuania joined the NATO and the European Union.

The people from Lithuania are thankful for the help they received and would now like to help the new Afghan Nation in support of the reconstruction of your country.

The reconstruction can only happen if there is a safe and secure environment.

Lithuania ليتوانيا

Honourable Residents of Ghor-Province!

The International Security and Assistance Force (ISAF) under the lead of the **North Atlantic Treaty Organisation (NATO)** will soon start expanding in the western provinces of Afghanistan.



Figura 42: Trifold: Apresentação à população das forças Lituanas que iriam ocupar a Província de Ghor durante a Expansão para OESTE.

³⁹ Fotografia gentilmente cedida pelo Tenente-Coronel Ramos Vieira

H6 – OBJETIVOS INOPINADOS

کله چې د پلني يوي پوستې ته نږدې کېږي، د موټر گړنديتوب لږ کړئ او نا منظم حرکت مه کوي. که چېرې تاسو ته د سرتېرو له خوا د درېدو او بیرته گرځېدو لارښوونه کېږي، هغه پلي کړئ، غوسه مه کړئ او یا د خپل ځان خفه کلک لږکون مه پکاره کوي. سرتېري حق اري چې داسې لارښوونې ورکړي، ناوړه چلند به تېروتنه رامنځته کړي.

هیڅ دلیل وجود نلري چې د آیساف د سرتېرو څخه ووزیرېږي. موږ دلته ستاسو د مرستې لپاره یو، موږ نه غواړو چې بېگناه خلکو ته زیان ورسو، خو موږ به د بلواکرو نه خوا د جوړ شویو کولونو په وړاندې کلک لږکون وپیلو، ترڅو د افغانانو او خپل ځان ساتنه وکړو. له یاد ونه باسي چې پر آیساف باندې د بريد موخه نه یواځې هغوي دي، بلکې تاسو او ستاسو کورنۍ هم ده.

When coming to a checkpoint, do not drive fast or erratically. If you are asked to stop or step back, follow the instruction given by soldiers. Do not get angry or act aggressively. Soldiers have the right to give such orders and aggressive behaviour may be misunderstood.

There is no reason to be afraid of ISAF soldiers. We are here to help you. We do not want to hurt innocent people, but we must strongly respond to the threats made by insurgents in order to protect you and your family.

هنگامیکه به یک پوسته نځای نږدیک می‌شوید، راننده کی تیز و یا نامنظم نه نمائید. اگر به شما هدایت توقف و یا برگشت داده می‌شود، دستور که از طرف عساکر به شما داده می‌شود پیروی کنید. آهنگ نه شوید و یا عمل شدید از خود نشان نه دهید. عساکر حق دارند چنین دستور بدهند و رفتار شدید ممکن سبب سوء تفاهم گردد.

هیچ دلیل وجود ندارد تا از عساکر آیساف هراس داشته باشید. ما اینجا بمخاطر کمک شما هستیم. ما نمی‌خواهیم که به مردم بیگناه صدمه برسائیم، مگر ما شاید علیه تهدیدات که توسط شورشیان ساخته شده است شدیداً واکنش نشان دهیم و تا اینکه مردم افغان و خود را محافظت نمائیم. فراموش نه کنید حمله به نیروهای آیساف حمله به شما و خانواده تان نیز می‌باشد.



به ویب سایت صدای آزادی تماس گیرید  دآزادۍ غږ د ویب پاڼې سره اړیکه ونیسئ

Figura 43: Artigo do Jornal Sada-e-Azadi nº 139: Comportamentos a adoptar em Checkpoint

ANEXO I – OPERAÇÃO NÓ GÓRDIO⁴⁰

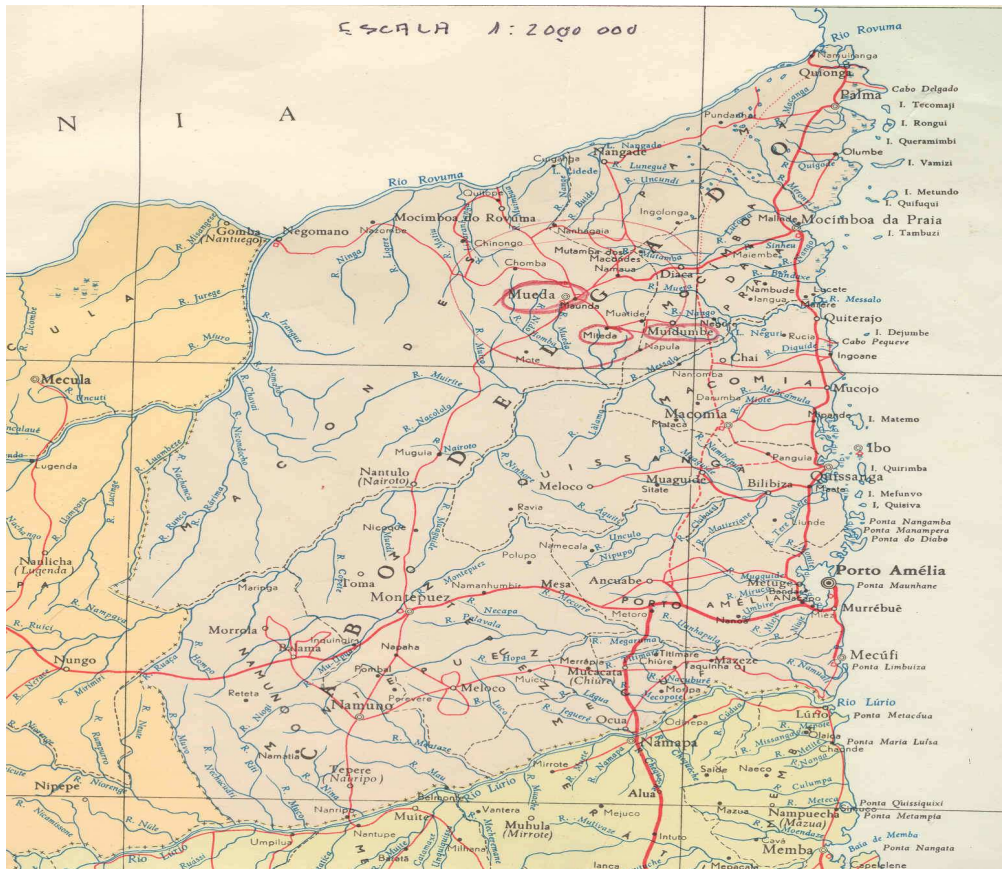


Figura 44: Mapa do Distrito de Cabo Delgado com Sinalização das Três Bases do Núcleo Central

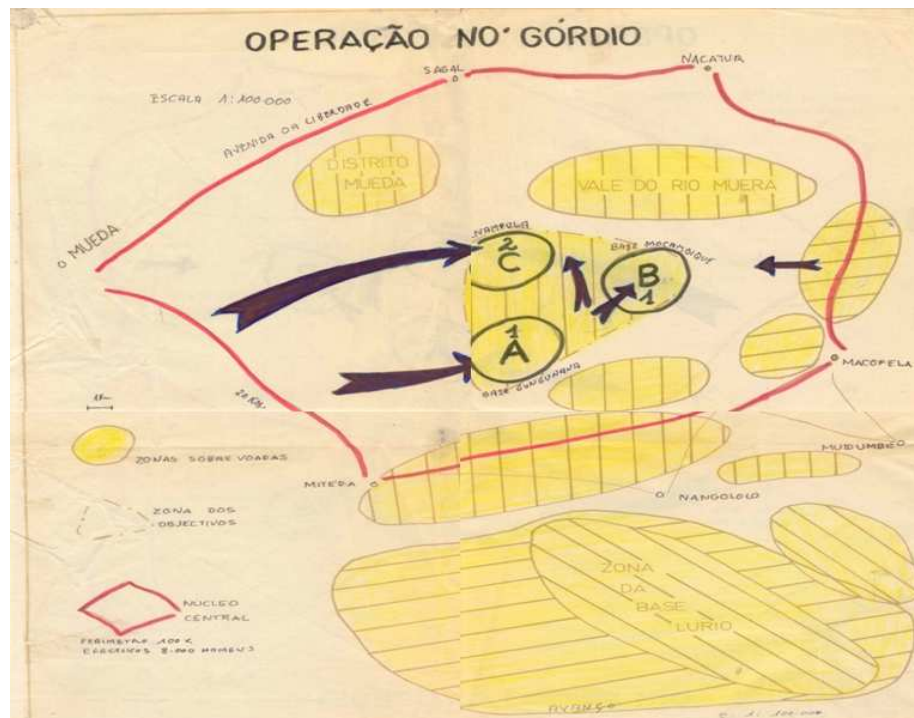


Figura 45: Plano da Acção Militar Terrestre

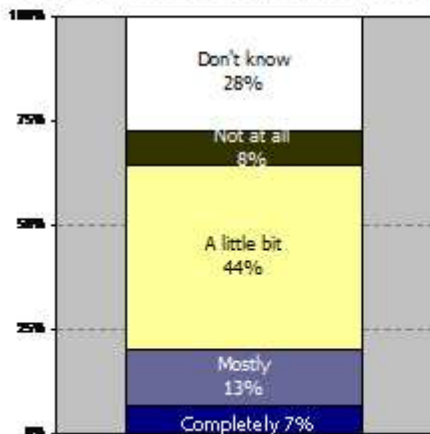
⁴⁰ Fonte: Palestra do Tenente-General Almiro Canelhas ao 6^ª Curso de Planeamento de Operações Psicológicas

ANEXO J – ESTUDOS ESTATÍSTICOS DOS INDICADORES DA EFICÁCIA DE PSYOPS DA ISAF

Foreign Forces – Belief in Information

Few Afghans said that they would completely or even mostly trust information from foreign forces.

"How much would you believe information from foreign forces?"



Interview in Paktya

Fonte: ALTAI, 2006

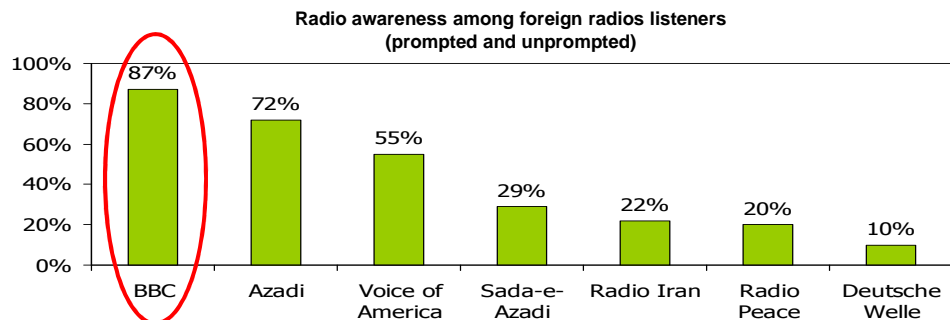
Media – Radio Awareness

MRA

Dated--Nov 2006

- Radio listeners pay more attention to international radios (90% Vs. 41% for local radios)
- Few listen to national radios (20%)
- Local radio stations' and Arman FM's audience are increasing significantly

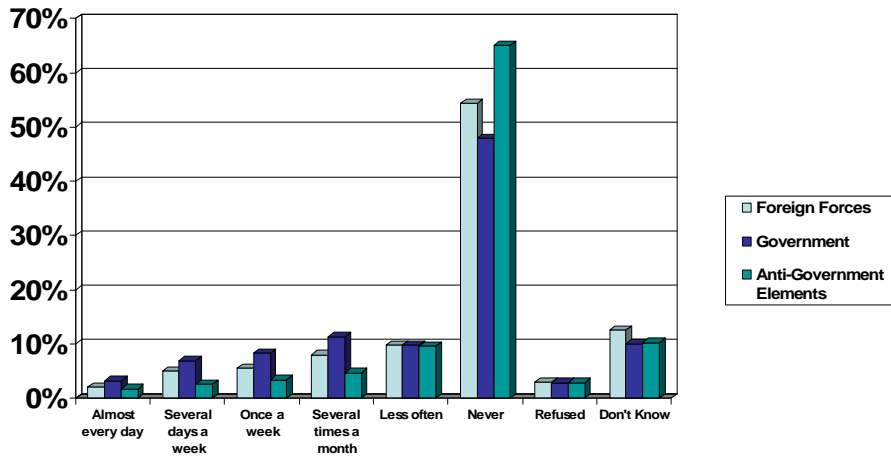
- Among international radios, BBC has the highest awareness (87%)



Note: Confusion between Sada-e-Azadi and Radio Azadi may have led to overrepresentation of Sada-e-Azadi respondents
NATO /UNCLASSIFIED/ LIM DIS

Fonte: MRA, 2008

In the past 6 months, how often have you seen/heard in your mantaqa...materials/messages from _____ ?

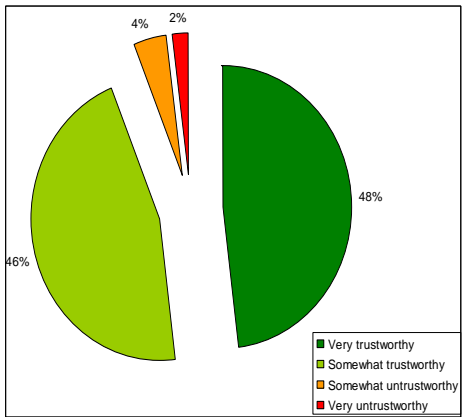
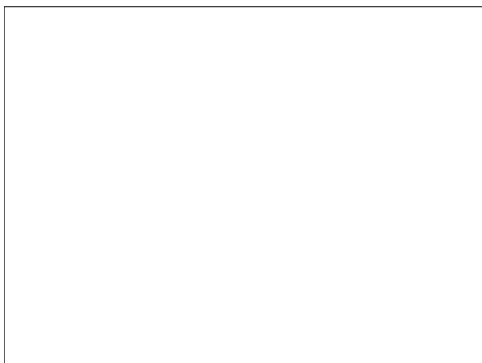


Fonte: ISAF, 2008b

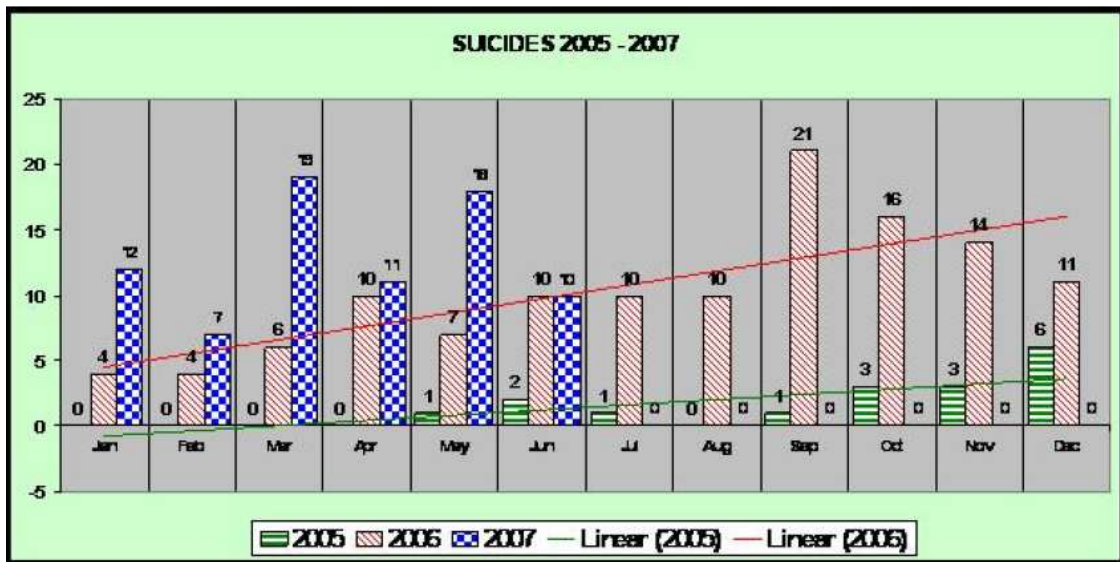
Of those who are familiar with Sada-e-Azadi Newspaper (18% of Afghans)...

Do you know who makes Sada-e-Azadi newspaper?

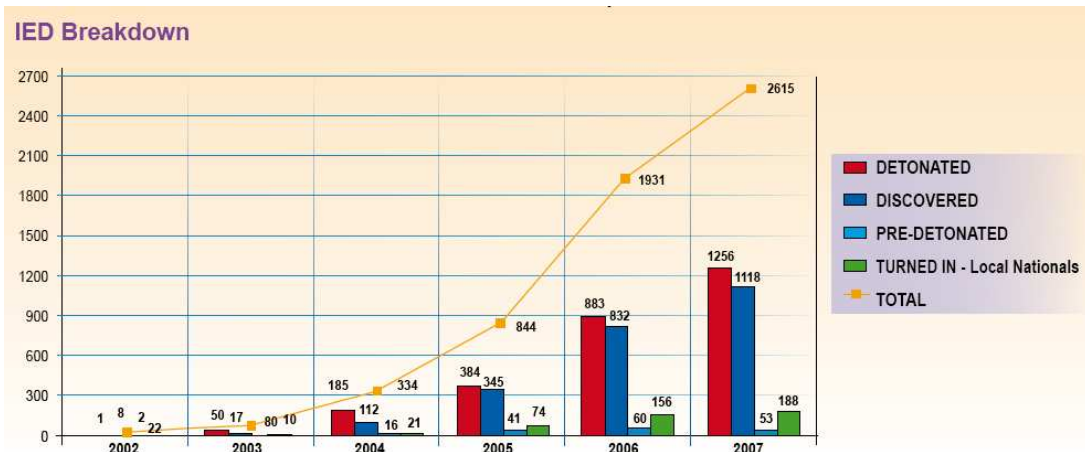
How trustworthy, in your opinion, is the information in Sada-e-Azadi Newspaper?



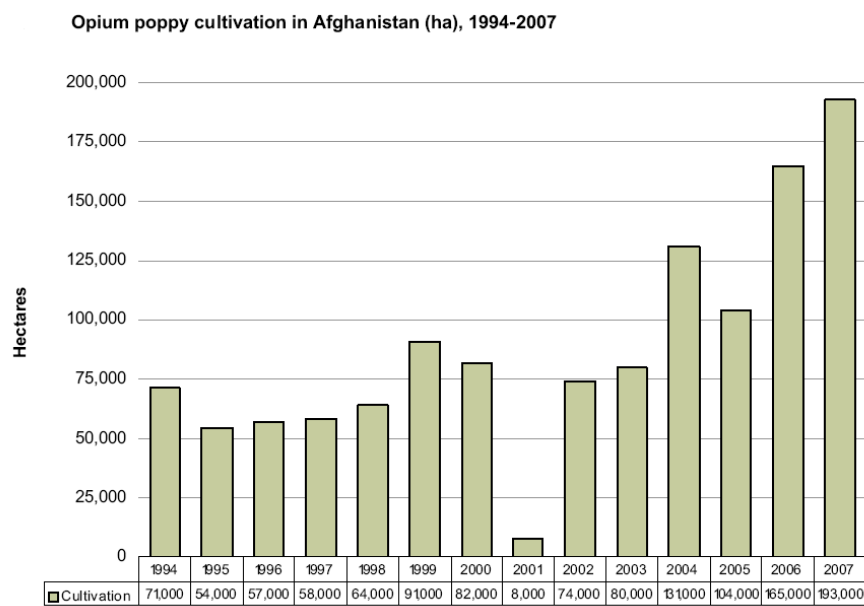
Fonte: ISAF, 2008b



Fonte: UNAMA, 2007

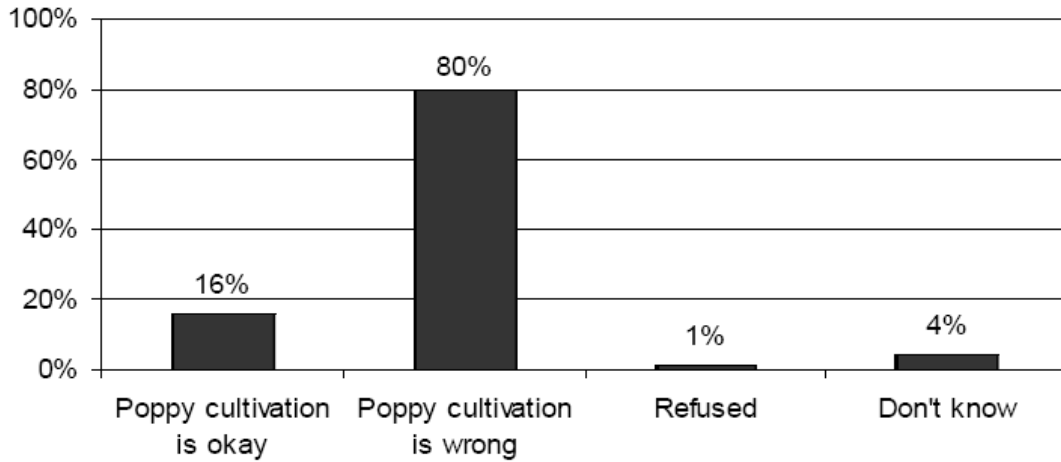


Fonte: NATO, 2008



Fonte: UN, 2007

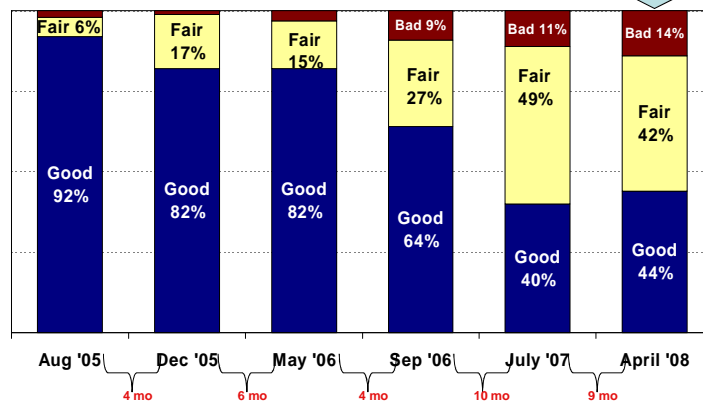
Some people say that poppy cultivation is okay, and that the government should not worry too much about it, while others say that it is wrong, and that the government should do more to stop it. Which is closer to your view? (Q-44, Base 6263)



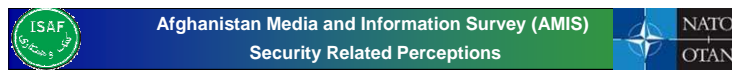
Fonte: ASIA FOUNDATION, 2007



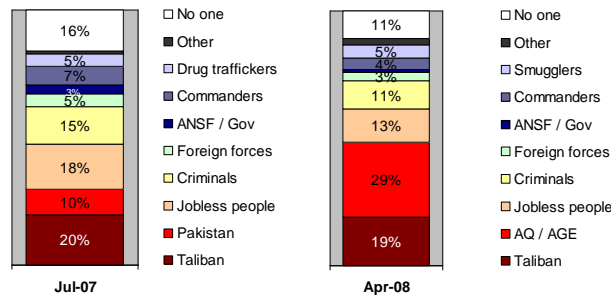
How is the security situation in your mantaqa?



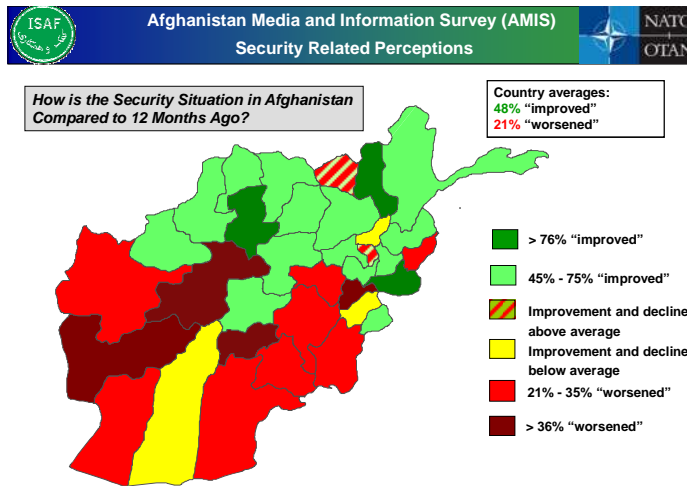
Fonte: ISAF, 2008c



"Who most brings insecurity to this area?"



Fonte: ISAF, 2008c

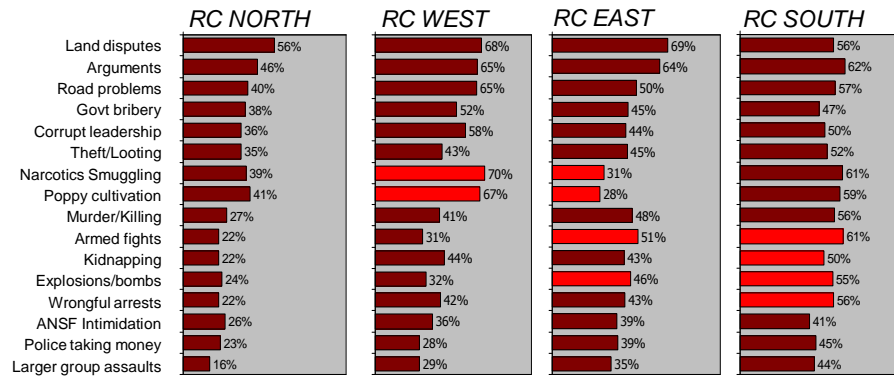


Fonte: ISAF, 2008c

MRA **Security Incidents: Regional** CSTC-A

RC South and RC East are marked by higher levels of incident reports across the board, while narcotics trafficking is mentioned frequently in RC West.

Which of the following you see or hear occurring frequently in your area/community at present?



Reports of security incidents are substantially lower in RC North

Narcotics trafficking on the Iranian border is of particular concern in RC West

Ironically poppy related activities are least reported in RC East. Violence activities are major issue.

Incidents of all sorts are higher in RC south

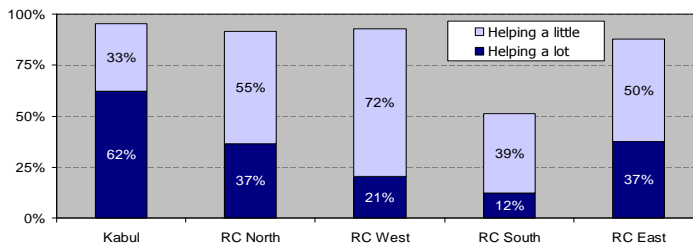
NATO // LIM DIS

Fonte: MRA, 2008

Reconstruction

A majority – outside RC south – see foreign forces as reconstruction actors, with credit most widely given in Kabul and least in RC South.

Are foreign forces helping in the reconstruction of Afghanistan?



CONFIDENTIAL: DO NOT DISTRIBUTE

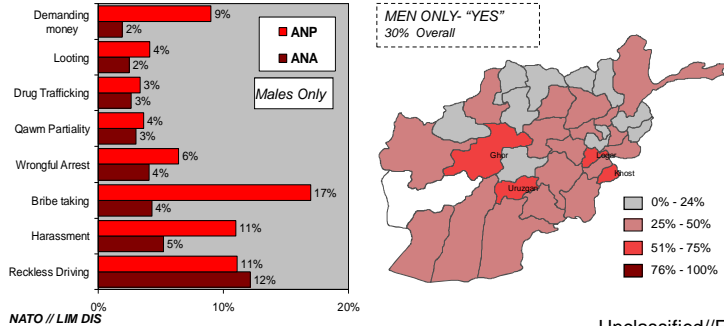
63

Fonte: ALTAI, 2006

MRA Public Image CSTC-A

Compared to the Police, the ANA have lower reported rates of misbehavior, esp when it comes to taking money wrongfully. Major complaint for the ANA is their behavior on the roads as that is usually where the populace encounters them.

"Have you heard of or seen the National Army behaving improperly?"



NATO // LIM DIS

Unclassified//FOU

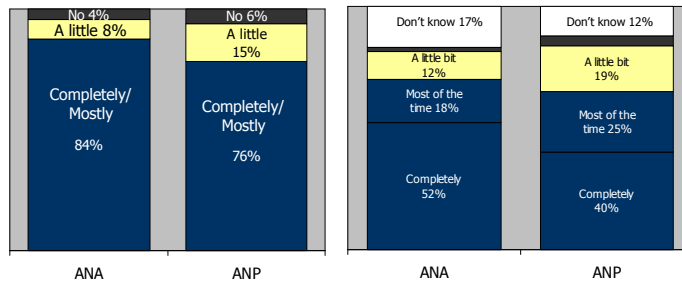
Fonte: MRA, 2008

Goodwill

The overwhelming majority of Afghans view the ANA and ANP with pride, and see them as national and impartial.

Are you proud of the ANA/ANP?

Does the ANA/ANP treat all qawms fairly?



CONFIDENTIAL: DO NOT DISTRIBUTE

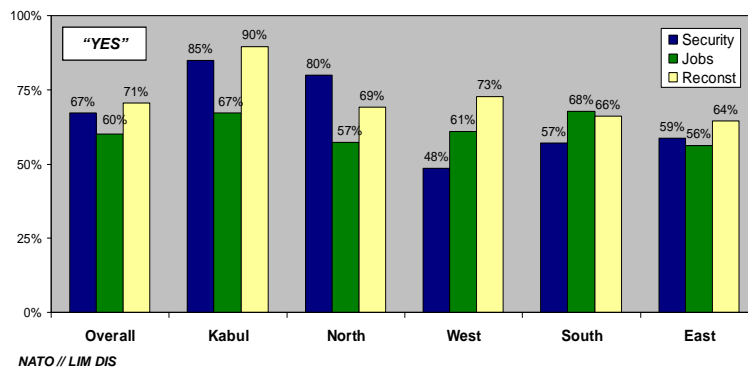
39

Fonte: ALTAI, 2006

MRA Confidence in the Govt CSTC-A

Regional differences in confidence of government exist with the western provinces least positive about security and north least positive about economic growth.

"Do you believe the Govt will be successful or not in the following things in the next few years?"

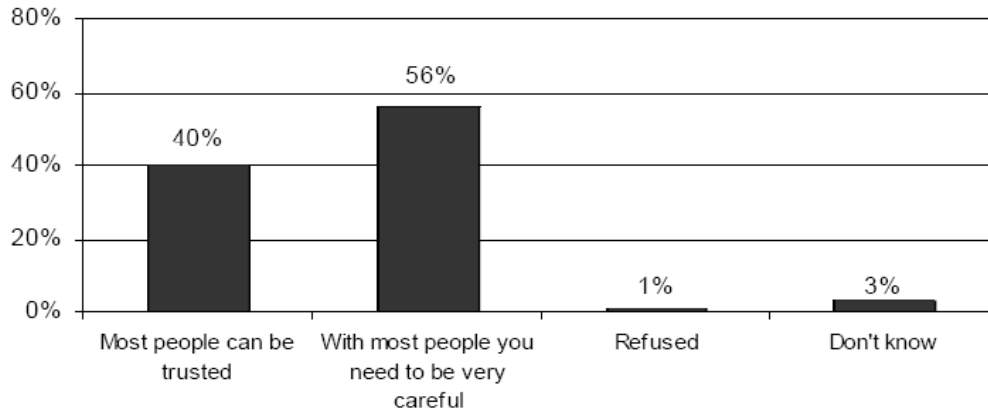


NATO // LIM DIS

Fonte: MRA, 2008

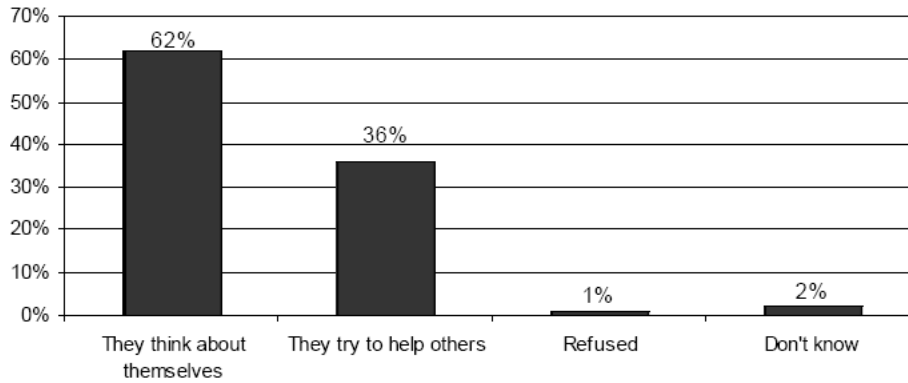
Anexos

Generally speaking, would you say that most people can be trusted or that you need to be very careful in dealing with people? (Q-53, Base 6263)



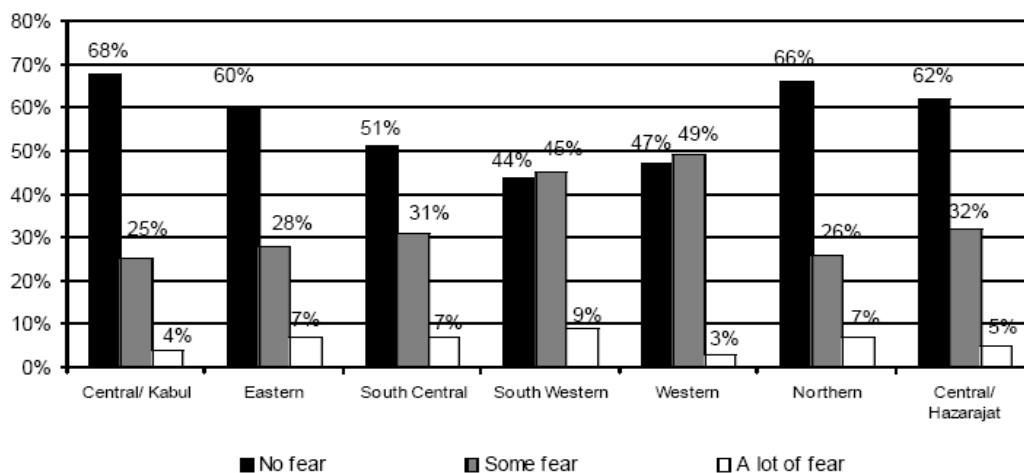
Fonte: ASIA FOUNDATION, 2007

Do you believe that in most instances people are only thinking about themselves or do you believe that in the most instances people try to help others? (Q-54, Base 6263)



Fonte: ASIA FOUNDATION, 2008

Please, tell me, whether you would Participate in resolving problems in your community with 'no fear', 'some fear' or a 'lot of fear'? (Q-30a, Base 6263)



Fonte: ASIA FOUNDATION, 2008